

Publicação Semestral
Distribuição gratuita

57

Revista

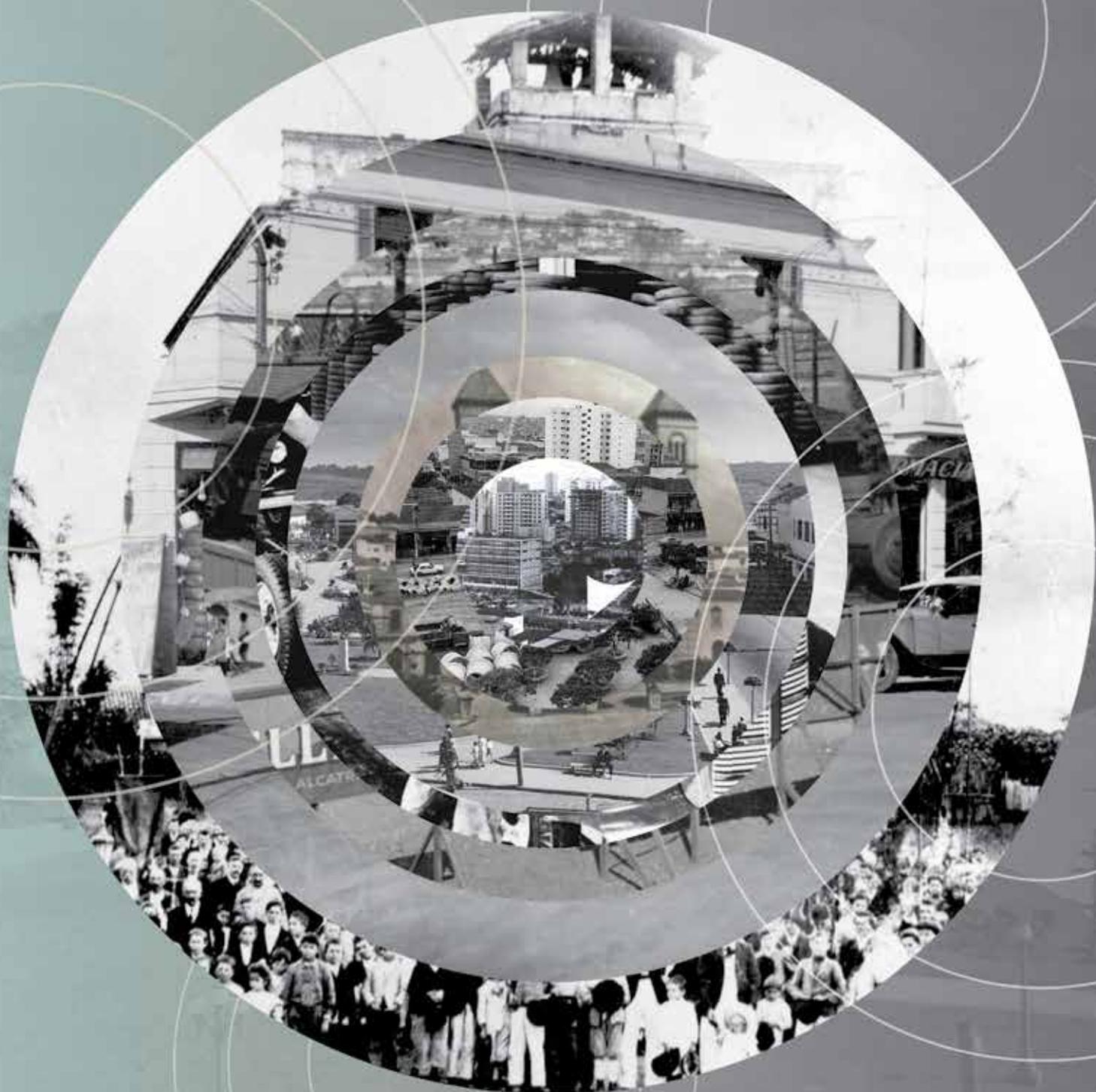
RAÍZES

São Caetano do Sul - Julho de 2018

Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

Ano XXX





Há 27 anos preservando sua memória

Revista

RAÍZES

Ano XXX – Número 57
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de
São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Julho de 2018

Av. Dr. Augusto de Toledo, nº 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul – SP
Fone/fax: (11) 4223-4780

PREFEITO MUNICIPAL

José Auricchio Jr.
SECRETÁRIO
MUNICIPAL DE CULTURA
João Manoel da Costa Neto

FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
PRESIDENTE
Charly Farid Cury
COORDENAÇÃO GERAL
Márcia Gallo

CONSELHO DIRETOR

Charly Farid Cury
(PRESIDENTE)
Anna Figueira
Breno Diorrener Pereira
Eva Bueno Marques
Francisco José Gripp Bastos
João Manoel da Costa Neto
João Tarcísio Mariani
Kátia Valéria Gomes de Souza
Luiz Domingos Romano
Márcia Gallo
Mônica Iafrate
Wagner Antônio Natale
William Pesinato

CONSELHO CONSULTIVO

Cláudio Prieto
Issao Toyoda Kohara
Ivo Pellegrino
José Luiz Cabrino
José Ramos Vitorino
Maria José Amaral Pante
Mário Porfírio Rodrigues
Mauro Vincenzi Laranjeira
Newton Mori
Sueli Bimbachi
Teruo Fujita
Valdo Armindo Rechelo

REVISTA RAÍZES

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Paula Fiorotti (Mtb. 28.927)

EDIÇÃO E REVISÃO

Cristina Ortega, Cristina Toledo
de Carvalho e Paula Fiorotti

COMISSÃO EDITORIAL

Charly Farid Cury (PRESIDENTE),
Ana Luisa Nóbrega Cury, Ana Maria
Guimarães Rocha, Antonio Reginaldo
Canhoni, Caio Bruno Siqueira de
Paula, Cristina Toledo de Carvalho,
Humberto Domingos Pastore,
Isabel Cristina Ortega, João Alberto
Tessarini, João Manoel da Costa Neto,
Mário Porfírio Rodrigues, Monica
Iafrate, Nelson Albuquerque Oliveira
Júnior, Paula Ferreira Fiorotti e
Roberta Sernagiotto Soares

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Roberta Giotto

SERVIÇO DE DIFUSÃO CULTURAL

Caio Bruno, Cristina Ortega,
Cristina Toledo de Carvalho, Paula
Fiorotti e Rodrigo Marzano Munari

FOTOGRAFIA, DIGITALIZAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE IMAGENS

Antonio Reginaldo Canhoni

APOIO À PESQUISA ICONOGRÁFICA

Jacqueline Nakagawa, Jussara
Ferreira Muniz e Monica Iafrate

CTP E IMPRESSÃO

SPgraf

WWW.FPM.ORG.BR



Fundação
Pró-Memória
São Caetano do Sul

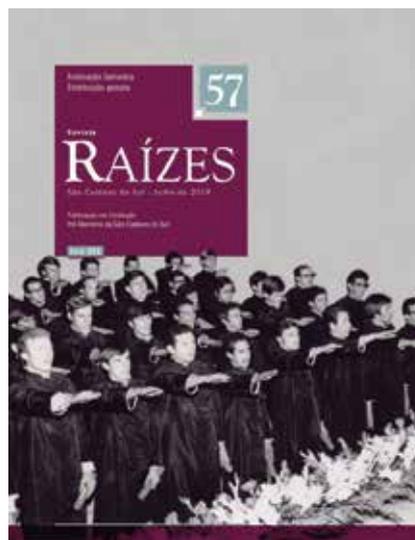
A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

Paula Fiorotti

Do dia 21 de janeiro de 1971, data da foto que ilustra este número de *Raízes*, e que retrata a cerimônia de formatura da primeira turma do curso de Administração da então Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais, muitas formaturas seriam realizadas por esta instituição, depois como Instituto Municipal de Ensino Superior (Imes), e, posteriormente, como Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs). Estamos comemorando 50 anos dessas formaturas, que simbolizam, na verdade, a evolução e o crescimento de uma instituição de ensino superior e de sua comunidade acadêmica.

São 50 anos de responsabilidade pela formação acadêmica de milhares de pessoas, nas mais diversas áreas do conhecimento. São cinco



décadas de investimentos na pesquisa, no desenvolvimento científico e nos programas de extensão. A Uscs chega a meio século de vida e a Fundação Pró-Memória celebra este marco histórico por meio da principal seção de sua tradicional publicação. Aos professores, alunos e funcionários da Universidade Municipal de São Caetano do Sul nosso reconhecimento pela admirável trajetória em prol da Educação, repleta de conquistas e realizações.

PAULA FIOROTTI

É FORMADA EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, COM ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL PELA FACULDADE CÁSPER LÍBERO E EM GESTÃO DE PATRIMÔNIO E CULTURA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO. É JORNALISTA RESPONSÁVEL DA REVISTA *RAÍZES* E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, SENDO MEMBRO DO CONSELHO MUNICIPAL DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, CULTURAL E AMBIENTAL DE SÃO CAETANO DO SUL (CONPRESCS).

ERRAMOS

MEMÓRIA

O artigo *Como tudo começou- A formação da Câmara Municipal de São Caetano do Sul e suas primeiras proposituras*, publicado na edição 56, de dezembro de 2017, informou incorretamente que José Lopes Filho, um dos vereadores da primeira legislatura municipal, havia falecido. Lopes Filho completará 95 anos em 1º de novembro próximo.

Charly Farid Cury

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

Tenho a honra de estar na presidência da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, contando com uma equipe de excelentes profissionais, em um momento histórico para a instituição. Esta edição da revista *Raízes*, publicação que se tornou referência na área de história e memória, marca o trigésimo ano de sua existência. Com seu primeiro número lançado em 1989, é uma ferramenta de reconhecimento e valorização do patrimônio cultural do município, representando, ainda, um incentivo à pesquisa da história de São Caetano e da região, sob diversos aspectos.

A trajetória da publicação é marcada por evoluções em vários sentidos. No decorrer de suas edições passou por mudanças e adaptações em seu conteúdo, tendo ampliado suas seções para receber artigos não somente sobre São Caetano, mas também sobre a região do ABC. Seu design gráfico também mudou bastante nesses 30 números, acompanhando os avanços tecnológicos e valorizando, a cada número, o material textual e visual apresentados.

Em sua 57ª edição, *Raízes* segue, firmemente, com sua missão de resgatar e divulgar os diversos aspectos de nosso passado. Nesse número, prestamos nossas reverências à Universidade Municipal de São Caetano do Sul, que chega aos 50 anos de atividades em 2018. Para celebrar a ocasião realizamos uma parceria com a instituição e o resultado foi a contribuição de professores, funcionários, alunos e ex-alunos,

que nos presentearam com artigos repletos de informações sobre a trajetória da universidade.

Contamos, ainda, com a colaboração de um importante personagem dessa história: Oscar Garbelotto. Sua filha, Morisa Garbelotto, relata as memórias do pai que, na época de fundação da entidade, era diretor municipal de Educação e Cultura. Outro relato enriquecedor resgata as memórias de Moacyr Antonio Ferreira Rodrigues, diretor da universidade de 1989 a 1992. Os ex-alunos Álvaro Juvenal da Conceição Ferreira, Moacir Ricci e Vagner Barbato, integrantes das primeiras turmas, nos procuraram com fotografias antigas de suas épocas de faculdade e muitas histórias para contar. Tudo isso e mais um pouco dessa instituição cinquentenária, que é referência no ensino superior do Brasil, está nas próximas páginas da seção *Em Foco*.

E *Raízes* vem com muito mais. Nossos pesquisadores, jornalistas e historiadores apresentam muitas pesquisas, entrevistas e registros fotográficos importantes que nos levam a tempos passados. Não podemos deixar de citar a contribuição de outros articulistas que tanto engrandece nossa revista. Nossa publicação é feita dessa maneira, a várias mãos. E assim, há 30 anos, vem se consolidando como uma das mais longevas revistas na área de história e memória do país. Vida longa à *Raízes*!

Charly Farid Cury

PRESIDENTE

Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



6



17



18



24

■ **EM FOCO**

6 **Cidade modernizada, cidade letrada**
O ensino superior em São Caetano do Sul e o surgimento da Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais
 CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

DEPOIMENTOS
 15 **ÁLVARO JUVENAL DA CONCEIÇÃO FERREIRA**
 16 **MOACIR RICCI**
 17 **VAGNER BARBATO**

18 **Memórias de um fundador**
 MORISA GARBELOTTO

24 **Uscs: uma trajetória de 50 anos em São Caetano do Sul**
 LUCIANO CRUZ
 PRISCILA F. PERAZZO

28 **A Uscs e os bons momentos da minha vida**
 MOACYR ANTONIO FERREIRA RODRIGUES

32 **A história narrada pelos protagonistas**
 LUCIANA CUNHA

39 **Uscs - 50 anos: uma experiência de memória institucional**
 ILEANE DA SILVA RIBEIRO

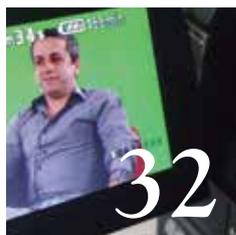
43 **Minha experiência na Uscs**
 JOYCE SIMPLICIA DE MORAES

46 **A universidade, a extensão e o desenvolvimento regional**
 JOAQUIM CELSO FREIRE

48 **Memória Fotográfica Especial**



28



32



39



48

MEMÓRIA

- 55 **As cinquentenárias escolas infantis de São Caetano**
CAIO BRUNO
- 59 **Pontes que nos unem**
CRISTINA ORTEGA
- Conjunto Residencial Bandeirantes e sua entidade representativa -**
65 **Uma história de cumplicidade, credibilidade e engajamento**
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO
- Por trás do “túmulo dos quatro anjos”: o Dr. José Franco de Castro Carvalho, um médico no distrito de São Caetano (décadas de 1910-1920)**
71 RODRIGO MARZANO MUNARI
- Estação São Caetano: 135 anos de embarques, desembarques e muita história**
78 CAIO BRUNO
- Família Scherk - História e movelaria na antiga Vila Paula**
82 CRISTINA ORTEGA

HISTÓRIA ORAL

- 85 **Um engenheiro do alumínio e da palavra**
RODRIGO MARZANO MUNARI

HOMENAGEM

- 91 **Ítalo Dal’Mas: advogado e cronista dos “fundadores” de São Caetano**
RODRIGO MARZANO MUNARI

CURIOSIDADES

- 97 **Você sabe quem foi?**
CRISTINA ORTEGA

ARTIGOS

- 99 **A primeira esmola da história de São Caetano**
JOSÉ DE SOUZA MARTINS
- Museu Sagrada Família e a importância da Arte Sacra como elemento de fé e cultura**
103 CRISTIANE GONÇALVES PAVANI
- Pecúlio de convicções: uma leitura do emblema das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo**
106 ANDRÉ APARECIDO BEZERRA CHAVES



ESPORTES

- 112 **Luiz Domingos Romano, paixão pelo futebol nas copas**
RENATO DONISETTE PINTO

POESIAS E CRÔNICAS

- O saudoso Mercado Municipal de São Caetano do Sul**
115 MARCOS EDUARDO MASSOLINI

REGIONAIS

- Salas de cinema na Vila de S. Bernardo (1911 - 1930)**
117 JORGE HENRIQUE SCOPEL JACOBINE

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

123

RAÍZES E RETRATOS

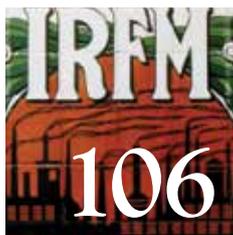
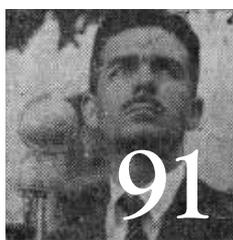
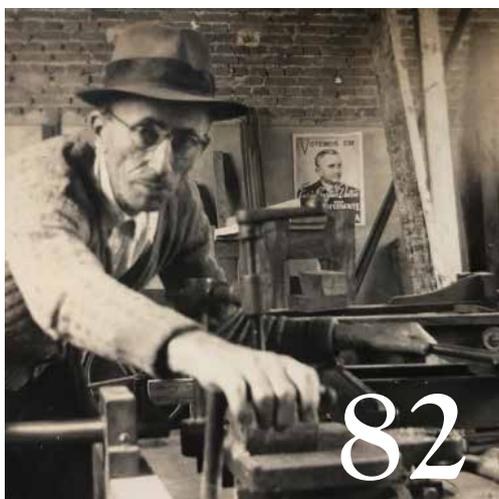
130

BAÚ DE MEMÓRIAS

135

REGISTRO

137



Cristina Toledo de Carvalho

Cidade modernizada, cidade letrada

O ensino superior em São Caetano do Sul e o surgimento da Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

A partir da segunda metade da década de 1960, durante a primeira gestão do prefeito Hermógenes Walter Braido (1965-1969), São Caetano do Sul foi palco de significativas transformações decorrentes de ações implementadas em vários setores, com o propósito de promover uma reestruturação dos serviços e equipamentos públicos da cidade. Assim, a ideia transmitida pelos meios de comunicação era a de que um novo município estava sendo construído, bem distinto daquele dos primeiros anos após a conquista da autonomia política, ainda acanhado no que tangia à infraestrutura urbana e, notoriamente, dependente dos grandes centros vizinhos e de iniciativas provenientes do associativismo de cunho assistencial e filantrópico, quando o assunto era o atendimento das demandas da população. Não à toa, portanto, que a expressão *Cidade Nova* foi a escolhida para designar a administração Braido, sintetizando a sua proposta de edificação de uma outra São Caetano: a da modernidade.

No cenário projetado então pelo governo municipal, sobressaíram-se algumas esferas, que, em razão da atenção recebida e dos altos investimentos obtidos, tornaram-se a bandeira representativa daquela administração e uma das maiores marcas da modernização em curso na cidade. Dentre as áreas tratadas com prioridade, estava a da educação, favorecida por uma orientação administrativa que privilegiava a construção de um número significativo de escolas em cada canto da localidade, justificando o porquê de São Caetano ter se popularizado, na época, como o município onde escola não era problema.

Desta forma, a política educacional empreendida pelo governo de Walter Braido pro-

moveu não só a expansão escolar em seus níveis oficiais, como também criou condição para o surgimento de estabelecimentos encarregados, extraoficialmente, da difusão de currículos que contemplavam, por exemplo, o ensino de algumas linguagens artísticas, dentre outros conteúdos. Foi sob esse contexto que instituições como a Escola Municipal de Bailado (surgida em 1965 com o nome de Curso Municipal de Balé) e a Fundação das Artes (criada em abril de 1968) apareceram no cenário sul-são-caetanense.

Beneficiada pelo incentivo concedido ao segmento da educação, a área cultural desenvolveu-se, em São Caetano, em estreito diálogo com tal segmento, refletindo a efervescência e o entusiasmo reinantes na cidade, naquela segunda metade dos anos 1960, apesar da circulação de um prognóstico nada animador para a vida política brasileira. Esta cairia em colapso diante do avanço do regime ditatorial, que, desde 1964, vinha ferindo a democracia do país. Contudo, o seu aniquilamento total viria apenas quatro anos depois, mais precisamente em dezembro de 1968, com a entrada em vigor do Ato Institucional Número 5 (AI-5).

Edifício do Imes, na Avenida Goiás, em foto de meados da década de 1970, aproximadamente (no local, hoje está o campus Barcelona da Uscs). Em destaque, a imagem de São Pedro, esculpida pelo artista Agenor Francisco dos Santos, e instalada no jardim fronteiro ao prédio, em 1975. Por décadas, tal imagem guardou a entrada da instituição

Embora o quadro conjuntural não acenasse com boas perspectivas para o Brasil, o tempo era de esperança em São Caetano, por conta, especialmente, das transformações importantes em trânsito. Sem levar em conta o mérito dos aspectos relativos ao alinhamento do poder público municipal ao projeto ditatorial brasileiro (assunto este que, em razão de sua extensão e complexidade, merece ser tratado, com profunda atenção, em pesquisas mais amplas e detalhadas), a urbe sul-são-caetanense entraria definitivamente na modernidade em 1968.

Controverso para o Brasil e emblemático para São Caetano do Sul, o referido ano marcou, na cena local, o surgimento não só da Fundação das Artes, entidade síntese¹ do conjunto de obras e realizações encetadas pela administração Braidó, nos âmbitos educacional e cultural, como ainda selou o início das atividades da então Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais. A referida faculdade, ao incorporar um curso de Administração que funcionava desde 1967 na cidade, deu origem ao Instituto Municipal de Ensino Superior, o antigo Imes (atual Universidade Municipal de São Caetano do Sul - Uscs).

Mais uma vez, *Raízes* presta tributo, em sua seção *Em Foco*, a uma instituição sul-são-caetanense que, em 2018, comemora o seu Jubileu de Ouro. Para além do protocolo de eventos ensejados pela comemoração da data, encontra-se a oportunidade do encaminhamento de algumas reflexões. Problematizar, discutir e compreender o tema em pauta nessa edição, sob uma perspectiva histórica, são os desafios propostos por este artigo.

O ensino superior na cidade: breve panorama

– Em 1965, quando da chegada de Hermógenes Walter Braidó ao comando do poder Executivo local, as estatísticas em relação ao ensino universitário na cidade não eram promissoras. Além de apresentar baixo grau de escolaridade, a população adulta do município tinha o seu acesso a cursos superiores dificultado pela quase inexistência de instituições do gênero na localidade (na ocasião, apenas a Escola de Engenharia Mauá integrava o quadro universitário sul-são-caetanense). Em 1966, contando com, aproximadamente, 172 mil habitantes, São Caetano do Sul apresentava 3,73% de sua população escolar no nível superior.² Por outro lado, levando em consideração o seu número total de habitantes,

cerca de 950 pessoas estavam matriculadas no ensino universitário, correspondendo a uma taxa de apenas 0,5%.³

Pelos números apresentados, pode-se concluir que o município teria de enfrentar tal situação com o mesmo empenho que buscava solucionar outras questões, como as alusivas à infraestrutura, que compreendiam, sobretudo, demandas oriundas das áreas de saneamento básico, higiene urbana, iluminação e vias públicas. Considerando que a cidade havia se notabilizado como o município onde escola não era problema, chegando, por força disso, a ser o único da América do Sul presente na Conferência Internacional de Planejamento Governamental, realizada em Bangkok, na Tailândia, em 1967, ocasião em que foram apresentados os resultados obtidos pela política educacional promovida pela municipalidade, os baixos percentuais relativos ao número de moradores no ensino superior contrariavam o quadro de pujança e desenvolvimento que se configurou em torno das experiências educacionais sul-são-caetanenses. Se comparado com os índices concernentes às porcentagens de matriculados nos níveis primário e secundário de ensino, o percentual alusivo ao segmento

Cláudio Musumeci, primeiro diretor da Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais, aplicando trote em um calouro da turma pioneira de alunos ingressantes. O primeiro vestibular da instituição aconteceu entre os dias 22 e 25 de julho de 1968



universitário estava em nítida desvantagem na cidade. Informações atinentes ao ensino primário local, veiculadas pela delegação sul-são-caetanense naquela Conferência de Bangkok, ratificam a disparidade:

[...] em termos da realidade nacional, encontra-se o município em situação privilegiada, pois que, com apenas 14,74% de crianças em idade escolar não matriculadas, oferece larga vantagem sobre o índice brasileiro, que é de apenas 49,6% de matrículas, para as mesmas idades.⁴

Em face dessa conjuntura, o poder público municipal articulou-se no sentido de criar condição para a instalação de faculdades em São Caetano. Em 1962, durante o segundo mandato do prefeito Anacleto Campanella (1961-1965), a municipalidade autorizou a desapropriação de terreno situado na Estrada das Lágrimas, tendo em vista a instalação da Escola de Engenharia do Instituto Mauá de Tecnologia. Já na administração Braidó, com a conclusão daquela desapropriação, observou-se a efetivação da escritura de doação do terreno em questão, em julho de 1967.⁵ Em contrapartida, a instituição comprometeu-se a admitir, anualmente, “estudantes pobres, apresentados pela Prefeitura Municipal,”⁶ em um equivalente a 5% do total das matrículas efetuadas.

Em 1966, no ano seguinte ao da primeira aula da Escola de Engenharia Mauá na cidade (ocorrida no dia 20 de março de 1965), chegava a São Caetano a Faculdade Paulista de Serviço Social. Então agregada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), instalou-se, inicialmente e em caráter provisório, em salas da então Escola Dom Benedito Paulo Alves de

Souza. Segundo consta, a previsão era a de que a Faculdade de Serviço Social ocupasse um prédio construído pela prefeitura na Avenida Goiás, nº 2.000.

A participação da municipalidade nos processos que objetivavam o estabelecimento de instituições de ensino superior em São Caetano ocorria, em regra, por meio da celebração de convênios. A partir deles, o poder público obrigava-se a ceder terrenos e/ou edifícios para a instalação daquelas instituições, além também de uma dotação anual. Por outro lado, as entidades universitárias comprometiam-se a conceder bolsas de estudo a moradores da cidade sem condição de proverem, financeiramente, sua estada nos cursos. Essa orientação, que já havia sido verificada junto ao Instituto Mauá e à Faculdade de Serviço Social, norteou também a instalação, em 1967, da Escola Superior de Administração de Negócios (Esan) na localidade. Mantida pela Ação Social Padre Saboia de Medeiros, a Esan, que, na época, funcionava como um instituto complementar da PUC/SP, teve sua história ligada à da Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais, conforme detalhado mais adiante.

Naquele ano de 1967, as movimentações nos bastidores do poder, que redundariam na criação da mencionada faculdade, tiveram início. Com o surgimento desta, os esforços da administração municipal em prol da supressão da lacuna que, até a primeira metade do decênio de 1960, existia no setor universitário da cidade ficariam mais evidentes. A reversão de tal quadro tornou-se prioridade, algo perfeitamente compreensível frente ao cenário que se delineava na ocasião. São Caetano do Sul, município altamente industrializado e gerido por um governo que

tinha na esfera educacional o seu carro-chefe, não poderia manter essa defasagem em relação ao ensino superior. A modernização em marcha na localidade potencializava as demandas, impondo a necessidade por mão de obra qualificada. O letramento da população era uma exigência, devendo expandir-se em direção a diferentes níveis para melhor atender aos reclamos da rotina econômica local, naquela época ainda marcada pela preponderância do setor industrial.

Esse fato explica o crescimento do ensino profissionalizante em São Caetano, que ocupava uma posição relevante junto à vida letrada do município. A cargo de um amplo apoio do poder público municipal, tais cursos ganharam visibilidade e um salto em termos qualitativos e quantitativos, principalmente em função dos convênios firmados entre a municipalidade e instituições como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e Serviço Social da Indústria (Sesi). Segundo dados informados pela administração municipal, “trezentas e dezoito indústrias, durante o ano de 1966, mandaram seus empregados cursar os diversos cursos de especialização do Copi (Cursos de Orientação Prático-Industrial).”⁷

Por força dessa situação conjuntural, é justificável que a promoção do ensino superior em São Caetano tenha começado com cursos mais afinados com a área industrial, como o de Engenharia e o de Administração de Negócios.

A Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais – O fato de as requisições industriais terem sido a mola propulsora do desenvolvimento inicial do ensino universitário na cidade não significa que este tenha se restringido apenas a cursos que melhor respondiam a

tais requisições. Levando em consideração que, quando da chegada de Braido ao comando do Executivo sul-são-caetanense, em 1965, um dos grandes desafios apresentados pelo segmento da educação era o relativo ao alavancamento do ensino de nível superior, ainda prematuro e incipiente frente aos demais níveis e graus de escolaridade na cidade, tornou-se meta, portanto, a adoção de medidas que pudessem promovê-lo.

Embora o diálogo com as demandas provenientes do parque fabril da localidade tenha atuado como diretriz para a instalação das faculdades pioneiras, tal orientação não engessou o processo de expansão dos cursos universitários no município, no decorrer da segunda metade da década de 1960, uma vez que não os vinculou somente às necessidades do mercado industrial. Tanto é que, além da Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais, São Caetano do Sul preparava-se para receber mais um estabelecimento de ensino superior, em dezembro de 1968, quase cinco meses depois da realização da aula inaugural daquela faculdade. Por determinação da lei nº 1.736, de 6 de dezembro daquele ano, a prefeitura recebeu autorização para celebrar convênio com o Instituto Superior de Educação (ISE), tendo em vista a instalação e o funcionamento de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras no município⁸.

O surgimento da Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais e a previsão de funcionamento de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras sugerem que o ensino superior estava começando a sofrer uma guinada na cidade, no final dos anos de 1960. A diversificação da oferta de cursos, nesse período, pressupõe a disseminação de novas exigências no cenário sul-são-caetanense. Estas, por sua vez, apontam para o

crescimento da cidade e, conseqüentemente, para a observância de uma gama maior de serviços burocráticos e intelectuais em seu cotidiano, no qual se intensificam a produção e a apropriação de atividades culturais, bem como a circulação de ideias, evidenciando a existência de uma relação simbiótica entre a cidade modernizada e a cidade letrada. No entender de Ángel Rama, nas

idades onde o progresso econômico havia distendido a sociedade, aumentando o número de potenciais consumidores e provendo-os de recursos suficientes, presenciar-se-ia uma constante atividade intelectual para abastecer esse público de ideias e objetos culturais [...]⁹

Em face dessa relação simbiótica, o próprio surgimento da Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais é fruto do avanço integrado da modernização e do letramento em São Caetano. A preocupação com as contingências que se impunham então na cena municipal pautou as articulações da comissão instituída pelo prefeito Braido para cuidar dos trâmites necessários à implantação de uma faculdade de Ciências Econômicas na localidade. Os trabalhos de tal comissão, presidida por Oscar Garbelotto (na época, diretor do Departamento de Educação e Cultura do município – Depec) e constituída por Cláudio Musumeci, Rubens Lopes de Figueiredo, Milton Feijão e Fábio Teixeira, resultaram na criação da Faculdade Municipal de Ciências Econômicas e Contábeis, nos termos da lei nº 1.611, de 19 de setembro de 1967.

Os estudos conduzidos pelos membros da comissão apontaram, entretanto, que o curso de Ciências Contábeis não seria o mais apropriado para aquele momento. Como o objetivo da municipalidade era o de dar prioridade ao esta-

belecimento de cursos não ofertados nas redondezas, optou-se pela não instalação daquele curso, uma vez que um de igual conteúdo já existia no município vizinho de Santo André. Assim, a comissão decidiu pela substituição do curso de Ciências Contábeis pelo de Ciências Políticas e Sociais. Dessa forma, a lei nº 1.627, de 22 de novembro de 1967, alterou a redação do artigo 1º da lei inicial (a de nº 1.611), autorizando o poder Executivo local a criar, organizar e instalar, em forma autárquica, a Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais.

Após a obtenção da autorização definitiva para o seu funcionamento, expedida pelo governo do Estado, por meio do decreto nº 49.983, de 15 de julho de 1968, a faculdade teve o seu primeiro vestibular ocorrido entre os dias 22 e 25 de tal mês. Na ocasião, foram abertas 80 vagas para o curso de Ciências Econômicas e 50 para o de Ciências Políticas e Sociais. Concluído o concurso vestibular e já com o seu corpo diretivo constituído, desde 12 de julho (o mesmo foi formado por Cláudio Musumeci, diretor, e os professores Celso Sebastião de Souza e Rubens Lopes de Figueiredo, vice-diretor e secretário, respectivamente), a novata faculdade teve a sua aula inaugural proferida pelo então vice-governador estadual, Hilário Torloni, no dia 31 de julho de 1968, na Câmara Municipal de São Caetano do Sul. No dia posterior, as aulas eram iniciadas a cargo dos seguintes professores, considerados fundadores da faculdade: Carlos Alberto Garcia Callioli, Celso Sebastião de Souza, Cláudio João Dall’Anese, Clóvis Gloeden, Luis Osiris da Silva, Orestes Gonçalves, Paulo Nathanael Pereira de Souza, Oscar Garbelotto, Jacob Salvador Zveibil e Rodovalho Rego Souto.¹⁰

Instalada, provisoriamente, no prédio da Escola Anacleto Campanella, a Faculda-

de de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais teria como sede o edifício que hoje abriga a Fundação das Artes, na Rua Visconde de Inhaúma. Construído para receber a faculdade, esse prédio teve sua destinação modificada em razão da rescisão do convênio (em janeiro de 1969) mantido pela prefeitura junto à Escola Superior de Administração de Negócios (Esan). Ligada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a Esan, em decorrência do aludido convênio, instalou uma seção em São Caetano em 1967. Inicialmente, essa Escola de Administração se alojou na parte superior do Teatro Santos Dumont, estabelecendo-se, depois, no prédio da Escola Estadual Professora Joana Motta. A permanência nesse último local observar-se-ia até o término da construção de seu edifício próprio, situado na Avenida Goiás.

Em virtude da rescisão, os alunos da seção de São Caetano da Esan, então ingressantes no terceiro ano do curso, foram transferidos para a Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais, episódio que desencadeou a criação do curso de bacharelado em Administração na-

FORMANDOS

ADILSON MARQUEZ
 AGENOR LISTULIN
 ALBERTO TIJUNELIS
 ALVARO JUVENAL DA CONCEIÇÃO FERREIRA
 ANTONIO CARLOS CORREA CAPOCHIN
 ANTONIO DA CUNHA E SILVA
 ANTONIO LEMES PETRUCCI
 ARMANDO MARCHI
 CARLOS ANGELO GOBBI
 CARLOS ROBERTO BERGOLE
 CELIO PEDRO DE SOUZA
 DARIO BERNARDES DIAS
 DORIBES BRAZ DA COSTA
 EDIVAL TATTI
 EDSON EVANGELISTA DA SILVA
 EDUARDO RACIUNAS
 EMILIO ORTIZ VALVERDE
 ERYVAL SANTO ANDRE
 ESLEY VITOR MASSAINI
 FIORAVANTE ASPERTI FILHO
 HELCIO SILVA
 HILDEBERTO ANTONIO PERRELLA
 HUMBERTO DOS SANTOS LISBOA
 JOÃO PINTO DO AMARAL
 JORGE UNTEM
 JOSÉ CARLOS BAOR
 JOSÉ LUIZ DOS SANTOS
 JOSÉ VILHENA URQUIZA
 JULIO STANKEVICIUS
 KAMUJI SAITO
 KOITI OSAWA
 LUIZ CARLOS DE MELLO
 MOACIR RICCI
 MAURICIO JOSÉ MARTINEZ
 MASSAU GOTO
 MARIO SERGIO LOPES BARROS
 NELSON DA SILVA
 NELSON AUGUSTO
 NELLO COLOMBANI FILHO
 PAULO YAMASAKI
 RAMÃO HERRERA NETO
 RENATO GANCIAR
 RENATO ZANDOMENEGHI
 ROBERTO CARLOS TOSCHI
 ROQUE ANTONIO HELENA
 ROQUE FERRAZ DE CASTRO
 RUBENS ANTUNES DE CASTRO
 SIDNEI COLEONE
 WALTER SANCHEZ
 WALTER YEBER
 WILSON OCTAVIO GASQUES
 YOSHIKI HAYASHI

PROFESSORES

AFONSO CELSO FRAGA SAMPAIO AMARAL
 AGOSTINHO BORGES DE FREITAS
 AIRTON NOVAZZI
 ANTONIO FLORENCIO DE LIMA PINHEIRO
 ANTONIO PASCHOAL RODOLPHO AGATTI
 ANSELMO NAKATANI
 ALFONSO TRUJILLO FERRARI
 ANDRÉ RUBENS DIDONE
 ARMANDO JOÃO CAROPRESO
 ARNALDO SALVO CONCEIÇÃO
 CARLOS ALBERTO DO NASCIMENTO BRAGHETTO
 CARLOS ERNESTO GAGLIANONE
 CELSO SEBASTIÃO DE SOUZA
 CELSO WAACK BUENO
 CLÁUDIO JOÃO DALL'ANESE
 CLÓVIS GLOEDEN
 DENIS DONAIRE
 DILMA DE MELO SILVA
 EDSON CERVIGLIERI
 FERNANDO CONTRO
 FERNANDO VICENTE VICENTE
 FLÁVIO DE BRAGA
 FRANCISCO GARCIA MONREAL JUNIOR
 HUGO BENATTI JUNIOR
 JAMIL MUNHOZ BAILÃO
 JOAQUIM DE LIMA DELGADO
 JOSÉ HENRIQUE MARCONDES MACHADO
 JOSÉ MARIA DE CASTRO BERNILS
 JOSÉ NOVAES PATERNOSTRO
 JULIO GOMES BERRA
 KENJI UEHARA
 LAURITO ANTONIO PERRELLA
 LUIZ OSIRIS DA SILVA
 MARIA ALICE DOS REIS ARAUJO
 MARIO GHISLANDI
 ORESTES GONÇALVES
 OSCAR GARBELOTTO
 PAULO NATHANIEL PEREIRA DE SOUZA
 RODOVALHO REGO SOUTO
 ROSA ESTER ROSSINI
 RUBENS LOPES DE FIGUEIREDO
 SALVADOR PERROTTI
 SERGIO BOLSONARO MESSIAS
 SHOTOKU YAMAMOTO
 THEODORICO BERNAL DA COSTA PINHEIRO
 WALTER DOS SANTOS
 WERTHER KRAUSE

Relação com os nomes dos professores e formandos do Imes, extraída do convite relativo à cerimônia de formatura da primeira turma do curso de Administração da instituição. Tais formandos eram provenientes da seção de São Caetano da Esan. Com a rescisão do convênio que existia entre a prefeitura e essa Escola de Administração, seus alunos, então ingressantes no terceiro ano do curso, foram transferidos, no início de 1969, para a então Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais (posteriormente, Imes). A cerimônia de formatura aconteceu no Teatro Municipal Paulo Machado de Carvalho, no dia 22 de janeiro de 1971.

quela faculdade, conforme determinação da lei municipal nº 1.751, de 20 de fevereiro de 1969. Seis meses depois, no dia 26 de agosto, o governo do Estado, por meio de decreto, ratificava a aprovação dada pelo Conselho Estadual de Educação para a instalação do curso de Administração na então Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais. Por conta disso, a instituição passou a ser chamada de Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas, Políticas e Sociais. Posteriormente, a lei nº 1.836, de 26 de maio de 1970, transformou essa faculdade em Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul, cuja sigla Imes tornou-se a marca pela qual a entidade ficou conhecida por quase quatro décadas.

Ainda no início de 1969, os alunos da Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais, juntamente com os recém-incorporados discentes oriundos da Esan, passaram a ocupar o prédio da Avenida Goiás, então construído para esta última, o qual integra, atualmente, o campus Barcelona da Uscs. Desfecho feliz para um momento envolto de incertezas e tensões, dentre tantos outros episódios que compõem a trajetória cinquentenária da hoje conhecida Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

Fazer memória à sua caminhada significa abraçar o desafio do desvelar das tramas que engendram a sua história e a do município. Am-

bas se entrelaçam, sinalizando as transformações significativas verificadas na cidade, a partir da segunda metade da década de 1960. As realizações da primeira gestão do prefeito Hermógenes Walter Braidó, nas quais se insere o surgimento da Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais, célula-mãe da Uscs, são elucidativas do quadro conjuntural que se formava então em São Caetano. Um quadro que trazia, em seu bojo, as marcas de uma transição histórica: a da passagem da condição de subúrbio, que caracterizara a feição da cidade, desde, pelo menos, o século 18, em virtude de sua conformação aos centros urbanos maiores dos arredores, para a São Caetano da modernidade.

Não há dúvida de que, para o desenho desta, o governo Braidó contribuiu decisivamente. O lema *Cidade Nova*, utilizado por tal gestão, traduz as transformações em curso na localidade, na ocasião. A ideia de ruptura ou transição inerente a esse lema ajuda a explicitar o contexto histórico efervescente sob o qual a cidade estava. Sua roupagem suburbana não mais cobria os anseios que salpicavam no cotidiano sul-são-caetanense, naquela segunda metade do decênio de 1960. O momento histórico era propício para a costura de uma outra veste. A que melhor pudesse tecer a São Caetano que emergia da modernização, do letramento e de outras iniciativas em favor de um ideal de município. **R**

NOTAS

¹ Para mais informações sobre esta ideia e outras atinentes ao contexto histórico no qual se deu a criação da Fundação das Artes, consultar: CARVALHO, Cristina Toledo de. A criação da Fundação das Artes e a modernidade em São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 56, p. 6-17, dez. 2017.

² PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. *Planejamento Municipal de Educação: uma experiência com resultados propositivos relativa ao planejamento de educação no âmbito municipal*. 1967. Tese (Delegação Brasileira) – Contribuição da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil, à Conferência Internacional de Planejamento Governamental de Bangkok, Tailândia, 1967, p. 22.

³ *Ibidem*, p. 24.

⁴ UNESCO. *La situación educativa em America Latina*, 1960 apud PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL, *op. cit.*, p. 24.

⁵ BARBOSA, Marli. Instituto Mauá de Tecnologia: 29 anos de presença constante. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 10, p. 53-56, jan. 1994, p. 54-55.

⁶ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. Dois anos de trabalho e tranquilidade. *Suplemento especial referente à primeira gestão de Hermógenes Walter Braidó*, São Caetano do Sul, abr. 1967, sem paginação.

⁷ *Ibidem*, sem paginação.

⁸ Nos termos do convênio celebrado entre a prefeitura e o Instituto Superior de Educação (ISE), este ficaria encarregado da instalação e funcionamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras no município, a partir de 1969, enquanto aquela se incumbiria da entrega do prédio situado na Rua Visconde de Inhaúma ao referido instituto. É sabido que tal prédio, a princípio, seria destinado à instalação da Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais, mas, em razão de uma reviravolta nos bastidores, o espaço acabou sendo ocupado pela Fundação das Artes.

⁹ RAMA, Ángel. *Cidade das letras*. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 126.

¹⁰ INSTITUTO MUNICIPAL DE ENSINO SUPERIOR. *IMES 78, 10 anos*. São Caetano do Sul, 1978, p. 4.

CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

É DOUTORANDA NO PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM HISTÓRIA DA PUC/SP E MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL POR ESTA MESMA UNIVERSIDADE. É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL E AUTORA DO LIVRO *MIGRANTES AMPARADOS: A ATUAÇÃO DA SOCIEDADE BENEFICENTE BRASIL UNIDO JUNTO A NORDESTINOS EM SÃO CAETANO DO SUL (1950-1965)*, PUBLICADO POR TAL INSTITUIÇÃO EM 2015.

DEPOIMENTO

Álvaro Juvenal da Conceição Ferreira



Ferreira recebe diploma das mãos de Hermógenes Walter Braido

“A vontade e a determinação de entrar em uma faculdade se faziam presentes em todo jovem que sonhava em ter um futuro melhor. Comigo não era diferente.

Enquanto concluía o curso técnico em Contabilidade, me preparava para isso, frequentando aquelas aulas maçantes aos finais de semana, no chamado cursinho para vestibular. Foi difícil, mas gratificante, pois permitiu meu ingresso no curso de Administração de Empresas.

Aqui começa uma história que completa uma era dourada, os 50 anos do meu ingresso na faculdade. Participar da comemoração deste acontecimento é motivo de orgulho e, inevitavelmente, nos remete ao início da jornada, lá pelos idos de 1967.

Precisamente no dia 28 de fevereiro de 1967 o jornal *Diário Popular* publicava a lista dos aprovados da Escola Superior de Administração de Negócios, subordinada à Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP). Meu nome estava lá. Era o momento de pensar seriamente que aquela era a oportunidade de seguir uma carreira acadêmica com o objetivo de me estabelecer no âmbito profissional. Na época cursar uma faculdade era algo inédito, ao alcance de poucos.

Começo um pouco tumultuado. As aulas da única turma foram ministradas no espaço acaanhado da biblioteca municipal, então localizada no piso superior

do Teatro Santos Dumont. No ano seguinte, em 1968, devido à chegada de uma nova turma, a faculdade foi provisoriamente instalada na Escola Joana Motta. Nesse tempo a prefeitura iniciava a construção do prédio que abrigaria o Instituto Municipal de Ensino Superior, na Avenida Goiás.

Uma vez inauguradas as novas instalações, em 1969, a turma pioneira de Administração de Empresas transferiu-se para as modernas dependências, desta feita, em companhia da turma do curso de Economia. Foram quatro anos de convívio com alunos que formavam uma grande família. Não havia recursos para mobilidade e muitos, como eu, dependiam do transporte público para se locomover.

Casualmente, iniciei o curso de Administração de Empresas no mesmo ano em que ingressei na empresa onde trabalhei por mais de 30 anos. Quis o destino que o patrono de formatura fosse exatamente o presidente dessa empresa, James Waters. Grandes amizades foram construídas e consolidadas. Infelizmente, a lei da vida nos privou da presença de alguns. Outros, como o amigo Moacir Ricci, orador da turma, permanecem ativos para testemunhar o quão importante foi para nós fazer parte desse seletivo grupo.

Grandes momentos poderiam ser destacados, mas faço referência à viagem aos Estados Unidos, em 1970, promovida pelo

Diretório Acadêmico Catorze de Outubro (Daco) com o apoio da faculdade. Um grupo de 27 estudantes se aventurou por terras americanas e durante 21 dias participou de atividades acadêmicas com visitas à Universidade de Michigan e ao General Motors Institute, atendendo a seminários e palestras, e concluindo o roteiro com passeios a Niagara Falls, Washington, Nova York e Miami.

A memória precisa ser preservada e para tal incentivamos os nossos descendentes a trilharem o mesmo caminho que iniciamos, há 50 anos. Meus dois filhos, Vanessa e Vinícius, e meu genro Tomás, também se graduaram na agora Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), nos cursos de Administração, Comércio Exterior e Ciências da Computação, respectivamente.

Meio século se passou, mas o tempo jamais apagará os bons momentos usufruídos na companhia de competentes mestres e amigos inesquecíveis. Celebremos e agradeçamos por podermos presenciar tão sublime momento pela passagem das Bodas de Ouro do nosso querido Imes.” **R**

ÁLVARO JUVENAL DA CONCEIÇÃO FERREIRA

É ADMINISTRADOR DE EMPRESAS FORMADO PELA USCS. TRABALHOU NA GENERAL MOTORS POR MAIS DE 30 ANOS E, POSTERIORMENTE, ATUOU NA ÁREA DE CONSULTORIA E ASSESSORIA EMPRESARIAL PARA EMPRESAS NACIONAIS E MULTINACIONAIS. DE 2009 A 2010, FOI DIRETOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS NA SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ.

DEPOIMENTO

Moacir Ricci

Ricci entrega troféu Águias da Administração a James Waters, presidente da General Motors na época, durante cerimônia de formatura



Arquivo/Moacir Ricci

“A junção das faculdades de Administração, Economia e Sociologia proporcionou a criação de um único instituto, o Imes (Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul).

Houve um exame vestibular em 1967, para criação da primeira turma de Administração de Empresas, em convênio com a Escola Superior de Administração de Negócios (Esan), dirigida pela Fundação Padre Saboia de Medeiros, a mesma que administrava a Faculdade de Engenharia Industrial (FEI), localizada em São Bernardo do Campo. Na época, o diretor era Nelo Ferrentini, que ocupava, também, o cargo de presidente do jornal *Diário Popular*.

A primeira turma de Administração foi composta por 72 alunos e utilizou a sala superior do Teatro Santos Dumont. Havia um enorme entrosamento entre os discentes e a prefeitura de São Caetano do Sul. O então prefeito Hermógenes Walter Braido, Claudio Musumeci e Oscar Garbelotto, diretores da Fazenda, e de Educação e Cultura, respectivamente, tinham uma atenção especial pelo curso e por seus alunos.

Lembro que uma vez estive, com uma comissão, solicitando diretamente a Braido mudanças no esquema de trânsito da Avenida Goiás, durante o período

de aulas. O barulho forte atrapalhava o entendimento das exposições dos professores. A prefeitura realizou testes do novo trajeto, mas devido à insegurança para os veículos o mesmo não foi aprovado.

No ano seguinte, novo vestibular e nova turma de alunos de Administração. Como resolver o problema de instalação dos alunos? A prefeitura deslocou o curso com a primeira e a segunda turmas para a Escola Professora Joana Motta.

Em 1968, foi criada a Faculdade de Economia, que foi provisoriamente instalada na Escola Anacleto Campanella, situada na Rua Visconde de Inhaúma. Nesse período, a prefeitura iniciava a construção do prédio que abrigaria o Imes, localizado na Avenida Goiás, nº 3.400, no Bairro Barcelona.

O ano letivo de 1969 começou com ambas as faculdades utilizando as novas facilidades do Imes. A instituição, projetada para atender até 500 alunos sofreu várias modificações, incluindo a instalação dos turnos vespertino e, depois, matutino, para atendimento aos alunos interessados e sem disponibilidade de estudar no período noturno.

Uma forte estrutura foi criada na faculdade, como o Diretório Acadêmico Catorze de

Outubro (Daco). Inúmeras atividades começaram a ser desenvolvidas e os estudantes puderam desfrutar de mais esse incentivo a projeções pessoais nos campos do esporte e da cultura.

A primeira turma de Administração teve um espírito de equipe muito acentuado. Procurava meios para obter fundos para pagar a diferença de mensalidade do curso cobrada pela faculdade.

No dia 11 de outubro de 1970, o Daco ofereceu aos alunos e professores uma festa dedicada às crianças. Um domingo ensolarado e muito bonito, no qual inúmeros professores e alunos compareceram e trouxeram seus filhos.

A primeira turma de Administração do Imes teve seu evento de formatura realizado no dia 22 de janeiro de 1971, com missa solene na Igreja Matriz Sagrada Família e solenidade de entrega dos diplomas no Teatro Paulo Machado de Carvalho.” **R**

MOACIR RICCI

É FORMADO EM QUÍMICA INDUSTRIAL E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS (USCS). TEM MAIS DE 45 ANOS DE EXPERIÊNCIA NA ÁREA INDUSTRIAL. FOI FUNDADOR E DIRETOR DO PROGRAMA *ENTRE ESTUDANTES*, DA RÁDIO CACIQUE, NO AR ENTRE 1964 E 1967. TEVE FORTE ATUAÇÃO NO GRÊMIO DA ESCOLA DE QUÍMICA DO ABC E NO DIRETÓRIO ACADÊMICO CATORZE DE OUTUBRO, DO ANTIGO IMES.

DEPOIMENTO

Vagner Barbato

Vagner Otávio Barbato formou-se em Administração de Empresas em 1971 pelo já Instituto Municipal de Ensino Superior (Imes). Todavia, quando ingressara na faculdade, em 1968, o curso de Administração fazia parte ainda da Escola Superior de Administração de Negócios (Esan), instituição que estava vinculada à PUC/SP, por meio da Ação Social Padre Saboia de Medeiros.

Integrante da segunda turma de formandos do curso em questão, Barbato guarda boas lembranças de sua vida universitária. Dos competentes professores que marcaram sua trajetória e formação aos momentos descontraídos dos intervalos de aula, regados, muitas vezes, por jogos de pingue-pongue, tudo permanece bem vivo em sua memória.

Durante a entrevista concedida à Fundação Pró-Memória, no dia 16 de maio de 2018, o ex-aluno fez questão de destacar a qualidade do curso, responsável, segundo ele, pela inserção de muitos de seus antigos colegas em empresas renomadas da cidade, como a General Motors, Ferro Enamel, entre outras.

O próprio Barbato teve uma rápida ascensão no mercado de trabalho. Quando ainda cursava o primeiro ano, fora admitido como chefe de contabili-

dade na Brasilino Móveis para Escritório Ltda., empresa que ficava na Rua Marechal Deodoro, em São Caetano. Depois, chegou ao cargo de gerente administrativo e financeiro na Metalúrgica Alber-Flex, localizada na Vila Ema, em São Paulo.

Vagner Barbato recorda-se também, com nostalgia, da cerimônia de formatura de sua turma, realizada em 1972, na qual esteve presente o então governador de São Paulo, Laudo Natel.

Antes de encerrar o seu relato, frisou a respeito do pequeno número de mulheres entre os discentes do curso, além de ter novamente falado sobre a base que tivera para bem exercer a profissão de administrador, o que lhe permitiu construir uma carreira sólida. Em meados da década de 1970, ingressou, na qualidade de gerente, na Indústria Metalúrgica Santo Antônio Ltda., em Santo André.

Outros desafios profissionais vieram na sequência. No final daquele decênio, tornou-se aluno da Faculdade de Direito de São Bernardo, formando-se em 1981. Com os conhecimentos adquiridos ao longo de sua estada nesse

curso, somados à sua experiência no setor administrativo, Barbato credenciou-se para assumir funções junto à administração pública municipal. Durante a gestão do prefeito Antônio José Dall'Anese (1993-1996), idealizou o Programa de Proteção e Defesa do Consumidor (Procon) no âmbito municipal, firmando-se como o seu diretor, cargo no qual permaneceu no decorrer dos dois últimos mandatos de Luiz Olinto Tortorello (1997-2000; 2001-2004). Nas duas primeiras gestões do prefeito José Auricchio Júnior (2005-2008; 2009-2012), continuou prestando serviços jurídicos à municipalidade, inicialmente, à frente daquele órgão que ele idealizara nos anos 1990 e, depois, na Ouvidoria da Guarda Civil Municipal.

A caminhada profissional de Vagner Barbato constitui exemplo de sucesso e eleva o nome da hoje cinquentenária Universidade Municipal de São Caetano do Sul. O seu testemunho coloca-se ao lado de inúmeras outras vozes de personagens que, assim como ele, ajudaram a construir essa história. **(Depoimento colhido por Cristina Toledo de Carvalho) R**



Arquivo/Vagner Barbato

Trote aplicado nos calouros do curso de Administração, ingressantes em 1968. A partir da esquerda, Adolfo Alves Pereira, Abelardo Odoães, Vagner Barbato (sentado), Ricardo Rigatto e Pedro Polesi

Morisa Garbelotto

Memórias de um fundador

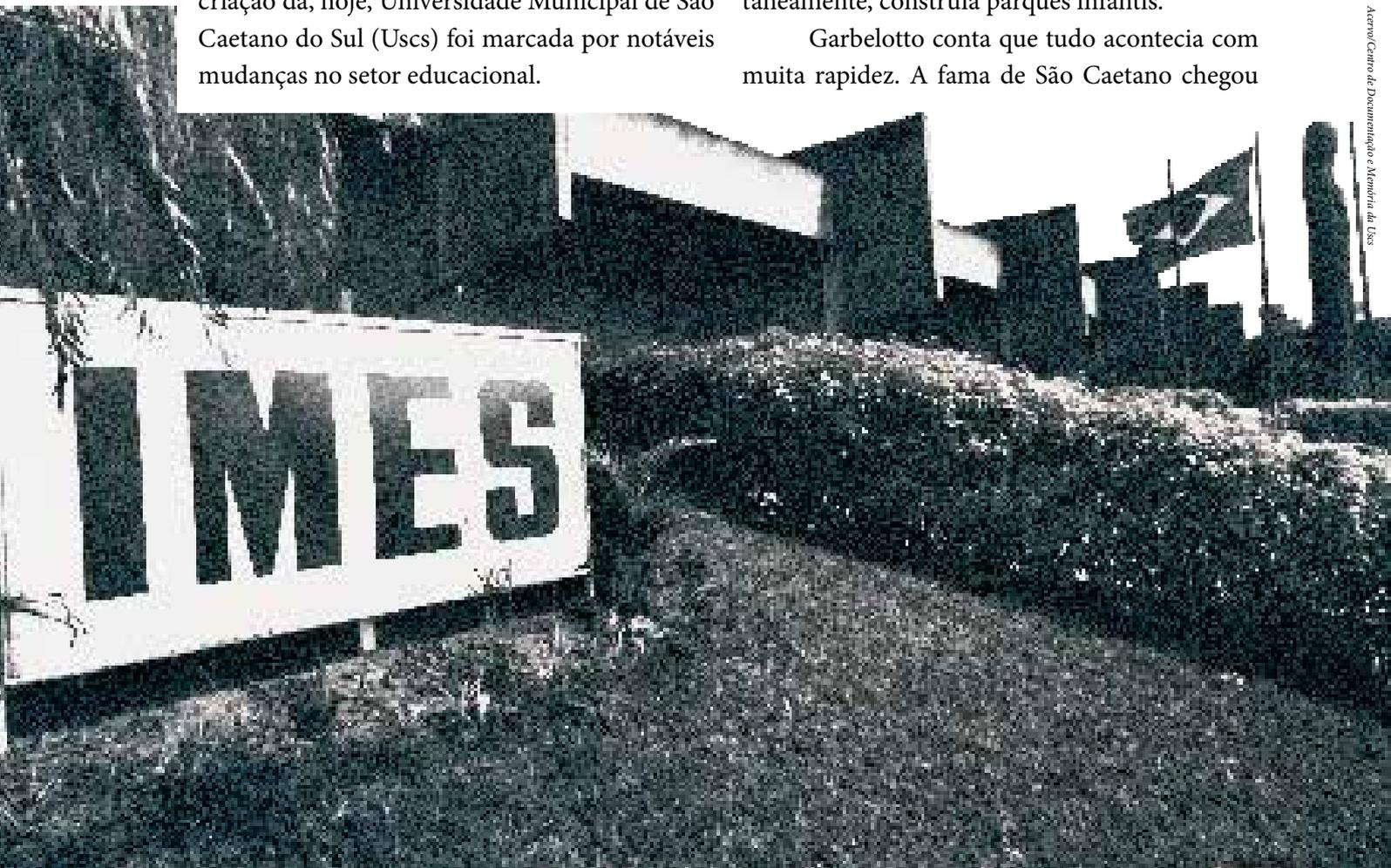
Graças à impecável memória desse grande professor e ao interesse incessante pelo cuidado ao resguardar a história, hoje temos a oportunidade de conhecer o trabalho que antecedeu a criação da então Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais e os seus primeiros passos.

O advogado Oscar Garbelotto, ou professor Oscar, como era chamado por seus alunos, participou, ativamente, desde antes da idealização da faculdade municipal em São Caetano do Sul. Ele nos conta que a fase que precedeu a criação da, hoje, Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs) foi marcada por notáveis mudanças no setor educacional.

São Caetano não possuía ainda uma diretoria própria para os assuntos educacionais, foi então que o prefeito Hermógenes Walter Braido (1965-1969) criou o Departamento de Educação e Cultura (Depec). Oscar Garbelotto, então chefe de gabinete, trazendo experiência como chefe de Educação e Cultura do governo de Oswaldo Samuel Massei (1969-1973), foi nomeado como o primeiro diretor de Educação e Cultura da cidade. Assim, foram iniciadas as construções de escolas em todos os bairros da cidade. O governo, primeiramente, resolveu o problema da falta de vagas nos primeiros e segundos graus. Simultaneamente, construía parques infantis.

Garbelotto conta que tudo acontecia com muita rapidez. A fama de São Caetano chegou

A fachada com a nova denominação da faculdade, que se tornou Imes a partir de 26 de maio de 1970



a Brasília, fazendo com que três autoridades - uma delas membro do gabinete da Presidência da República - viessem, pessoalmente, constatar o que estava acontecendo, de tão extraordinário, na área da educação.

Cumprindo o *slogan* de sua administração: “São Caetano, onde escola não é problema”, Braido passou para a etapa seguinte: o ensino superior. Na época, a cidade ainda não contava com uma instituição municipal desse nível e direcionou todas as suas atenções para suprir essa carência. Em 1967, o município já havia se tornado um centro industrial de grande projeção, abrigando uma geração ávida por novas oportunidades profissionais. A criação de uma escola de nível superior que pudesse acolher, nos limites do município, estudantes egressos do segundo grau, teria de se concretizar como resultado desse processo de desenvolvimento.

Com essa meta, em janeiro de 1967, o prefeito Walter Braido designou uma comissão incumbida de viabilizar a criação e a implantação de uma faculdade de economia no município, como era a ideia inicial de Cláudio Musumeci,

Cumprindo o slogan de sua administração: “São Caetano, onde escola não é problema”, Braido passou para a etapa seguinte: o ensino superior.

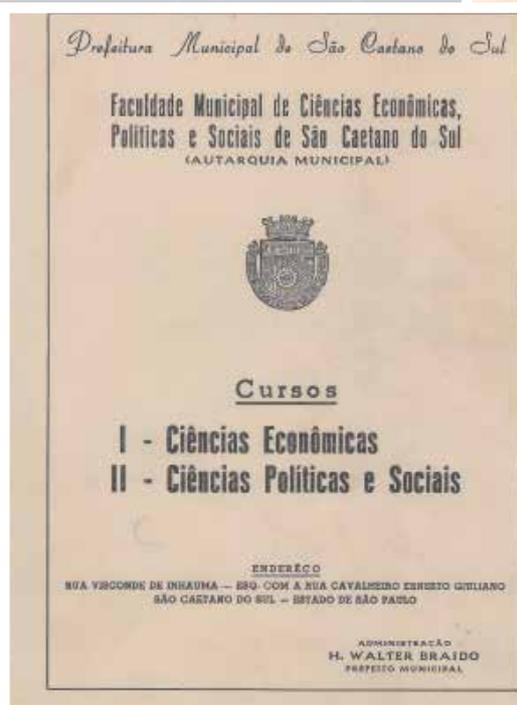
diretor da Fazenda. Passando o prazo estipulado, nenhum estudo para criação da faculdade foi apresentado. Somente em 31 de agosto, outra comissão, com novos integrantes, foi nomeada, através da portaria nº 4.991, com Garbelotto na presidência e os seguintes integrantes: Rubens Lopes de Figueiredo, Milton Feijão, Fá-

bio Teixeira (estes dois últimos foram substituídos, posteriormente, por Celso Sebastião de Souza) e, por fim, Musumeci, que se tornou o primeiro diretor da faculdade. Essa comissão tinha dois estudos a serem realizados: transformar em colégio o Ginásio Comercial Alcina Dantas Feijão e instalar a Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais. Com esse novo grupo, o trabalho foi realizado com sucesso.

Estudos da comissão acabaram concluindo que o curso de Ciências Atuariais não era procurado pelos jovens, portanto, excluindo esse curso, a lei nº 1.611, de 19 de setembro de 1967, deu origem à Faculdade Municipal de Ciências Econômicas e Contábeis. Pouco depois, a mesma comissão destinada a preparar as bases para o funcionamento da faculdade, aprofundando suas pesquisas, chegou à conclusão de que o curso de Ciências Contábeis não seria também o mais apropriado para o momento. Já existia um em atividade no município de Santo André e não havia tanta procura. Optou-se, então, pela instalação do curso de Ciências Políticas e Sociais, conforme a lei municipal nº 1.627, de 22 de novembro de 1967.

Primeiro logotipo do lmes, escolhido em concurso realizado em 1974

PRIMEIRO REGIMENTO INTERNO DA FACULDADE MUNICIPAL DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, POLÍTICAS E SOCIAIS DE SÃO CAETANO DO SUL. NOTA-SE, AINDA, O ENDEREÇO ONDE SERIA INSTALADO O PRÉDIO DA NOVA FACULDADE



AULA INAUGURAL PROFERIDA POR HILÁRIO TORLONI, VICE-GOVERNADOR DO ESTADO, NA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. AO CENTRO, O PREFEITO HERMÓGENES WALTER BRAIDO

APRESENTAÇÃO

A Comissão Organizadora da Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais de São Caetano do Sul, congratula-se com o Senhor Prefeito Municipal HERMOGÊNES WALTER BRAIDO, pelo desejo da inauguração de mais um templo da instrução, pois sabemos, que o homem moderno não dispensa esmeradamente como a educação que ela proporciona. E na escola que a juventude brasileira recebe os primeiros instrumentos que a habilitam a lutar pela existência. E já ficou provado que a ignorância é um castigo em que a alma se estiola e embribece, fazendo descer o homem à condição do bruto e foi isso exatamente, que evitou este Governo Municipal nesta terra, sustentando em toda linha de conduta administrativa, uma política educacional que oferece exemplo para o mundo. Estamos certos de que com a inauguração desta Faculdade, levantou este Governo mais um dique à ignorância e conseqüente para tornar a juventude de hoje o homem de amanhã, pois aqui, o jovem aprendeu que a sociedade humana à qual pertence, se dirige por normas e regras às quais ele tem que se submeter para se tornar um membro útil a si mesmo e à sociedade de que faz parte.

A pátria e a sociedade também reconhecerá aquele que não poupou esforços para proporcionar às crianças e aos jovens desta bela terra, o pão do saber.

OSCAR GARBELOTTO
CLAUDIO MUSUMECI
CELSO SEBASTIÃO DE SOUZA
RUBENS LOPES DE FIGUEIREDO



A comissão prosseguiu com seus trabalhos, sempre tendo a preocupação de atender às exigências do Conselho Estadual de Educação, órgão maior no exame e aprovação de novas escolas superiores oficiais. O aval da entidade foi consubstanciado no parecer nº 238, de 28 de junho de 1968. Esse parecer deu origem à resolução do Conselho Estadual de Educação que acolheu o pronunciamento do plenário. A resolução foi, posteriormente, homologada pelo Ato nº 215, de 5 de julho. Finalmente, o decreto nº 49.983, de 15 de julho, do governador do Estado, autorizou, definitivamente, o funcionamento da escola. Surgia a Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais em São Caetano do Sul.

Garbelotto lembra que, em todo esse processo, foi muito importante a orientação do secretário do Conselho Estadual de Educação, professor Afonso Celso Fraga Sampaio Amaral que, posteriormente, tornou-se professor e assessor do Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul (Imes) e, também, um grande amigo.

Em 12 de julho de 1968, o prefeito municipal indicou os primeiros dirigentes da faculdade: Cláudio Musumeci,

No dia 30 de julho de 1968, foi instalada a primeira congregação da faculdade e no dia seguinte ocorreu, no recinto da Câmara Municipal de São Caetano do Sul, a aula inaugural proferida por Hilário Torloni, vice-governador do Estado, na época.

para diretor; professor Celso Sebastião de Souza, para vice-diretor; e Rubens Lopes de Figueiredo, como secretário.

O primeiro concurso vestibular realizou-se no Instituto de Educação Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho, de 22 a 25 de julho, para

preencherem as 80 vagas oferecidas para o curso de Ciências Econômicas, e 50 vagas para o curso de Ciências Políticas e Sociais.

No dia 30 de julho de 1968, foi instalada a primeira congregação da faculdade e no dia seguinte ocorreu, no recinto da Câmara Municipal de São Caetano do Sul, a aula inaugural proferida por Hilário Torloni, vice-governador do Estado, na época. Os aniversários da instituição são comemorados no dia 1º de agosto, data do início das aulas regulares no Grupo Escolar Anacleto Campanella, situado na Rua Cavalheiro Ernesto Giuliano, esquina com a Visconde de Inhaúma, enquanto não se concluíam as obras do prédio em frente, para o qual a faculdade estava designada.

Com a escola já em funcionamento, mesmo em prédio improvisado, os alunos acompanhavam, de perto, a finalização da obra do prédio onde seria a faculdade, em frente de onde estudavam (hoje Fundação das Artes). Enquanto isso, outro grupo de alunos, liderados por Ângelo Marchetti e Silvio Minciotti, iniciava um movimento pela municipalização do curso de Administração de Empresas, ministrado pela Escola Superior de Administração de Negócios (Esan).



Registro da posse de Garbelotto como diretor do Imes. Ele ocupou o cargo de fevereiro de 1973 a abril de 1977



A estátua de São Pedro nos jardins do Imes, situado na Avenida Goiás, antes da construção do prédio A

Ângelo Marchetti conta: “(...) a primeira iniciativa foi a realização de um abaixo-assinado, entregue em fins de 1968, ao prefeito municipal. Com esse documento nós demonstramos que estávamos descontentes com o convênio, mas queríamos permanecer em São Caetano. A partir de então, vários contatos foram mantidos com o prefeito, sempre por meio da ajuda de Oscar Garbelotto, diretor de Educação e Cultura e do Cláudio Musumeci, diretor da Fazenda”.

Em 1967, a Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul havia assinado um convênio com a Ação Social Saboia de Medeiros, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) para instalação, no município, de uma unidade da Esan. A prefeitura assumia o compromisso de fornecer um prédio próprio para a faculdade e, por outro lado, a Ação Social se comprometia a instalar e administrar o curso de Administração. As aulas começaram no início de 1967 e os alunos, enquanto esperavam o prédio da Avenida Goiás ficar pronto, assistiam às aulas em sala improvisada, sobre o Teatro Santos Dumont.

Garbelotto conta: “Os jovens levantaram razões muito fortes para essa ruptura do convênio com a Esan: o curso estava desatualizado, o diretor era totalmente ausente, havia atraso no reembolso das bolsas cedidas pela prefeitura e também no pagamento aos professores. Enfim, diante do desinteresse dos responsáveis em resolver os problemas, os corpos docente e discente estavam totalmente desmotivados e o ensino em decadência. Os jornais apoiavam os alunos. Logo de início, eu concordava com eles”.

Depois de muitas reuniões e algumas confusões, numa fase complicada, de ditadura civil-militar, quando qualquer reunião estudantil podia ser confundida com movimentos de opo-

sição ao governo, em 20 de dezembro de 1968, a Ação Social da PUC/SP concordou com a rescisão amigável do convênio, que foi assinada em 7 de janeiro de 1969.

O prédio da Avenida Goiás, que anteriormente era destinado à Esan, passou a abrigar a faculdade municipal. Enquanto isso, o edifício da Rua Visconde de Inhaúma, que seria designado à faculdade, passou a ser sede da Fundação das Artes, que ocupa o local até os dias de hoje.

Uma situação curiosa foi narrada por Oscar Garbelotto: “O fim do convênio que obrigou a prefeitura a conceder aos alunos deste curso, já na terceira série, transferência para outra faculdade, no próprio município, causou uma situação inusitada. Os alunos transferidos para a faculdade municipal completaram o curso em 1970, assim, o Imes formou sua primeira turma de bacharéis em apenas dois anos e meio de funcionamento”.

O professor explica também que a atuação dos estudantes era fora do comum e entusiasmo não faltava... Porém, havia necessidade de muito cuidado. O Diretório Acadêmico Catorze de Outubro (Daco) foi criado como um cumprimento de uma exigência legal. A legislação, em plena ditadura civil-militar, criava os diretórios acadêmicos como parte integrante das faculdades. Garbelotto lembra seu tempo como diretor: “Certo dia, um jornalzinho impresso pelo Daco foi parar nas mãos dos militares, antes mesmo de eu vê-lo. Fui chamado no gabinete do prefeito e um coronel me mostrou a publicação, ordenando que fosse tirada de circulação em 24 horas”. Outras situações curiosas aconteceram naquele período, conforme continua a relatar: “Muitos estudantes se metiam em confusão e eu tinha de apaziguar os ânimos. Cheguei a esconder aluno dos militares, debaixo da minha mesa da diretoria”.

Muitas realizações durante sua gestão como diretor do Imes, de fevereiro de 1973 a abril de 1977, deixaram marcas na história da instituição como, por exemplo, a criação de seu primeiro logotipo. Por iniciativa de Garbelotto, um concurso entre os alunos, realizado em 1974, selecionou a marca que seria usada, por muitos anos, em todos os impressos e documentos oficiais emitidos pela escola.

Outro relevante projeto de sua gestão foi a instalação de uma escultura de 12 metros nos jardins da faculdade, em 1975. A Estátua de São Pedro tornou-se um símbolo para a cidade e para a instituição, durante anos.

Garbelotto assumiu após o prefeito Hermógenes Walter Braido ter retornado a feição jurídica da entidade mantenedora da faculdade à condição de autarquia, já que, por determinação do prefeito anterior, Oswaldo Samuel Massei, em 1972, ela havia sido transformada em fundação, denominada Di Thiene. Ele foi o primeiro diretor a ser escolhido por meio de lista tríplice.

Oscar Garbelotto conta, orgulhoso, sobre uma instituição que foi, por todo esse tempo, sua segunda casa: “A minha gestão marcou o início do desenvolvimento sustentado da faculdade, pois antes ela era altamente subsidiada pela prefeitura municipal. O momento da transição estava superado. A partir daí, os outros diretores e reitores seguiram, permitindo ao Imes, agora Uscs, se tornar uma grande instituição de ensino, com toda importância que apresenta, até os dias de hoje”. **R**

MORISA GARBELOTTO

É BACHAREL E LICENCIADA EM LÍNGUA E LITERATURA PORTUGUESA PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC/SP). É PROFESSORA NA FUNDAÇÃO DAS ARTES DE SÃO CAETANO DO SUL HÁ 30 ANOS, MEMBRO DO CONSELHO DO GRUPO DE AMIGOS DO MOVIMENTO AUTONOMISTA (GAMA) E É PROFESSORA NA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL (USCS), RESPONSÁVEL PELO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA USCS.

Luciano Cruz e Priscila F. Perazzo

USCS:

uma trajetória de 50 anos em São Caetano do Sul

Trazendo estampados em seu nome os dois cursos de graduação oferecidos - com 130 alunos matriculados, um quadro de 11 professores e três funcionários - nascia, no dia 1º de agosto de 1968, em São Caetano do Sul, a Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais.

A aula inaugural, na verdade, ocorrera um dia antes (31 de julho), em cerimônia solene na Câmara Municipal, e contou com a participação do então vice-governador de São Paulo, Hilário Torloni. Convencionou-se, no entanto, adotar o 1º de agosto, data que marca o início das aulas regulares, como marco zero desta trajetória.

Durante os meses iniciais, as aulas aconteceram, de forma provisória, no mesmo local onde hoje está localizada a Escola Municipal de Ensino Fundamental Anacleto Campanella, no cruzamento das ruas Cavalheiro Ernesto Giuliano e Visconde de Inhaúma. Ocorre que o prédio fora mesmo construído para receber estudantes do ensino fundamental, o que fez com que os universitários tivessem que se adaptar às carteiras, bebedouros e demais instalações preparadas para alunos com estatura física bem menor.

DIRETORES

1968 a 1969

Economista Claudio Musumeci
Vice: Prof. Celso Sebastião de Souza

1969 a 1973

Prof. Rubens Lopes de Figueiredo
Vice: Prof. Celso Sebastião de Souza

1973 a 1977

Prof. Oscar Garbelotto
Vice: Prof. Cláudio João Dall'Anese

1977 a 1981

Prof. Claudio João Dall'Anese
Vice: Prof. Carlos João E. Senger

1981 a 1989

Prof. Dr. Silvio Augusto Minciotti
Vice: Prof. Jorge José A da Silva (1981 - 1984)
Prof. Moacyr A. Ferreira Rodrigues (1984 - 1989)

1989 a 1992

Prof. Moacyr A. Ferreira Rodrigues
Vice: Prof. Marco Antonio Santos Silva

1992 a 2007

Prof. Marco Antonio Santos Silva
Vice: Prof. Dr. Laércio Baptista da Silva (1992 - 2000)
Prof. Marcos Sidnei Bassi (2000 - 2007)

REITORES

2000 a 2007

Prof. Dr. Laércio Baptista da Silva

2008 a 2013

Prof. Dr. Silvio Augusto Minciotti

2013 a atual

Prof. Dr. Marcos Sidnei Bassi

1968



1974



2000



2004



2008



Mas isso seria passageiro, pois a intenção era que, em breve, os estudantes da faculdade passassem a ocupar o prédio que estava sendo construído bem ali em frente. Dava até para acompanhar a obra pela janela: bastava olhar para o outro lado da Rua Visconde de Inhaúma.

Na mesma época, outra construção destinada a uma instituição de ensino estava em andamento na cidade. Erguia-se, quase na divisa com o município de Santo André, o que deveriam ser as novas instalações da Escola Superior de Administração de Negócios (Esan), fruto de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul e a Ação Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). No entanto, um movimento de estudantes da própria Esan, insatisfeitos com a qualidade do ensino, passou a pleitear a quebra deste convênio, o que levou à incorporação do curso de Administração de Empresas, já em andamento, pela Faculdade de Ciências Econômicas Políticas e Sociais.

Dessa forma, em 1969, a agora Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Administrativas, Políticas e Sociais ocupava o prédio do número 3.400 da Avenida Goiás, ficando o da Visconde de Inhaúma, quando pronto, destinado à Fundação das Artes, também, na época, recentemente criada.

Em 1970, mais uma mudança na nomenclatura. A faculdade passa a ser denominada Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul. Surgia, assim, a sigla Imes, indelevelmente ligada à história da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs).

Após a conclusão das primeiras turmas de formandos em Economia, Ciências Políticas e Sociais e Administração, em 1976, tem início um novo curso de graduação: o bacharelado em Comércio Exterior.

Alguns anos mais tarde, em 1982, foi criado o Inpes, o atual Instituto de Pesquisa da Uscs. Entre os inúmeros trabalhos desenvolvidos desde então, encontram-se a pesquisa socioeconômica do ABC, que até hoje reúne importantes indicadores regionais, e o estudo realizado no fim dos anos 1980, encomendado pela Telebrás, que subsidiou o lançamento da telefonia celular no Brasil. No mesmo ano, com a consolidação do Centro de Estudos de Aperfeiçoamento e Pós-Graduação (Ceapog), a instituição dá início à primeira turma de pós-graduação *Lato Sensu*



Acervo/Uscs

da região, sendo uma das primeiras instituições no Estado a preocupar-se em oferecer educação continuada para além da graduação.

Em 1986, tem início o curso de Ciência da Computação. O Imes passa, então, por um momento de consolidação, que vai amparar o vertiginoso crescimento que a instituição experimentará a partir dos anos 1990. Em 1994, surge a Companhia Grite de Teatro, mantida pela Uscs, que se firmou como um dos mais ativos e reconhecidos grupos de teatro da região. Também merece destaque a oficina dessa manifestação artística, oferecida gratuitamente à comunidade.

Construção do atual Campus Barcelona. Em 1967, a placa anunciava que o local seria destinado às novas instalações da Esan. No entanto, acabou sendo destinado à então Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais (atual Uscs)

Em 1996, tem início o curso de Publicidade e Propaganda. No campo cultural, é criado o Grupo Vocal, que além de promover uma série de apresentações especiais, também mantém uma oficina de voz voltada a estudantes, funcionários e membros da comunidade.

O curso de Direito passa a ser oferecido a partir de 1997. Um ano depois, a instituição inicia as atividades na área da pós-graduação *Stricto Sensu*, com a implementação do Programa de Mestrado em Administração. Em 1999, a área de Comunicação ganha mais dois novos cursos: Jornalismo e Rádio e TV.

No ano 2000, dá-se a elevação da entidade acadêmica à condição de Centro Universitário, resultado do consistente período de crescimento por qual passa a instituição. Um ano depois, com o início das atividades do curso de Educação Física, o então Imes estende sua atuação à área da saúde, abrindo mais uma vertente no grande leque de serviços que oferece à comunidade.

Em 2002, surgem os cursos de Ciências Contábeis, Sistemas de Informação, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia e Nutrição.

No ano seguinte, ocorre a inauguração da Farmácia-Escola, em um primeiro momento, localizada na Rua Tibagi, no Bairro Santa Maria. Hoje, ela funciona no campus localizado na região central da cidade. Lá, estudantes e professores prestam serviços de orientação farmacêutica à comunidade, que também tem acesso a medicamentos manipulados, mediante o respectivo receituário médico. O ano de 2003 também marca o início dos cursos de graduação tecnológica, os quais apresentam menor duração, focando, sobretudo, a capacitação profissional. Os primeiros cursos são: Sistemas para Internet e Redes de Computadores. Nesse ano também é criado, na universidade, o Núcleo de Memórias do ABC, voltado para os estudos da memória local.

Em 2004, é inaugurado o campus Centro (localizado na Rua Santo Antônio, no Bairro Centro), que, atualmente, abriga os cursos das áreas de Saúde e Psicologia. No local é realizado atendimento à comunidade, seja no que diz respeito a questões jurídicas ou no âmbito dos laboratórios e clínicas da área da saúde.

Fachada do Campus Barcelona nos anos 1970, já abrigando o então Imes



No mesmo ano, a instituição conquista o *status* de universidade. Nasce, assim, a Universidade Municipal de São Caetano do Sul. De imediato, o logotipo sofre uma sutil atualização: o termo *Centro Universitário*, inscrito na parte inferior, é alterado para *Universidade*, evidenciando a nova condição.

Em 2007, começam as aulas no curso de licenciatura em Pedagogia. No mesmo ano, a mantenedora Imes deixa de existir. A autarquia municipal e a entidade acadêmica passam a coexistir em uma única figura: a da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Com o fim da entidade mantenedora, o logotipo da instituição muda em 2008 e a sigla Imes dá lugar às iniciais Uscs. Ainda no mesmo ano, têm início as atividades no Programa de Mestrado em Comunicação.

Em 2010, a universidade anuncia uma série de medidas. Trata-se do Plano Uscs, composto por destaques como: nova grade curricular baseada em disciplinas modulares; integração dos cursos nas escolas, permitindo maior sinergia entre uma mesma área de conhecimento; valorização do bom desempenho acadêmico por meio da concessão de bolsas de estudo (por mérito); entre outras. No mesmo ano, a Uscs dá início ao Programa de Doutorado em Administração.

Em 2014, mais uma grande conquista: a Uscs passa a oferecer o curso de Medicina. No ano seguinte são anunciadas mais duas novidades na graduação: Engenharia de Produção e Psicologia, além de um novo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, desta vez na área de Educação.

A Uscs chega a 2016 oferecendo 30 cursos de graduação e uma conquista de impacto: a inauguração de um novo campus na cidade de São Paulo (Rua 13 de Maio, nº 671, no Bairro Bela Vista), que abriga a primeira turma de um novo curso de Medicina.

Mais recentemente, em 2017, outro novo endereço, na cidade de São Caetano do Sul, foi



incorporado à infraestrutura da Universidade, na Rua Manoel Coelho, nº 600, também no Bairro Centro. O sexto andar do edifício localizado nesse endereço passa a abrigar MBAs e cursos de especialização, que integram a pós-graduação *Lato Sensu* da Uscs.

E as novidades não param. No primeiro semestre de 2018, quatro novos cursos iniciaram suas turmas: graduações em Arquitetura e Urbanismo, Jogos Digitais e em Odontologia, e, na pós-graduação, o mestrado em Ensino em Saúde. Além disso, mais uma opção passou a figurar na relação de cursos do vestibular de meio de ano. Ao completar 50 anos, a Uscs desbrava uma nova área e passa a oferecer o curso de Ciências Aeronáuticas, e, ato contínuo, anuncia a aquisição de mais um espaço na cidade: o Campus Conceição, no cruzamento da rua de mesmo nome com a Avenida Guido Aliberti. Motivos para comemorar não faltam. **R**

Inauguração do Campus Centro, em 2004. No mesmo dia foi anunciado que o Imes havia conquistado o *status* de universidade

**Muitas das informações aqui contidas foram compiladas a partir das publicações comemorativas *IMES 30 anos, 40 anos de Tradição e Excelência e USCS 45 anos*, organizadas pelo Centro de Documentação e Memória e pela Coordenadoria de Comunicação da Uscs.

LUCIANO CRUZ

É MESTRE EM COMUNICAÇÃO, JORNALISTA E DOCENTE DA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL (USCS). ATUA NO PROGRAMA MEMÓRIA USCS - 50 ANOS.

PRISCILA F. PERAZZO

É DOUTORA EM HISTÓRIA E DOCENTE DA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL (USCS) NA GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. ATUA NO PROGRAMA MEMÓRIA USCS - 50 ANOS.

Moacyr Antonio Ferreira Rodrigues

A Uscs e os bons momentos da minha vida

Ingressei no Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul (Imes), como professor, pelas mãos do querido amigo Oscar Garbelotto. Era março de 1974, quase seis anos depois

da aula inaugural da Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais, que viria a se transformar no Imes. Eu tinha 25 anos e iniciava a minha carreira docente, depois de uma rápida, mas não menos importante, passagem pelo Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, dirigido pelo saudoso professor Vicente Bastos, um dos maiores educadores que já conheci. No Imes, permaneci por mais de 30 anos.

Em março de 1985, fui nomeado vice-diretor da instituição, indicado pelo então prefeito Hermógenes Walter Braido e, quatro anos depois, assumi a direção, após indicação de Luiz Olinto Tortorello, chefe do Executivo, na época. Foi uma grande honra ter sido escolhido para,

Flagrante da posse de Moacyr Rodrigues como diretor do Imes, em 1989



Acervo/Uscs

durante certo período, estar à frente de uma entidade tão importante para a cidade. Na primeira oportunidade, trabalhei ao lado do amigo e professor Sílvio Augusto Minciotti, que havia sido nomeado diretor, permanecendo no cargo de 1981 a 1989; na segunda, como diretor (1989

a 1992), tive a companhia e a retaguarda importantíssima de outro querido amigo, o professor Marco Antonio Santos Silva.

Nesse período, no início de 1985, as dificuldades eram grandes, mas, à evidência, pretendíamos todos que o Imes crescesse e se tornasse uma instituição de ensino respeitada. Por que não uma universidade? Sim. Poderíamos chegar lá, como efetivamente chegamos. Foram tempos difíceis, de muito trabalho e dedicação, e também de muito aprendizado.

Sendo um instituto isolado, era vinculado ao Conselho Estadual de Educação e precisava cumprir as diretrizes traçadas pelo órgão, seja para a contratação de professores - pois ainda não havia a obrigatoriedade do concurso público - , seja para a abertura de novos cursos, ou mesmo para a definição da grade horária ou de disciplinas. Havia reuniões de Congregação, muito concorridas, nas quais dividíamos nossas preocupações, pois tínhamos consciência dos obstáculos a serem superados para a desejada evolução. Poucos eram os cursos, poucos eram os professores. Mas todos tinham as mesmas preocupações, participavam e colaboravam com sugestões e dedicação.

Antes de nós, outros colegas que ocuparam a direção, como Oscar Garbelotto (1973 a 1977), Cláudio Dall'Anese (1977 a 1981) e o próprio Minciotti, além dos vice-diretores Carlos João Eduardo Senger e Jorge José Alves, já haviam to-

mado importantes iniciativas, imprescindíveis a uma instituição que acabara de nascer e que precisava crescer. Na gestão de Garbelotto, além de inúmeras providências de ordem burocrática, houve uma profunda reorganização administrativa, a primeira ampliação das instalações e uma notável atenção às questões acadêmicas, didáticas e pedagógicas, algo que teve continuidade com Dall'Anese.

No período no qual fui vice-diretor de Sílvio Minciotti, além de novo crescimento físico, foi criado o Centro de Estudos de Aperfeiçoamento e Pós-Graduação (Ceapog), a *Revista Imes*, além da Coordenadoria de Informática, que foi fundamental, naquele momento,

para acompanhar o crescimento da instituição, dentre outras iniciativas.

Tudo ainda era muito novo em termos de tecnologia, mas, curiosamente, em 1985, a eleição para representantes dos estudantes junto aos órgãos colegiados já se deu por meio de voto eletrônico, uma das primeiras iniciativas do gênero naquela época, o que chamou a atenção da imprensa.

Quando assumi a direção, em 1989, com Marco Antonio Santos Silva como vice, tínhamos como principal objetivo a transformação do Imes em universidade. Não podíamos mais esperar. E isso só foi possível - é importante deixar claro - graças ao empenho e ao trabalho desenvolvido pelas administrações anteriores,

Tudo ainda era muito novo em termos de tecnologia, mas, curiosamente, em 1985, a eleição para representantes dos estudantes junto aos órgãos colegiados já se deu por meio de voto eletrônico, uma das primeiras iniciativas do gênero naquela época, o que chamou a atenção da imprensa.



Primeiro exemplar do *Imes Notícias* é distribuído aos alunos



Maquete do projeto arquitetônico de novo prédio que foi apresentado ao então prefeito Tortorello

sempre com ênfase no crescimento físico e na produção, divulgação e aplicação do conhecimento científico.

Na época, apesar de poucos, éramos todos muito unidos. Fora do Imes, nos reuníamos, com nossas famílias, em eventos organizados pela Associação de Professores (Aproximes). Mesmo

nesses momentos de descontração, trocávamos ideias sobre o futuro da faculdade. Cabia a nós, a partir de determinado momento, criar uma estratégia e estruturar administrativamente a instituição para que fosse legalmente reconhecida como universidade.

Em 1991, protocolamos um primeiro projeto e uma solicitação de transformação do Imes em universidade, mas não tivemos sucesso. Havia, naquela época, grande resistência à aprovação de novas universidades e mesmo de alguns cursos. Para se ter uma ideia, quando solicitamos a aprovação do curso de Direito ao Conselho Federal de Educação, Marco Antonio e eu partici-

pamos, em Brasília, da sessão do referido órgão, quando da apreciação do projeto. Apesar da posição favorável do relator, acabamos derrotados com o voto de desempate do presidente.

De qualquer forma, abria-se, ali, o caminho para a realização de um grande sonho. Precisávamos, ainda, cumprir muitas outras exigências, tais como a criação de novos cursos, o crescimento físico da autarquia, o aumento do acervo da nossa biblioteca, além de outras providências de cunho didático-pedagógico.

Em 1989, durante minha gestão, criamos o Fórum de Debates, para discussão e implantação de medidas com vistas à melhoria da qualidade do ensino; a Coordenadoria de Orientação Psicológica e Vocacional, para atendimento aos alunos; o Núcleo de Recursos Humanos; e a Coordenadoria de Concursos Públicos. Promovemos reformas importantes no prédio principal (B) e procuramos obter a parceria da prefeitura municipal para a ampliação de nossas instalações.

Em meados de 1990, criávamos o *Imes Notícias*, um informativo interno. Como parte de nossa estratégia e com o propósito de firmar uma parceria com a prefeitura, convidamos o então prefeito Luiz Olinto Tortorello para o ato de lançamento do primeiro número. A cerimônia aconteceria à noite, mas, para não perdermos a oportunidade, apresentamos ao chefe do Executivo, na mesma oportunidade, uma bela maquete do projeto arquitetônico de um novo prédio e um ginásio poliesportivo. Procurávamos, assim, sensibilizá-lo a aderir ao nosso desejo de crescer ainda mais. Naquela mesma noite, conseguimos o nosso intento e, na segunda edição do *Imes Notícias*, já apresentávamos a maquete para a comunidade acadêmica.

Ainda durante minha administração, tiveram início as obras de construção do prédio A

e da quadra poliesportiva, com o imprescindível apoio da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. Posteriormente, já na administração de Santos Silva e Laércio Baptista da Silva, as obras foram concluídas. Novos prédios surgiram e o Imes, em 2000, já com Santos Silva como diretor, foi credenciado como Centro Universitário. Quatro anos depois, passava a se chamar Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs).

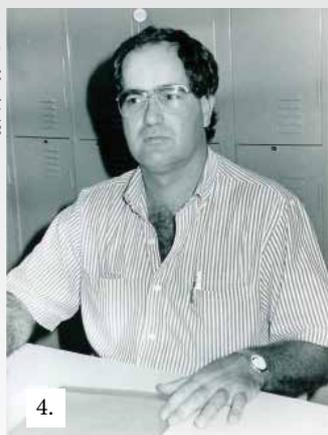
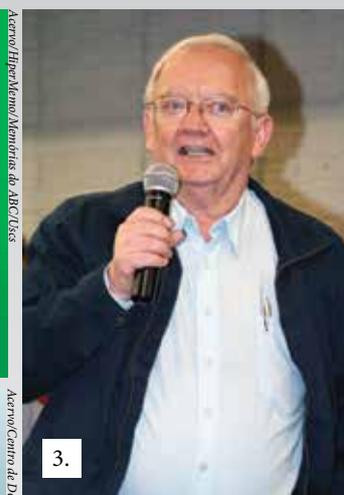
No momento em que a Uscs comemora seus 50 anos de existência, rendo minhas homenagens a todos os homens e mulheres, professores e funcionários que fizeram dela uma instituição consolidada e do mais alto conceito. Nosso reconhecimento aos saudosos prefeitos Braido e Tortorello, que tanto impulso deram à educação em todos os níveis, sem os quais nada poderia ser feito, bem como ao saudoso Cláudio Musumeci que, como diretor da Fazenda da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, lançou, em 1967, a ideia da criação de uma Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais, que, em 1970, se transformaria no Imes, tendo sido dela seu diretor.

Da mesma forma, nossas homenagens ao primeiro reitor da universidade, Laércio Baptista da Silva e ao atual, Marcos Sidnei Bassi, que, com dinamismo, tem conduzido a instituição. Finalmente, as homenagens aos alunos com os quais convivi e com os quais também aprendi. Algo gratificante. Proporcionaram-me momentos de grande felicidade. É motivo de muita emoção poder recordar um pouco da história do Imes, pois foi ali que passei bons momentos da minha vida. **R**

MOACYR ANTONIO FERREIRA RODRIGUES
É FORMADO EM LETRAS, PELA ANTIGA FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ABC E EM DIREITO, PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. FOI PROFESSOR, VICE-DIRETOR E DIRETOR GERAL NA USCS. É PROCURADOR DE JUSTIÇA APOSENTADO.

Luciana Cunha

A história narrada pelos protagonistas



1. Cecília durante entrevista realizada em 2016

2. Renildes, a quarta, a partir da esquerda, em pé, na posse da Associação dos Funcionários da Uscs (Afimes) na gestão de 2001

3. Parra durante o reencontro da sua turma ocorrido na Uscs em 2012, aproximadamente 40 anos após sua formatura

4. Luiz Santander em foto da década de 1980, na Uscs

5. Vieira durante entrevista realizada em 2013

6. Otacílio Macedo durante entrevista realizada em 2013

A história é contínua. Ela não para, não se perde e não se constrói abruptamente. Toda história é escrita diariamente. O aniversário de 50 anos da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs) é uma continuação das histórias anteriores...

Ao longo dessa trajetória, tivemos momentos de muito trabalho e empenho para a concretização de sonhos e, consequentemente, para o crescimento. Aquela instituição que, em 1968, era composta por três funcionários, 11 professores, 130 alunos e dois cursos de graduação, chega ao seu cinquentenário com 180 funcionários, 520 professores e cerca de 8 mil alunos. Nesse momento, são oferecidos 40 cursos de graduação, quatro programas de mestrado, um programa de doutorado, além de uma série de opções de cursos de especialização.

Diante dessa história, iniciamos a execução do Programa *Uscs - 50 anos* com o objetivo de construir a memória dessa instituição a partir de um acervo de narrativas orais de histórias de vida de professores, funcionários e alunos que vivenciam ou vivenciaram essa universidade. Com isso, deixamos em evidência a importância da construção da memória institucional por meio das pessoas que efetivamente protagonizaram essa evolução.

Para isso, utilizamos a metodologia das Narrativas Oraís de História de Vida, uma perspectiva teórico-técnica que parte da História Oral e se edifica também em 15 anos de trajetória de estudos sobre memória e histórias de vida, desenvolvidos por essa mesma universida-

de. Segundo Alberti (2005, p. 30), uma das pioneiras no estudo da História Oral no Brasil, essa prática metodológica possibilita “(...) recuperar o passado, conforme concebido pelos que o viveram”. Com isso, temos uma abordagem multidisciplinar que busca ampliar os conhecimentos sobre o passado de modo que o narrador se sinta o próprio protagonista da história.

Partindo dessa premissa, o núcleo de pesquisas *Memórias do ABC* – criado em 2003 pela professora Priscila Perazzo e que tem como foco pesquisas e produções relacionadas a temas como história, memória, cultura e subjetividades – desenvolveu sua própria metodologia: as Narrativas Oraís de História de Vida, que se baseia nas principais características teóricas da História Oral temática e da História Oral de vida, mas reorganiza a técnica da entrevista diante do método. Segundo Perazzo (2015, p. 122)

A partir das perspectivas da História Oral, como método de análise e como procedimento de coleta de dados, foi possível construir o conceito de Narrativas Oraís de Histórias de Vida ao longo dos (...) anos de trabalho no Núcleo Memórias do ABC da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs), que se propõe a reunir pesquisas e produção em comunicação e inovação que relacionem memória, história, cultura, subjetividades, linguagens, imaginários, mídias e novas tecnologias. Foram, ao longo do tempo, somando-se os ensinamentos da história oral de vida e temática com o caráter comunicativo da memória, bem como da cultura e dos imaginários sociais, das perspectivas da constituição de discursos e das narrativas.

Sendo assim, no momento em que a universidade edifica seu projeto de memória institucional, incentivado pelas comemorações do seu 50º aniversário, a metodologia desenvolvida no próprio espaço da Uscs é colocada em prática por seus pesquisadores, professores e estudantes. Dessa forma, constituímos o Programa *Uscs - 50 anos* com o objetivo de registrar, organizar e divulgar as narrativas de vida das pessoas que participaram da construção histórica da universidade e elaboramos o portal de *Memórias Uscs* (www.uscs.edu.br/memoriauscs), para que essas pessoas se apresentem em vídeo, contando suas memórias. Para isso, desde 2013, Luciano Cruz, jornalista e professor da Uscs, apoiado pelo núcleo de pesquisas *Memórias do ABC*, coordena essa ação, que busca construir a memória institucional por meio das narrativas orais de história de vida.

Nesse sentido, os primeiros depoimentos foram coletados pelos pesquisadores do *Memórias do ABC* em 2004 e, naquele momento, registrou a participação de professores e dirigentes da Uscs. Em 2013, ano em que a instituição completou 45 anos, os depoimentos foram retomados, entre março e julho, contemplando, além de professores e dirigentes, funcionários, alunos e ex-alunos. Especificamente para o aniversário de 50 anos, comemorado em 2018, objetivamos criar um acervo maior e mais representativo das histórias de vida das pessoas que passaram pela instituição.

Por isso, a partir do segundo semestre de 2016, continuamos as gravações dos depoimentos e realizamos entrevistas com três diferentes categorias de pessoas: alunos, funcionários e professores. Sabendo que não seria possível entrevistar toda a comunidade Uscs, selecionamos pessoas cuja experiência com a

instituição foi marcante para a história. Temos, até o momento, cerca de 100 pessoas entrevistadas.

Com essas entrevistas, um dos nossos objetivos é escrever a história por meio das teceduras dos relatos de sujeitos, que podem ou não estar nos livros ou documentos oficiais da instituição ocupando cargos de destaque, mas que constituem as vozes das trajetórias históricas edificadas.

A história segundo os protagonistas – Ao analisar os depoimentos, notamos que, além de narrar suas histórias, os depoentes se sentem parte do processo, do tempo e do espaço que narram, colocando-se como agentes dessa trajetória, condutores desse processo e membros do lugar. Como podemos ver no depoimento de Renildes Mota de Souza Spilborghs, funcionária da Uscs desde 1987, sentimentos de pertencimento e satisfação afloram: **“Eu me considero uma pessoa feliz por trabalhar aqui, sabia? É um lugar que eu recomendaria para qualquer um, primeiro que a gente tem uma família, aqui é uma família, querendo ou não! Não adianta, gente, você fica mais tempo aqui do que em casa, você está na sua segunda casa, você tem liberdade, aqui você tem liberdade para conversar, você tem liberdade para conversar com o reitor, para conversar com o pró-reitor, você tem liberdade, aqui é muito bom, você tem livre acesso, aqui é acessível, para você falar com os seus superiores. Então, tem lugar melhor para trabalhar? Não tem”**.

Enquanto isso, Otacílio Pedro de Macedo, que começou a trabalhar na Uscs em dezembro de 1969 como vigia e, atualmente, exerce a função de professor no curso de Direito, relata, ao longo de sua entrevista, o quanto sente orgulho de sua história e dos caminhos que trilhou dentro da universidade. Segundo ele: **“O**

fato de você ter ingressado numa instituição no cargo mais simples que existia, que é o cargo de vigia e depois você se vê na condição de professor dessa instituição, acho isso muito gratificante para qualquer pessoa, e acho isso um grande mérito de qualquer pessoa que tenha passado por isso. Circunstancialmente eu sou uma delas e eu admiro isso em mim mesmo e admiro isso em outras pessoas. (...) Então, me sinto realmente alegre por essa trajetória, por esse caminho que percorri e não sei até onde isso vai. Nessa oportunidade quero agradecer a lembrança que a instituição, pelos seus órgãos, pelos seus cursos, teve sobre a minha pessoa. Eu me sinto muito gratificado por isso. Eu me alegro com a minha vida, até porque eu sei que a minha vida sempre foi pautada por interesses, interesses desprovidos de quaisquer outras razões senão acadêmicas. Essa coisa acadêmica sempre ferveu dentro de mim e faço o que é possível fazer”.

Podemos destacar, lendo esses relatos, a importância da dimensão subjetiva do método das Narrativas Orais de História de Vida, pois, tais narrativas nos permitem compreender quem são essas pessoas, tanto em suas individualidades como sujeitos de uma ação coletiva, imbricada em um tempo e em um espaço, detentores de seus próprios modos de sentir e de fazer suas escolhas. Segundo Perazzo (2015, p. 130):

(...) as Narrativas Orais de História de Vida constituem-se em um método para se trabalhar com o passado dos indivíduos, com o cotidiano e com as micros experiências sociais. Mas também é um método que nos permite compreender como as pessoas pensam, porque fazem ou fizeram suas escolhas na vida, que posição

social assumiram. Por isso, é um método que nos permite compreender as subjetividades. E dessa forma, nos permite trazer para a ciência as dimensões dos sentidos, dos sentimentos e das mentalidades, que antes eram apenas dos domínios dos relatos literários e das crônicas.



Enquanto isso, no depoimento de Cecília Rita Ciarlini Barros, funcionária desde 1983, podemos observar os sentimentos de responsabilidade, comunidade, pertencimento e de família quando ela diz que: “A Uscs é um local onde não existe um dono, mas as pessoas que passam por lá, a gente enxerga que procuram sempre fazer o melhor e, para mim, tentar fazer o melhor, no sentido do que isso é importante para a minha pessoa, é que nós temos, dentro da universidade, uma família, que tem sim os seus problemas, as suas diferenças, mas que na hora de um problema maior, a gente pode contar com todo mundo lá, inclusive com a reitoria (...). Porque dentro da nossa famí-

Making of das gravações das entrevistas para o Programa Uscs - 50 anos. Foto de 2016

lia a gente tem as diferenças, tem as divergências, mas nós estamos sempre lá, quando a coisa aperta, a gente pode contar com quem está lá dentro. É o meu ponto de vista, inclusive não só se eu precisar de alguma coisa. Quantos funcionários não passaram por problemas dentro da universidade e foram ajudados de uma forma ou de outra por todo mundo, pela união das pessoas(...).”

Essas narrativas evidenciam a subjetividade do narrador enquanto participante da instituição e de suas histórias. Os depoimentos de Renildes e Cecília deixam claro o quanto participar dessa comunidade é importante para suas vidas e lhes traz segurança e acolhimento. Já o professor Macedo expressa o mesmo sentimento, mas de forma diferente, deixando em evidência o orgulho de ter assumido diferentes papéis – vigia, funcionário administrativo e professor – e, mais ainda, por ser convidado para contar a sua história.

No relato de Eliseu José Moreno Parra, ex-aluno da turma de 1971, observamos a realização profissional e, até, pessoal, por meio de sua formação e do seu ciclo de amizades formado no então Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul (Imes). Segundo ele: “O Imes, para mim, representou até o que eu sou hoje (...). Sempre que eu falo do Imes é com o maior prazer, porque o Imes deu para mim o que eu tenho hoje, eu consegui! Trabalhei na Antártica, depois eu saí da Antártica e já fui para uma indústria automobilística a Mercedes Benz, e depois eu fui para outra, que foi a Ford, e hoje eu até estou na Volkswagen. Quer dizer, eu fui sendo levado pelo conhecimento que eu adquiri dentro do Imes. Então, eu acho que (o Imes) representou tudo para mim, representa ainda, porque eu ainda estou em atividade (...). Eu tive excelentes professores, tenho amigos até hoje, nós temos grupos de amigos

que são daquela época, que a gente se reúne com constância, com frequência, então são coisas que eu levo na minha bagagem de vida e, quando eu conheço alguém que estuda aqui dentro, eu falo o melhor do que eu conseguiria tirar aqui dentro, recomendo que eles levem a sério, porque hoje é uma universidade com a maior seriedade possível, é isso que eu vejo na Uscs (...) Para mim, está sendo um prazer, uma felicidade poder estar dando meu depoimento aqui na Uscs (...) Depois de 46 anos de formado aqui dentro e perceber que a Uscs está crescendo cada vez mais, eu sempre falo, eu tenho um grande orgulho e felicidade em ter estado aqui pelo menos por quatro ou cinco anos seguidos e aprender muito com os mestres que estavam aqui dentro e com alguns que estão ainda, é isso aí”.

Da mesma forma, Alexandre Sousa Vieira, ex-aluno da instituição, que atuou no Diretório Central dos Estudantes (DCE) em 2010, destaca a satisfação de realizar o sonho de estudar na Uscs: “Eu tinha 18, 16 anos, eu tinha o sonho de estudar e olha, depois de quantos anos, hoje eu estou fazendo parte do vídeo de 45 anos. A minha prima estudou aqui, a família, tinha a parte da família rica e a família pobre, eu era da parte pobre da família: ‘Vocês nunca vão estudar?’ Eu falei: ‘Não, mas eu vou, eu vou porque eu vou dar esse orgulho para a minha mãe.’ (...) Hoje eu estou na faculdade que eu quero, eu estou no lugar que eu quero estar, que eu sempre quis estar, que era aqui dentro da Uscs estudando, então eu estou muito feliz por isso, de ser chamado, de ser escolhido para estar fazendo parte. (...) Então eu estou muito feliz, eu não teria palavra para mensurar isso, a felicidade”.

Por meio desses depoimentos, observamos os sentidos e os sentimentos acionados pela

narrativa de um sujeito colocado como protagonista da história da instituição. De acordo com Perazzo (2015, p. 124):

O sujeito é recolocado em cena, sendo valorizada a sua concepção de mundo e sua dimensão subjetiva. A inovação no processo comunicativo se inicia nas formas de investigação e nos resultados que são alcançados quando a pesquisa segue por esses caminhos, que contemplam o sujeito da ação e, com isso, sua subjetividade, articulando imaginários sociais, construindo identificações e revelando, por meio de sua narrativa de histórias de vida, formas de comunicação da cultura.

Apresentando, ainda, uma última narrativa, de Luiz Santander, ex-aluno e professor da Uscs desde 1988, podemos observar a extensão da universidade enquanto família, ao demonstrar que os elos perpassam os limites físicos e abrangem, também, os familiares. De acordo com Santander: “Meus filhos cresceram praticamente no Imes, porque o mais velho nasceu em 1976 e em 1981 eu já estava no Imes. E como tive muitas atividades no Imes, e nós vamos conversar sobre isso, eles, para estar com o pai, tinham de estar aqui. Eles viraram parte do Imes, tanto que o mais novo, quando foi fazer faculdade, queria fazer Imes e, para a sorte dele, como nós não tínhamos na época o curso de Publicidade e ele estava no primeiro colegial, na época, o Imes montou o curso de Publicidade. ‘Agora eu já sei onde vou fazer’, ele falava, porque ele não queria fazer em nenhuma outra faculdade. Ele tem até hoje uma identidade muito grande com o Imes. Ele cresceu aqui dentro. Ele participava das festas, vinha aqui dentro, vinha nas quadras, jogava futebol com o pessoal. Ele aprendeu a jogar com o pessoal que

jogava no Imes, porque o pai era goleiro e ele não é goleiro. Ele aprendeu a jogar com o pessoal dos nossos times de futebol. Ele ia ao vestiário e na quadra e virou mascote. Tinha camisa igual à dos jogadores do time, tudo igual. No momento em que teve o curso de Publicidade foi uma festa para ele, porque já sabia onde ia fazer faculdade e fez, aqui no Imes”.



Todos esses relatos vão ao encontro do que Thompson (2006, p. 18) acredita ao afirmar que:

(...) não podemos nos esquecer do papel da memória individual, a memória daquilo que aconteceu a nós mesmos, quem somos, como foi nossa vida, quem são nossos amigos, nossas memórias com relação a nossos filhos, o que eles fizeram e o que nos disseram. Não se pode operar na vida sem essa memória; ela é a parte mais central da consciência humana ativa, e é essencialmente oral.

Making of das gravações das entrevistas para o Programa Uscs - 50 anos. Foto de 2016

Portanto, ao narrar sua própria história, o depoente faz conexões entre o seu passado e o seu futuro por meio da sua subjetividade. Desse modo, sua memória é a forma como se relaciona com o passado e, portanto, um importante mecanismo de atribuição de sentidos e significados.

O Programa *Uscs - 50 anos* se constitui numa ação de memória institucional iniciada para as comemorações do cinquentenário da universidade, mas que continuará em desenvolvimento registrando, organizando e divulgando a ação dos protagonistas dessa memória institucional. Não é nossa pretensão, nesse momento, apontar considerações conclusivas sobre a ação de construção da memória da Uscs, mas apresentar algumas percepções sobre essa experiência e seus desdobramentos.

Ao longo desses anos coletando depoimentos, observamos que muitos se referem à universidade como segunda casa, segunda família e, ao fazer um relato sobre a sua própria história de vida, se emocionam ao perceber o quanto são importantes para a instituição e o quanto a instituição é importante para eles. É o caso de Renildes Mota de Souza Spilborghs e Cecília Rita Ciarlino Barros, que expressam a felicidade por passarem boa parte do dia com as pessoas que integram essa comunidade. Já no depoimento de Macedo observamos os mesmos sentimentos sendo expressos por meio do orgulho de saber que a sua própria história, o seu próprio crescimento está diretamente ligado ao crescimento da instituição.

A importância da dimensão subjetiva do método das Narrativas Orais de História de Vida fica clara por nos permitir compreender esses sujeitos enquanto indivíduos e, também, enquanto sujeitos de uma ação coletiva. No relato

de Luiz Santander ressaltamos a importância da memória individual, enquanto parte central da consciência humana, para resgatar quem somos a partir das nossas escolhas e de como nos relacionamos com tudo que está à nossa volta.

Ao colocar o sujeito como protagonista da história, valorizamos a sua concepção de mundo e contemplamos sua subjetividade ao possibilitar que ele construa relações entre o seu passado, o seu presente e o seu futuro. Nos depoimentos de Eliseu José Moreno Parra e Alexandre Sousa Vieira essa dimensão fica bastante clara ao vermos a atribuição de significado para realização pessoal e profissional por meio da experiência vivida na Uscs.

Tomando nosso método como referência, compreendemos que os discursos constroem nossas presenças na cena histórica. Portanto, podemos dizer que, durante as entrevistas, os sujeitos se emocionam, também, por visualizarem suas experiências e suas ações por meio da construção de uma narrativa. Dessa forma, as pessoas revisitam seu passado com o intuito de construir a memória institucional e os olhares desses protagonistas são múltiplos.

Como parte da instituição, que também somos, formamos um coro narrativo das pessoas que construíram a universidade, que lhe deram vida por meio de suas experiências e edificaram 50 anos de trajetórias de diferentes protagonistas dessa memória. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
 PERAZZO, Priscila Ferreira. Narrativas orais de histórias de vida. *Comunicação & Inovação*, PPGCOM/USCS, v. 16, n. 30, 2015.
 THOMPSON, Paul. História oral: patrimônio do passado e espírito do futuro. In: WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Coord.). *História falada: memória, rede e mudança social*. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

LUCIANA CUNHA

É PEDAGOGA, FORMADA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. É DESIGNER INSTRUCIONAL NA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL E ATUA NO PROGRAMA MEMÓRIA USCS - 50 ANOS.

Ileane da Silva Ribeiro

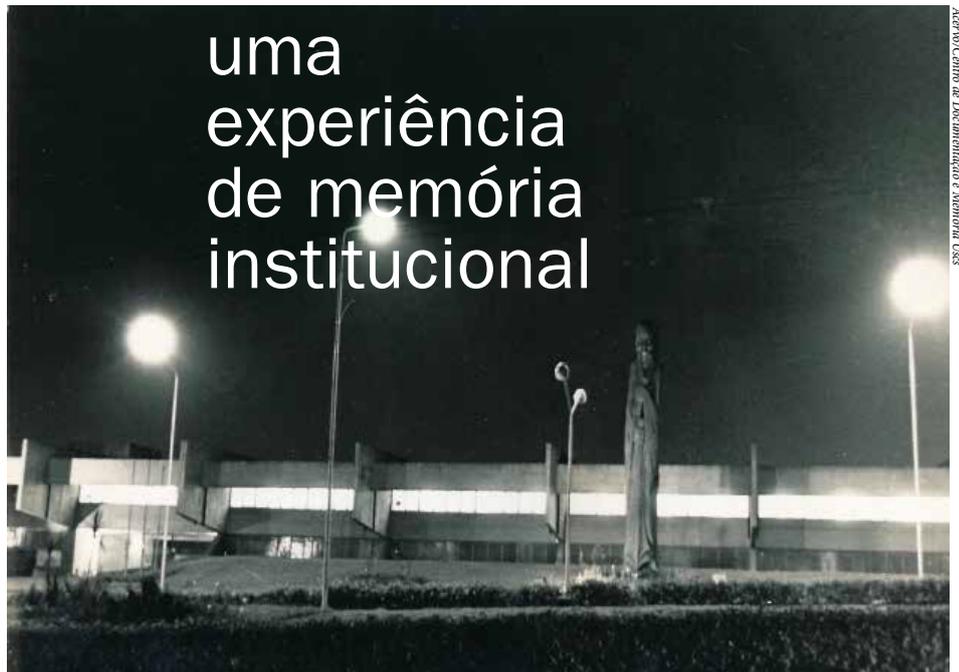
A memória se constrói de diversas formas, por diferentes artifícios. Cinquenta anos representam uma vida repleta de acontecimentos, conquistas, sonhos, desejos e devem ser celebrados. Ao longo de suas atividades, a Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs) constituiu não apenas uma longa trajetória, mas um vasto potencial de documentação e memória sobre sua existência, fazendo parte da história da cidade de São Caetano do Sul.

Há alguns anos, a comunidade tinha apenas acesso às fontes que transmitiam a história oficial e, em alguns casos, apenas a própria versão institucional. Foi então que, em 2013, o jornalista e professor da Uscs, Luciano Cruz, no fim do seu mestrado em Comunicação pela universidade, decidiu trazer novas vozes para contar o legado da instituição. Mas como adotar um critério em que estes novos olhares contemplassem uma gama representativa capaz de constituir uma memória institucional?

No aniversário de 45 anos da Uscs foram feitas entrevistas com professores, dirigentes e ex-alunos para resgatar a memória da universidade e assim foram criados dois produtos: um portal de memórias e um pequeno livro comemorativo que conta a história da universidade e algumas outras curiosidades, além de um DVD, com o registro de partes dos depoimentos. Mesmo após o lançamento dos materiais, foi possível

Uscs 50 anos:

uma
experiência
de memória
institucional



Arquivo/Centro de Documentação e Memória Uscs

conferir alguns trechos no portal *Memória Uscs*, na plataforma Youtube. Para a comemoração do 50º aniversário da universidade, em 2018, este portal de memórias está sendo reformulado, passando por uma modernização de *layout*, que disponibilizará diversos cliques de memórias elaborados a partir de novos depoimentos de professores, funcionários, alunos e ex-alunos, contando também com trechos de entrevistas

Vista frontal da fachada do Imes à noite, na década de 1970

feitas anteriormente. Sendo assim, uma das maneiras de contar a história da universidade se dá por meio das histórias das próprias pessoas que a vivenciaram, que ajudaram a construir este quadro de significação - o portal de Memórias Uscs:

(...) a construção do passado, embora assentando sempre em quadros de significação e em contextos culturais específicos, não deixa também de estar moldada pelas experiências emocionais e pelas expectativas pessoais de cada indivíduo. (PERALTA, 2007, p. 19)

Todavia, temos também a história construída por meios institucionais. Uma revista interna comemorativa do 30º aniversário da Uscs, ainda Imes, registrou a trajetória oficial da universidade, com os fatos mais marcantes ao longo do tempo. Publicações em jornais da região e artigos na revista *Raízes*, editada pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, configuram-se também como outros meios de construir a história da universidade e da cidade. Em 1999, foi criado o Centro de Documentação e Memória da Uscs, a partir do empenho e ação de Oscar Garbelotto, que entre os vários feitos de sua trajetória de vida, sempre foi um dos incentivadores da memória da região e da instituição. O Centro de Docu-

mentação, portanto, passou a preservar a história da universidade, arquivar documentos e fotografias e atuar na conservação da memória institucional.

Mas estas não são as únicas versões sabidas. Cada pessoa que passou, fosse como aluno, professor ou funcionário, teve uma parcela da sua vida associada à trajetória da universidade e, portanto, carregam, em suas lembranças, as mudanças que presenciou.

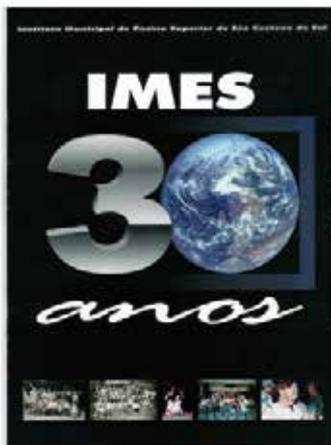
O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. (BENJAMIN, 1994, p. 201).

Em 2004, com a criação do projeto *Memórias do ABC*, da Uscs, foram feitas as primeiras entrevistas com professores e funcionários da instituição. Foi justamente no momento em que a instituição atingiu o *status* de universidade. Nesses momentos de mudança surgem necessidades de registrar as experiências e as transformações que levaram às novas condições; logo deu-se início à construção da memória institucional em um novo suporte, com novos narradores.

Contudo, há certas experiências que não constam nestes acervos, mas quando há um narrador que vivenciou a história, esta ganha vida e se torna parte também do ouvinte, da sua experiência. Em 2013, os temas para os depoimentos foram ampliados e passaram a tratar das vivências das pessoas com as associações da universidade: Afimes (Associação de Funcionários), DCE (Diretório Central dos Estudantes), Atlética e Aproximes (Associação de Professores).

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são

Capa das revistas comemorativas de aniversário já publicadas pela Uscs



mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. (BENJAMIN, 1994, p. 205)

Como dito anteriormente, as histórias de vida de muitas pessoas se misturam com a trajetória da universidade. O narrador não precisa ir direto ao tema principal, ele evoca suas memórias pela infância e, no momento em que ambas se cruzam, a história temática toma a vez. Conforme a desenvoltura do depoente ao narrar

a sua própria história e os mecanismos criados para evocar sua memória, o narrador pode ser muito sucinto ou bastante descritivo e detalhista.

Atualmente, diante das novas mídias e linguagens digitais, a Uscs passa também a produzir registros da sua história por meio de material audiovisual. Entrevistas gravadas em vídeo são armazenadas na íntegra no sistema HiperMemo - um acervo midiático *on line* acessível a todas pessoas, desenvolvido pelo *Memórias do ABC*. Nesse banco de dados, é possível encontrar o depoimen-

Vista aérea do Campus Barcelona da Uscs. Foto da década de 1990

Acervo/Centro de Documentação e Memória Uscs



to transcrito completamente, uma breve biografia e seu acervo pessoal cedido para a pesquisa. Para divulgação, trechos dessas entrevistas são editados e disponibilizados no site da universidade, para que o público possa selecionar o que acessar, de maneira fragmentada e interativa, como se propõem os produtos digitais atualmente.

Por meio desses pequenos cliques audiovisuais, pessoas contam a história da instituição, narrando seu crescimento, as conquistas e os sonhos que fizeram parte da trajetória. Nesse momento, a linguagem audiovisual auxilia no registro, captando a emoção transmitida em determinada frase e permitindo a interação de quem fala com quem assiste. Pelo movimento que se acompanha em imagens de vídeo, esse produto desperta a atenção e interesse de quem assiste. “A evocação do passado é necessária para afirmar a própria identidade, tanto a do indivíduo quanto a do grupo.” (TZVETAN, 2002. p.195)

Ao se conduzir a memória de uma instituição, é possível promover sentimentos de pertencimento naqueles que fazem parte dessa comunidade. Funcionários mais antigos da Uscs não a consideram apenas o seu local de trabalho, pois há um sentimento maior que os liga à universidade. Ao evocar suas memórias, tomam consciência do crescimento pessoal de cada um deles, a evolução da Uscs e de suas carreiras, percebem que, na outrora pequena instituição em que as pessoas se conheciam bem, não importava seus cargos, mas sim os laços, que eram estreitos. Como afirma Peruzzo (2002, p. 02): “Falar em comunidade significa falar de fortes laços, de reciprocidades, de sentido coletivo dos relacionamentos”. Dessa maneira, o que se vê são manifestações de que há uma “família Uscs”, que os acolheu com laços coletivos de relacionamento, uma vez que muitas dessas pessoas passaram a maior parte de

suas vidas trabalhando e convivendo no interior dessa instituição. Por isso que:

Cada sujeito, ao narrar sua trajetória de vida, se revela uma testemunha e um artífice da história. Essas narrativas orais não são menos verdadeiras, nem menos ficcionais do que muitas histórias oficiais. Não se busca a verdade, já que cada sujeito narra a partir de sua subjetividade, uma vez que cada um vê o objeto a partir do seu lugar no mundo e constrói sua narrativa de forma seletiva, marcando sua trajetória de acordo com sua concepção de mundo e sua percepção de si mesmo. (PERAZZO, 2015, p. 123)

Todas essas histórias se tornam, portanto, tão verdadeiras quanto aquelas contadas pelos documentos oficiais. A construção da memória institucional da Uscs é contínua, viva e torna-se mais abrangente ao buscar crônicas de outros narradores que completarão tais histórias. A conjugação de documentos oficiais, reportagens de jornais, artigos de memória, fotografias, etc, possibilita uma reconstrução dinâmica da história da universidade. A celebração desses 50 anos não se resume apenas a mais uma comemoração, mas sim à possibilidade de diversas reescrituras da história da Universidade Municipal de São Caetano do Sul e da dinâmica (re)construção das memórias de pessoas em suas instituições. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1994.
- PERALTA, ELSA. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. In: *Arquivos da memória*. Antropologia, Escala e Memória. Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa. nº2 (nova série) 2007.
- PERAZZO, Priscila F. Narrativas Oraís de Histórias de Vida. In: *Comunicação & Inovação*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, v. 16, n. 30 (121-131) jan-abr 2015.
- PERAZZO, Cicília Maria Krohling. Comunidades em tempo de redes. In: *Comunicação y movimientos populares: ¿Quais redes?*. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2002. p.275-298.
- TZVETAN, Iódorov. As utilizações da memória. In: *Memória do Mal Tentação do Bem: indagações sobre o século XX*. Arx, 2002.
-

ILEANE DA SILVA RIBEIRO

É GRADUADA EM ARTES VISUAIS E NOVAS MÍDIAS. ESTUDANTE DE RÁDIO, TELEVISÃO E INTERNET NA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL, FOI MONITORA E PESQUISADORA DO PROGRAMA MEMÓRIAS USCS – 50 ANOS, DE 2016 A 2018.

Joyce Simplicia de Moraes

Minha experiência na Uscs

Na primeira vez que entrei numa sala de aula da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs), uma mistura de emoções tomou conta de minha cabeça. Dentro de mim existia a euforia por estar em um novo ambiente, também uma nova perspectiva de estudo e aprendizado, além do início de um novo ciclo. Naquele momento isso fez aflorar minha imaginação para pensar o que eu queria dali por diante. O que o futuro iria me reservar? Como se dariam essas novas relações? Tudo nessa hora é complexo e sobrecarregado, e, conhecendo a mim mesma, minha cabeça não teria mais sossego a partir de então.

Meu começo na Uscs foi levado por algumas decisões que hoje considero como corretas. Fiz a escolha do curso de acordo com a minha afinidade por matérias. Quando cheguei à aula, nos primeiros semestres, eu já me identificava com muitas disciplinas e discussões que eram levantadas em aula. Neste momento, os professores eram cativantes e as matérias, mais ainda. Sempre me envolvia com as temáticas trabalhadas, mergulhando em um mundo novo a cada projeto integrado que nos era apresentado. Foi por meio deles que eu conheci mais da história local, ganhando mais consciência sobre minha



Acervo/ Joyce Simplicia de Moraes

cidade e sobre meu papel como agente inserido na história nacional. Tive mais contato com a terceira idade e também desvendei o mundo da intolerância. É por isso, e por diversos outros motivos, que, hoje, com a ajuda de uma formação mais consciente sobre minha realidade, é possível que eu faça escolhas acertadas para o meu futuro. Mas essa perspectiva nem sempre foi assim.

I Encontro de Iniciação Científica da Aimes (Associação das Instituições Municipais de Ensino Superior de São Paulo), realizado em 29 de maio de 2017, no Centro Universitário Municipal de Franca. O evento foi organizado para graduandos, estudantes das instituições de ensino superior participantes da associação

Acervo/ Joyce Simplicia de Moraes



Alunos do 4º semestre de Rádio, TV e e Internet na II Feira de Comunicação, em setembro de 2016

Acervo/ Joyce Simplicia de Moraes



Alunos dos 1º e 3º semestres dos cursos de Rádio, TV e e Internet e Jornalismo visitam a Rádio Transamérica. Foto de 5 de maio de 2016

Costumo afirmar que uma faculdade é o aluno quem faz. Independente de qualquer dificuldade esse é o momento no qual estaremos mais em contato com as oportunidades para nosso futuro e, por isso, cabe a nós mesmos encontrá-las e nos mostrarmos dispostos a abraçá-las. Depois de três semestres no curso, por meio da própria academia, pude me inserir em um mundo que não conhecia e me identificar com ele. Conhecendo o tra-

balho das professoras Priscila Perazzo e Daniela Jakubaszko, encontrei no pensamento científico um sentido mais concreto para o curso superior, percebendo que uma reflexão pode desenvolver no indivíduo um trabalho intelectual e de formação do ser.

Por isso, foi ainda sem saber dessa nova visão de mundo que o pensamento científico iria me proporcionar, que me envolvi com o trabalho de iniciação científica, seduzida pela

temática da comunicação e da memória. Neste momento, eu estava em busca de algo que preenchesse as lacunas do meu currículo mas, com o passar do tempo, pude descobrir as vantagens desse trabalho. Tive a oportunidade de me filiar a uma professora muito conceituada e, hoje, conhecendo seu trabalho, digo que tenho sorte.

O corpo docente de Comunicação sempre motiva seus alunos a se desenvolverem cada vez mais e, apesar de “reclamações”, nós, alunos, quando nos apropriamos de novas ideias, conseguimos realizar feitos incríveis. A Feira de Comunicação da Uscs é um breve exemplo disso. Em sua quarta edição em 2018, é

sempre realizada pelos alunos, além disso, seu sucesso na comunidade é sempre certo e as experiências são enriquecedoras.

Dentro da universidade eu também pude trabalhar ao lado da professora Priscila Perazzo e, com ela, aprendi muito no âmbito acadêmico, além de poder, por meio do Laboratório Hiper-mídias, estar diretamente ligada a produções de pesquisa junto a mestrandos, doutorandos e pesquisadores. Pude abraçar cada pesquisa que o laboratório desenvolveu e aprendi muito. Presenciei eventos acadêmicos, visitas técnicas de entrevistas, aulas especiais, congressos e reuniões. Envolvendo-nos cada vez mais com a comunidade podemos perceber que, enquanto a vida segue, os trabalhos são realizados e as relações, fortalecidas, e, assim, a intimidade com a universidade aumenta e nos sentimos cada vez mais cercados por todos.

Muitas vezes, os alunos não têm muito cuidado com seus professores. Entretanto, na Uscs, se depender do aluno, os professores são sempre muito bem valorizados e cuidados. Devemos enfatizar que, quando entramos nas aulas, percebemos a qualificação de cada um deles, a maioria se atualiza constantemente. Os professores têm um importante papel na vida dos alunos, todos os que até hoje me deram aula, ajudaram-me em algum sentido, seja por meio de conselhos, ajuda em trabalhos acadêmicos ou projetos pessoais. É sempre esse carinho especial e atenção de cada docente que ficarão na memória, entrelaçando-se com as lembranças da faculdade.

Para mim, como aluna, sempre ficarão na memória as orientações e conversas com a professora Jakubaszko, toda a atenção aos alunos dispensada pelo coordenador do curso de Rádio e TV, Luciano Souza, para ajudar seja no campo

acadêmico ou profissional, e também as aulas do professor Rui Granado, uma avalanche de aprendizado, profissional que deixa transparecer o carinho e orgulho pelo que faz.

Depois de três anos, e agora mais do que nunca, neste último ano de universidade, consigo olhar para trás e apontar o que mais contribuiu para o meu desenvolvimento profissional e pessoal, e a principal delas é a própria Uscs. A cada passo dado me sinto mais completa e formada, não só para o ambiente profissional, mas também para mundo. Enxergo agora, em cada decisão, um universo de novas possibilidades, dotada de uma nova ótica, formada após um longo processo de aprendizado. E tudo isso foi proporcionado pela Uscs e por tudo que ela pôde me oferecer, sua estrutura, seus professores, os eventos, as pessoas e todo o conjunto de coisas.

Estas são apenas algumas das minhas experiências no campo acadêmico e não poderei me estender contando detalhadamente cada uma delas, mas, desde o momento em que pisei na universidade, eu sabia que minha mente não teria mais sossego. Eu estava certa. Daqui para frente, com a minha formação, e, futuramente, com diploma em mãos, será hora de colocar em prática não apenas todo o repertório profissional que a Uscs me ajudou a formar, mas também praticar a cidadania e o pensamento consciente que todos da universidade me ajudaram a adquirir. Cada uma destas experiências contribuiu para me transformar em quem sou hoje, ainda um ser mutante. **R**

JOYCE SIMPLICIA DE MORAES

TEM 22 ANOS. É ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO DO 7º SEMESTRE DE COMUNICAÇÃO COM ÊNFASE EM RÁDIO, TV E INTERNET DA USCS, E BOLSISTA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA PIBIC-CNPQ, ATUANDO NA EM PESQUISA NA ÁREA DE COMUNICAÇÃO, NA LINHA COMUNICAÇÃO E MEMÓRIA. FOI MONITORA NO LABORATÓRIO HIPERMÍDIAS.

Joaquim Celso Freire

A universidade, a extensão e o desenvolvimento regional

A universidade é uma instituição social que tem um papel fundamental no desenvolvimento local, regional e nacional. Dependendo do seu porte e das suas competências desenvolvidas ela vai interferir em menor ou maior abrangência nessas dimensões de raio. Entendo esse como um papel natural, intransferível, próprio da natureza da universidade.

O desenvolvimento – social, econômico, tecnológico... – de uma determinada região tem uma relação direta com a presença efetiva – ou não – da universidade. É evidente que existem outras variáveis atuando nesse contexto, mas ter ou não ter uma instituição de ensino superior vigorosa e atuante faz diferença.

A universidade é uma instituição essencial ao desenvolvimento. É por meio dela que se dá a mediação entre o mundo social, o cotidiano das pessoas expresso pelo trabalho, pela produção, pela tecnologia, pelo lazer, pela cultura, pelo esporte, e a ciência.

Ao longo da sua história, a universidade cuidou do conhecimento: seja por meio da formação de profissionais para realizar as diferentes atividades sociais, seja a partir da função de pesquisar e gerar conhecimento novo e novas técnicas para fazer as coisas.

Mais recentemente, a universidade passou a preocupar-se também com a função de extensão, como forma de estar mais próxima da comunidade, estender a ela o conhecimento produzido, conhecer e entender as suas necessidades, extrair dela o conhecimento, fruto da experiência cotidiana ali vivida e planejar as ações inclusivas.

Daí que ensino, pesquisa e extensão constituem as três funções básicas da universidade. São equivalentes e de mesma relevância, no processo de construção do conhecimento e de atuação da instituição no ambiente. E é por meio dessas funções que a universidade marca a sua participação no desenvolvimento local.

O ensino desenvolve conteúdos, a pesquisa descobre o novo e a extensão socializa o conhecimento. Na relação de interdependência, o ensino precisa da pesquisa para se renovar e da extensão para levar seus conteúdos à comunidade. A pesquisa precisa dos conhecimentos do ensino, como base para novas descobertas, e da extensão para difundir e aplicar a sua produção. A extensão necessita dos atores do ensino e dos seus conteúdos para ser efetivada e precisa da pesquisa para diagnosticar e oferecer soluções às demandas da sociedade.

O Plano Nacional de Extensão diz que a extensão deve ser entendida como prática acadêmica que interliga a universidade, nas suas atividades de ensino e de pesquisa, com as demandas da maioria da população, possibilita a formação do profissional cidadão e se credencia, cada vez mais, junto à sociedade como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para superação das desigualdades sociais existentes. É importante consolidar a prática da extensão, possibilitando a constante busca do equilíbrio entre as demandas socialmente exigidas e as inovações que surgem do trabalho acadêmico.

Assim é que a Uscs, mesmo ao tempo que fora um instituto isolado – o tão querido Imes de todos nós – voltou o seu olhar para a região do Grande ABC, formando técnicos e gestores capacitados para atuarem de forma proativa no conjunto das atividades sociais, pesquisando e gerando conhecimento novo, em função dos horizontes da regionalidade, desenvolvendo e implementando ações de extensão, que incorporassem a comunidade à universidade e levasse a instituição ao campo da realidade social, agindo para transformá-la para melhor.

As ações de extensão na Uscs orientam-se baseadas no seu Plano de Desenvolvimento Institucional, no Estatuto e no Regimento Geral da universidade e na política nacional de extensão expressa no Plano Nacional de Extensão.

Essas ações se sustentam, ainda, na missão de extensão da universidade de interagir com os processos de ensino e de pesquisa, e estabelecer uma relação de troca entre a universidade e outros setores sociais, contribuindo para o desenvolvimento regional e para a superação de desigualdades sociais, possibilitando, também, a formação integral dos nossos estudantes, preparando-os para intervir, de maneira positiva, na realidade em que vivem.

Nesse sentido, a política de extensão da Uscs considera que as suas ações devem propiciar aos seus estudantes experiências de interação social na sua área de conhecimento e oferecer condições para o enriquecimento da sua formação cultural e de cidadania. À sociedade, criar condições de acesso à universidade, por meio de cursos de extensão, projetos de inserção nas comunidades e uma série de outras ações e serviços, que visam a transferir conhecimentos que contribuam para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.



Foto: Ana Paula Lorenzi (Uscs)

Momentos de instalação interativa que integrou a programação do projeto Universidade Aberta de 2018



Foto: Uscs

Apresentação teatral de alunos da Uscs, participantes de projeto de extensão em parceria com o Sesc, durante viagem ao Vale do Jequitinhonha, em 1997

A Uscs entende que a extensão é uma forma de interação entre universidade e comunidade: a entidade leva conhecimento e serviços à comunidade, e esta beneficia-se dessa oferta e ainda expõe novas demandas para a atuação da universidade. A instituição planeja e executa atividades de extensão com base nessa interação, influenciando e sendo influenciada.

Ao planejar e executar ações de extensão com consequências positivas para a comunidade/sociedade, a universidade pratica a responsabilidade social permitindo a sustentabilidade, na qual as relações humanas de formação estão alicerçadas. Responsabilidade e sustentabilidade social representam, ao final, o resultado das ações da universidade no ambiente, estudando e compreendendo a região e desenvolvendo atitudes de ensino, pesquisa e extensão que interajam com as demandas da comunidade local e contribuam nos processos de inovação necessários ao futuro que a região almeja.

Ao completar 50 anos, a Uscs reafirma a sua opção de instituição comprometida com o desenvolvimento regional, sob o olhar das demandas dessas três dimensões que dão norte ao fazer universitário. **R**

JOAQUIM CELSO FREIRE

É GRADUADO EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS PELA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL (USCS), MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO E PELA USCS, REALIZANDO PESQUISA SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS E DESENVOLVIMENTO REGIONAL. É PROFESSOR DE ADMINISTRAÇÃO NA USCS DESDE 1985, ONDE OCUPOU O CARGO DE PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO DE 2000 A 2013. FOI VICE-PRESIDENTE DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (BIÊNIO 2005/2007 E 2007/2009). FOI VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO DIRETOR DA AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO GRANDE ABC (BIÊNIO 2013/2015 E ATÉ MAIO DE 2016) E PRESIDENTE DE JUNHO DE 2016 ATÉ ABRIL DE 2017.



Aerov/Usas

A Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas, Políticas e Sociais adotou a denominação de Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul a partir da lei municipal nº 1.836, de 26 de maio de 1970. Surgiu, assim, a sigla Imes. Vemos, na imagem, a fachada do prédio recém-inaugurado, na qual, aparecem as duas denominações

No dia 22 de janeiro de 1971, o Teatro Paulo Machado de Carvalho foi palco da formatura da primeira turma do curso de Administração do Imes, composta pelos alunos transferidos da extinta Esan. Na foto, vemos os formandos e, em destaque, autoridades presentes na cerimônia



Aerov/Moacir Ricci



Arquivo Wagner Natale

Wagner Natale, o segundo, na primeira fila, a partir da esquerda, durante formatura, realizada em 1972, que reuniu as turmas de Administração, Ciências Econômicas e Ciências Políticas e Sociais do então Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano. Em destaque, vemos a capa do livreto que apresentava os dados pessoais de todos os formandos



Arquivo Wagner Natale



Cerimônia de formatura do então Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul, realizada em 18 de abril de 1975, no Anhembi



Aerov/Usis

Ivani Aguilar foi a primeira mulher a se graduar no curso de Ciências Econômicas do Imes. Foto de sua formatura, em 1972



Aerov/Usis



AerovUss

Fachada do Imes, na década de 1980, na qual já aparece o novo letreiro e a estátua de São Pedro, instalada em 1975



AerovUss

Registro dos candidatos no momento do exame vestibular no ano de 1984

Pátio do então Imes com a movimentação dos estudantes nos primeiros dias de aula. Foto da década de 1990



Arquivo/Imes



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Carlos do Sul

Ex-diretores e ex-reitores ladeiam o então diretor do Imes, Marco Antonio Santos Silva (o terceiro, a partir da direita), durante comemorações dos 30 anos da universidade, em 1998. Vemos, a partir da esquerda: Moacyr A. Ferreira Rodrigues (diretor, de 1989 a 1992), Claudio Dall'Anese (diretor, de 1977 a 1981), Oscar Garbelotto (diretor, de 1973 a 1977), Laércio Baptista da Silva (reitor, de 2000 a 2007), Marco Antonio Santos Silva (diretor, de 1992 a 2007), Claudio Musumeci (diretor, de 1968 a 1969) e Sílvio Augusto Minciotti (diretor, de 1981 a 1989, e reitor, de 2008 a 2013)



Acervo/Aluno Juvenal C. Ferreira

Encontro dos ex-alunos da primeira turma de Administração, graduada em 1971, realizado em 1998, no Centro de Documentação e Memória da universidade

No dia 1º de agosto de 1998, o Imes realizou um evento em comemoração aos seus 30 anos de atividades. Na imagem, missa realizada no pátio para celebrar a ocasião



Acervo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Aerov/Fundação Pro-Memória de São Carlos do Sul

Fachada do Campus Barcelona, na Avenida Goiás, no início da década de 2000

Fachada do Campus Centro, inaugurado em 2004

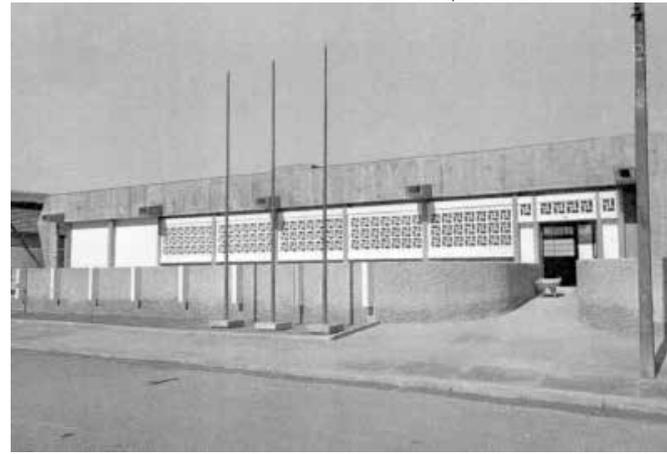


Aerov/Usas

Caio Bruno

As cinquentenárias escolas infantis de São Caetano

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



S em sombra de dúvidas, 1968 é um ano inesquecível na história recente mundial. O planeta estava em eferescência com guerras como a do Vietnã e a disputa nada fria entre Estados Unidos e União Soviética, a juventude se insurgia contra padrões vigentes e protestavam na Europa, em lugares como Paris (França) e Praga (República Checa). No Brasil, esse período de grande agitação não passou em branco. Era o tempo da Tropicália, do teatro alternativo, da nova música brasileira, mas a lembrança que mais vem à tona é a tristeza do 13 de dezembro, com a promulgação do Ato Institucional número 5 por parte do governo militar, cerceando liberdades, censurando expressões e endurecendo ainda mais a ditadura instalada quatro anos antes.

O ano de 1968 também foi marcante para São Caetano do Sul. Há exatos 50 anos, sob o primeiro mandato do prefeito Hermógenes Walter Braidó (1965-1969) a cidade teve sua rede estrutural de equipamentos públicos aumentada substancialmente, com, por exemplo, as inaugurações da Fundação das Artes (retratada em *Raízes* na edição de número 56) e da

Universidade Municipal de São Caetano do Sul (tema principal desta edição). Nesse artigo o recorte dado será para as oito escolas municipais de educação infantil (EMEI) - na época, e até 1977, chamadas de parques infantis -, inauguradas naquele ano. Para se ter uma ideia, antes de 1968 a cidade contava com 12 unidades do tipo e em 1969 já tinha 20. Um crescimento de 70% no número de escolas.

Uma das marcas propagadas por Braidó em sua primeira gestão era a de que em São Caetano “escola não é problema”. E não era mesmo! Educação foi uma prioridade completa do governante, como demonstrado ao longo de seu mandato, com, por exemplo, em 1966, com a criação do Departamento de Educação e Cultura (Depec) que sucedia a velha Seção de Educação, criada em 1951 por Ângelo Raphael Pellegrino e subordinada à Diretoria de Administração.

Com um departamento fortalecido, ligado diretamente ao seu gabinete, Braidó deu início ao seu plano de criações de escolas nas mais variadas especificações e tipos. Antes de 1968, por exemplo, já havia inaugurado seis parques. Foram entregues em 1966, as atuais EMEIs José Co-

Localizada no Bairro Prosperidade, a EMEI Romeu Fiorelli foi fundada em 7 de julho de 1968

EMEI Fernando Piva, no Bairro Olímpico, logo após sua inauguração em 21 de janeiro de 1968

EMEI Pedro José Lorenzini, no Bairro Santa Paula, em 2003

Fachada da EMEI Fortunato Ricci, no Bairro Barcelona, logo após sua inauguração em 28 de janeiro de 1968

rona, Octavio Tegão e Antônio de Oliveira. Já em 1967 foi a vez da Orlando Moretto, Castorina Faria Lima e Luiz José Giorgetti.

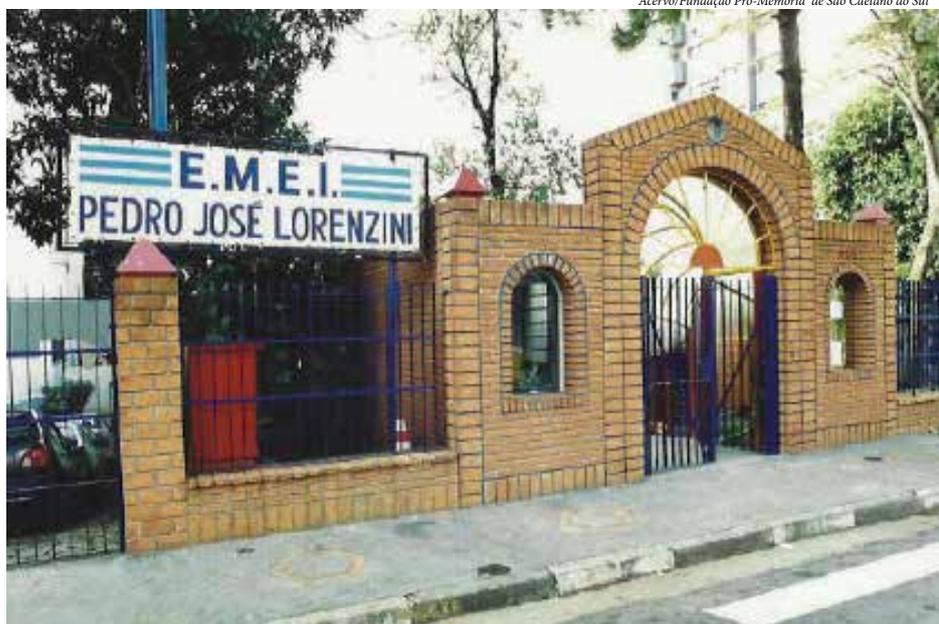
As escolas - Somente em janeiro de 1968, a prefeitura inaugurou três novas unidades infantis, o mesmo que em cada um dos dois anos anteriores. A primeira delas foi o Parque Infantil Fernando Piva, em 21 de janeiro, localizada na Rua Cavalheiro Ernesto Giuliano, nº 1050, no Bairro Olímpico.

O local já passou por diversas reformas e revitalizações, a mais recente em abril de 2018 e conta com capacidade para 136 alunos, incluindo aí os que necessitam de atuação especial da educação inclusiva. O patrono (1897-1964) foi advogado, comerciante e membro do movimento autonomista de São Caetano, em 1948.

Em 27 de janeiro de 1968 foi a vez do Parque Infantil Pedro José Lorenzini, localizado na Rua Marechal Deodoro, nº 445, no Bairro Santa Paula. A escola tem como patrono um dos integrantes do grupo de imigrantes italianos que ajudaram a desenvolver o Núcleo Colonial de São Caetano. Lorenzini nasceu na Itália, em 1878, e faleceu em São Caetano, em 1967.



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul





Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



No dia seguinte (28/1), o Bairro Barcelona ganha sua unidade. O Parque Infantil Fortunato Ricci, localizado na Rua Oriente, nº 333, homenageia um imigrante italiano (1863-1943) que tinha um empório na Rua Alegre. A escola conta, atualmente, com 103 alunos.

EMI Ângela Massei, no Bairro Cerâmica, em 2010

EMEI José Ferrari, localizada na Rua Paraíba, no Bairro Centro. Foto da década de 2000

EMI Maria Simonetti Thomé, no Bairro Cerâmica, em 2003

Em 10 de março de 1968, homenageando a mãe do ex-prefeito Oswaldo Samuel Massei (1957-1961 e 1969-1973) é inaugurado o Parque Infantil Ângela Massei, localizado na Rua Nestor Moreira, nº 360, no Bairro Cerâmica. Em 2007, por meio do decreto nº 9.485, a escola passa de EMEI para EMI (Escola Municipal Integrada).

Localizada na região central, na Rua Paraíba, nº 646, a escola José Ferrari foi inaugurada em 5 de abril daquele ano e homenageia com seu nome um imigrante italiano que chegou a terras sul-são-caetaneses em 1878, portanto na segunda leva de colonos.

O Bairro Cerâmica ganhou mais um parque infantil em 30 de junho, com a inauguração da escola Maria Simonetti Thomé. Localizado na Rua Tenente Antônio João, nº 413, o prédio passou por uma grande reforma nos anos de

1994 e 1995 e, por força do decreto nº 7.570, de 1996, passou a ser uma EMI. A patrona foi casada com Tomás Thomé (filho de Pedro Thomé e neto de Tomazo Thomé, um dos primeiros imigrantes italianos de São Caetano). Era mãe de Walter Thomé, um dos líderes do movimento autonomista de 1948.

No dia 7 de julho foi inaugurado o Parque Infantil Romeu Fiorelli, no Bairro Prosperidade, localizado atualmente na Rua dos Berilos, nº 113. Seu patrono era italiano e se mudou para o bairro com a sua esposa, Virgínia Catarin Fiorelli, em 1925, sendo um dos primeiros moradores do local.

Por fim, o Parque Infantil Rosa Perrella teve suas portas abertas em 11 de agosto. A unidade passou por uma grande reforma em 2001 e está localizada na Rua Lourdes, nº 460, no Bairro Nova Gerty. Nascida em Campobasso, na Itália, no dia 6 de

março de 1870, Rosa Perrella casou-se aos 15 anos com João Domingos Perrella, que havia chegado ao Brasil em 1880. Ele faleceu aos 83 anos, no dia 6 de janeiro de 1953, em São Caetano do Sul.

Parque Infantil X EMEI - Importante para a compreensão do contexto histórico, esclarecer a diferença de nomenclaturas e de funções entre parques infantis e escolas municipais de educação infantil. Todas as unidades do gênero inauguradas em São Caetano até 1976 (portanto incluem-se as oito que são objeto desse artigo) eram nomeadas como parques infantis e tinham função recreativa. Apenas em 9 de dezembro de 1977, com a reforma promovida pelo decreto municipal nº 4.470, as escolas foram transformadas em EMEIs e passaram a visar à formação pedagógica dos alunos. **R**

CAIO BRUNO

É JORNALISTA FORMADO PELA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL, COM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM GESTÃO E CRISE EM REDES SOCIAIS PELO SENAC-SP E CURSOS LIVRES NA ÁREA DE GESTÃO CULTURAL. É PÓS-GRADUANDO EM COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO. ATUALMENTE É SUPERVISOR DO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL.

EMEI Rosa Perrella ainda em construção, em 1968



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Cristina Ortega

Pontes que nos unem

Nesta foto da década de 1940, vê-se o Córrego do Moinho sem saneamento e sem retificação. Crianças brincam e observam as águas numa pequena pinguela

São Caetano do Sul faz divisa com São Paulo, Santo André e São Bernardo do Campo. A maior parte dessas divisas demarcatórias é feita pelos rios e córregos que circundam a cidade. São dois rios, o Tamanduateí e o dos Meninos, e três córregos, Utinga, Moinho e Grotas.

O Rio Tamanduateí, o maior deles, nasce em Mauá, no Parque Ecológico Santa Luzia, deslocando-se de leste para oeste. Atravessa os municípios de Mauá, Santo André, São Caetano do Sul e São Paulo, desaguando no Rio Tietê. Divide o nosso município com o de São Paulo. Também chamado de Ribeirão dos Meninos, o Rio dos Meninos tem sua nascente localizada a 1,5 km do Rio Grande, próximo ao Riacho Grande, no município de São Bernardo do Campo, e serve de divisa entre os municípios de São Bernardo, São Caetano do Sul e São Paulo. Sua foz é no Rio Tamanduateí.

O Córrego de Utinga divide os municípios de São Caetano do Sul e Santo André, na parte de baixo da Avenida Goiás, sentido de Utinga, distrito santo-andreense. Já o Córrego do Moinho (no passado conhecido como da Ressaca), que também divide os municípios de São Caetano do Sul e Santo André, é formado por uma nascente pequena e por águas servidas que dão origem ao córrego. Fica localizado próximo a Santo André, entre a Vila Júlia e o Bairro Santa Maria, em São Caetano. Ele percorre as regiões mais baixas da cidade, vai descendo até alcançar a Avenida Goiás, na altura da Praça dos Expedicionários, e segue para desembocar no Rio Tamanduateí. Menos conhecido, o Córrego das Grotas faz divisa com Santo André.

Pelo número de rios e córregos que delimitam o município, o acesso às margens é constituído por pontes. Ao longo de seus leitos foram construídas avenidas marginais, destinadas a dar vazão mais rápida ao tráfego. Em geral, as vias são largas, retas e sem muitos cruzamentos, possibilitando aos veículos alcançar mais velocidade. A construção das marginais ao longo dos rios Tamanduateí, dos Meninos e do Córrego do Moinho aliviou o trânsito do centro da cidade.

Antes da construção de uma avenida marginal é necessário sanear a zona ribeirinha, limpando os rios e córregos para depois proceder-se

à retificação. Muitos benefícios advêm do saneamento, evitando-se enchentes, águas pútridas, lamaçais e brejos, bem como a proliferação de insetos.

A população de São Caetano, entre as décadas de 1920 e 1940, sofria muito com dificuldades para atravessar da cidade para outros municípios, pois não havia pontes suficientes para a travessia. Havia *pinguelas* ou *mata-burros*, que eram pequenas pontes de piso de madeira, estreitas e até esburacadas.

Em 1949, a lei municipal nº 66, de 13 de dezembro, autorizava a assinatura de convênio entre as prefeituras de São Paulo e de São Caetano do Sul para a construção de uma ponte sobre o Rio Tamanduateí, ligando as avenidas Municipal, na Vila Lucinda (atual Bairro da Fundação), e Dr. Giacagliani, em São Paulo. A construção encontrou em seu caminho percalços de diversas naturezas, sendo inaugurada, finalmente, em janeiro de 1951, numa festa que contou com a presença de Adhemar de Barros, então governador do Estado de São Paulo e de Ângelo Raphael Pellegrino, prefeito de São Caetano do Sul, na época. Mesmo depois de sua inauguração, a imprensa criticava a falta de aterro junto à ponte.

Sobre o Rio Tamanduateí, através da ponte da famosa

GROTA:

Abertura que as águas das enchentes fazem na ribanceira de um rio; cavidade provocada pelas águas das chuvas numa encosta, morro ou montanha.

PONTE:

Obra destinada a carregar tráfego sobre obstáculos à continuidade de uma via, estes obstáculos podem ser rios, córregos, dentre outros.



PINGUELA OU MATA-BURRO:
Pequena ponte de piso de madeira, estreita e perigosa.

Divisa de São Caetano do Sul com São Paulo, onde a ponte sobre o Rio Tamanduateí faz a ligação da Avenida Conde Francisco Matarazzo, no Bairro da Fundação, com a Rua Baía Grande, em São Paulo. Observe que o rio ainda não havia sido retificado e tampouco existiam as pistas marginais. Ao fundo, casas da Rua Ceará. Foto da década de 1950

Construção da ponte sobre o Rio Tamanduateí, ligando as ruas Mariano Pamplona (São Caetano) e Ibitirama (São Paulo). O prefeito Oswaldo Samuel Massei faz a inspeção dos trabalhos, acompanhado por Silas Rodrigues (vereador), Cláudio Musumeci (diretor da Fazenda), Nilo Figueiredo (vereador), Isaac Zveibil (diretor de Obras), Armindo Ortega Martins (vereador) e João Anhô (vereador). Foto de 1959



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Pontilhão sobre o Ribeirão dos Meninos, local onde as pessoas também brincavam de saltar nas águas. Foto da década de 1930

riva rossa (subida vermelha), interligando as ruas Mariano Pamplona, no Bairro da Fundação, e Ibitirama, em São Paulo, grandes transtornos ocorriam. Era a única passagem para a Rua Ibitirama, na Vila Prudente, caminho muito utilizado na época. Era uma lajeira íngreme, em curva acen-

tuada, que não permitia nem mesmo o acesso de veículos a tração animal, uma vez que o trecho era todo ocupado por um pantanal.

Em 1952, por meio da lei nº 229, de 3 de maio, a prefeitura estava autorizada a fazer acordos com a prefeitura de São Paulo para a construção de uma segunda ponte sobre o Tamanduateí. Toda a cidade participou da campanha feita pelo *Jornal de São Caetano* para a construção e celeridade das obras. Uma nova

ponte evitaria as filas longas e cansativas que caracterizavam a saída de São Caetano para a Vila Prudente.

No ano de 1953, o então governador do Estado, Lucas Nogueira Garcez, esteve presente na divisa de São Caetano do Sul e São Paulo para lançar a pedra fundamental de uma ponte de concreto armado que substituiria a existente. Participaram do evento Armando de Arruda Pereira, da Cerâmica São Caetano, o ex-prefeito Ângelo Raphael Pellegrino, o prefeito eleito, Anacleto Campanella, e Accácio Novaes, representando as Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo. O custo dessa ponte seria distribuído igualmente entre as Indústrias Matarazzo, que idealizaram e propuseram a construção, a prefeitura de São Caetano do Sul e a de São Paulo.

Essa importante empreitada ficou em total estado de abandono até 1957, muito embora as obras tenham sido iniciadas sem que o governo do Estado possuísse as verbas necessárias para fazer face às despesas, provocando a paralisação dos trabalhos. A antiga ponte formava um verdadeiro gargalo, onde se estrangulava o trânsito ligando a Vila Prudente a São Caetano. Somente em 1959 a Ponte Ibitirama foi concluída.

A antiga Ponte Preta, sobre o Rio dos Meninos, na década de 1950, era uma velha pinguela de madeira. Ganhou esse nome porque era pintada de piche, melhor para a sua conservação. Entre 1953 e 1954, coube ao Departamento de Estradas de Rodagem construir o pontilhão sobre esse rio. Naquela época, era comum a ocorrência de pescadores na ponte, pois os peixes eram abundantes no local. O Rio dos Meninos foi retificado durante a gestão do prefeito Oswaldo Samuel Massei (1957-1961) e a obra terminada em 1959. O trecho entre a Rua São Paulo e a Estrada das Lágrimas teve os trabalhos de aterro contados com a colaboração da Cerâmica São Caetano. A Ponte Preta liga a Estrada das Lágrimas, em São Caetano, ao bairro paulistano de São João Clímaco.

Na entrada oficial da cidade, uma ponte liga as ruas Baraldi e Alagoas à Avenida Almirante Delamare, na divisa com São Paulo. Na realidade, são duas as pontes, juntas sobre o Rio dos Meninos. Uma de entrada da cidade e a outra de saída. Antigamente, era estreita e só permitia a passagem de um carro por vez, além de impedir o livre curso das águas por ter um vão baixo e estreito. Na década de 1960, as pontes foram refeitas, e entregues ao tráfego. Passaram a ter uma al-

tura maior, e as águas puderam correr com maior fluidez.

Em 25 de julho de 1953, foi inaugurada a ponte sobre o Rio dos Meninos que liga a parte sul-são-caetanense da Estrada das Lágrimas a São Bernardo do Campo (Bairro dos Meninos, atual Rudge Ramos). Era o acesso para ligar a cidade à Rodovia Anchieta.

Após a retificação do Rio Tamanduateí, na década de 1960, um novo traçado obrigou a construção de uma nova ponte, na altura da Avenida Francisco Matarazzo, fazendo a ligação com São Paulo pela Rua Baía Grande. Outra ponte construída na mesma década foi a que faz ligação entre a Rua Aquidaban, no Bairro da Fundação, e a Rua Francisco Rebelo. Ali existia uma velha ponte de madeira que fazia a ligação entre São Caetano e Vila Califórnia.

Os córregos, hoje canalizados, marcaram a paisagem de São Caetano. Na década de 1950, para atravessar o Córrego do Moinho só existiam três pinguelas de madeira. Um pontilhão foi construído no cruzamento das ruas Nazareth e Piratininga, no Bairro Barcelona, medindo 26,5 metros de comprimento por quatro metros de largura, sendo inaugurado em julho de 1954. Pequenos pontilhões foram construídos ao longo do córrego.



Sua retificação iniciou-se em julho de 1965 e em apenas três meses, já saneado, iniciava-se a construção da marginal. Atualmente o Córrego do Moinho encontra-se canalizado (obra realizada na década de 1990), dando lugar à bonita Avenida Presidente Kennedy.

Também na década de 1950, construiu-se um pontilhão sobre o Córrego de Utinga. A prefeitura assinou um contrato com a municipalidade de Santo André para essa construção, que seria de concreto armado. Em dezembro de 1954 o pontilhão foi concluído. No mesmo período, foi construída a via de ligação, sobre o Rio dos Meninos, da Vila Marlene (hoje Bairro Nova Gerty) com a Avenida São João Batista, em Rudge Ramos.

O Córrego de Utinga, que faz a divisa dos bairros Santa Maria e Barcelona com a Rua Marina, em Santo André, foi canalizado desde essa rua até a Avenida Goiás e, sobre a canalização, foi feita a Rua Domingos Graciuti Neto, que começa na Rua Domingos Fernandes, no Bairro Santa Maria, e vai até a Rua Flórida, no Bairro Barcelona. Parte do Córrego de Utinga, que faz

divisa com Santo André, no trecho da Avenida Goiás, no sentido da Estação de Trem de Utinga, ainda não foi canalizado.

Embora não esteja localizado nas divisas da cidade, vale citar o Córrego do Tingá, que nascia na chamada Lagoa do Tingá, mais ou menos na altura da Rua Giovanni De Nardi, no Bairro Oswaldo Cruz, e atravessava a antiga Cerâmica São Caetano. Desaguava suas águas no Rio dos Meninos. Atualmente encontra-se canalizado, levando suas águas para uma estação de bombeamento próxima à Ponte Preta, que as lança para o Rio dos Meninos. Sobre o córrego canalizado está a Avenida Antonio da Fonseca Martins, no Bairro São José.

Outras pontes foram construídas, reconstruídas e reformadas com o passar do tempo. Mais recentemente, a partir de 2003, foram alteadas as pontes das avenidas Presidente Wilson, Almirante Delamare e da Rua São Paulo. A Ponte Preta foi ampliada, o vão entre a ponte e o rio ficou maior, permitindo maior vazão das águas das cheias.

Pontilhão para pedestres sobre o Rio Tamanduateí. Observe a sinuosidade do rio antes da retificação. Foto da década de 1960

PONTES QUE LIGAM SÃO CAETANO DO SUL A OUTROS MUNICÍPIOS

Sobre o Rio Tamanduateí

Ponte das ruas Mariano Pamplona e Ibitirama (SP)

Ponte da Avenida Conde Francisco Matarazzo e Rua Baía Grande (SP)

Ponte das avenidas Conde Francisco

Matarazzo e Dr. Francisco de Mesquita (SP)

Ponte das ruas Aquidaban e Francisco Rebelo (SP)

Ponte da Avenida dos Estados e Praça Mairara (SP)

Ponte da Rua Eldorado e Praça Mairara (SP)

Ponte da Rua São José (SP)

Ponte da Rua do Ouro e Avenida dos Estados (SP)

Sobre o Rio dos Meninos

Ponte das avenidas Guido Aliberti e Presidente Wilson (SP)

Ponte das ruas Alagoas e Baraldi e

Avenida Almirante Delamare (SP)

Ponte das ruas São Paulo e Barbinos (SP)

Ponte Preta – Estrada das Lágrimas (SP)

Ponte da Praça Mauá e Estrada das Lágrimas (Rudge Ramos - SBC)

Ponte da Rua Francisco Falzarano e

Avenida São João Batista (SBC)

Assim como os rios têm um papel fundamental na história dos homens, por sua localização e navegabilidade, pelo que oferecem de alimento às populações ribeirinhas e também para a formação de comunidades, tal como ocorreu em São Caetano, cujos primeiros imigrantes italianos se instalaram à beira do Rio Tamanduateí, as pontes fazem parte da história dos primeiros colonos que aqui fixaram suas moradias. De pequenas pinguelas, suficientes apenas para passar à outra margem do rio, às grandes pontes de concreto, cujos caminhos beneficiam diretamente a população. São Caetano é quase toda ligada às cidades vizinhas através delas. **R**



Pinguela sobre o Rio Tamanduateí, no trecho que ligava o Bairro Prosperidade à Vila Califórnia (São Paulo). Na foto, foram identificados: Ricardo, Reinaldo Costa, Henry Veronesi, José Costa e Leon Karlia. Foto de 1939



Córrego do Moinho, hoje retificado e canalizado, dando lugar à bonita Avenida Presidente Kennedy

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARBELOTTO, Oscar. Cenas do Bairro da Ponte (1920-1940). *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 6, p. 50-58, jan. 1992, p. 56.

JORNAL DE SÃO CAETANO. São Caetano do Sul (edições de 1951, 1952, 1953, 1957 e 1963).

MEDICI, Ademir. *Migração e urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1993.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. *Administração Anacleto Campa-nella (1953-1957)*. São Caetano do Sul.

_____. *Dois anos de trabalho e tranquilidade* (Administração Walter Braido). São Caetano do Sul, abr. 1965/1967.

_____. *Administração Luiz Olimo Tortorello*. São Caetano do Sul, 2003

SANTOS, Urames Pires dos. A retificação do Ribeirão dos Meninos. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 5, p. 66-67, jul. 1991, p. 66.

www.brasilchannel.com.br/municipios

www.dgabc.com.br/setecidades

www.trabalhosgratuitos.com

CRISTINA ORTEGA

É PEDAGOGA E ADVOGADA. ATUALMENTE É ASSESSORA DE DIFUSÃO CULTURAL DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL E MEMBRO DE SUA COMISSÃO EDITORIAL.

Conjunto Residencial Bandeirantes e sua entidade representativa

Uma história de cumplicidade, credibilidade e engajamento

No final da década de 1960, o processo de expansão urbana, em ritmo acelerado em São Caetano do Sul, deixava suas marcas nos vários cantos da cidade. Sinal do desenvolvimento industrial que acometera o território sul-são-caetanense, a urbanização trouxe à tona problemas relacionados à ocupação desordenada de suas áreas.

Em 1968, a situação não era das mais favoráveis para o município, que, apresentando uma alta densidade demográfica junto ao seu exíguo território de 15 quilômetros quadrados, via, com receio, a qualidade de vida de seus habitantes comprometida seriamente.

Mais de 33% da área urbana está edificada. Se esse índice de ocupação continuar a crescer como nos últimos anos, tudo indica que a cidade pode se transformar num ambiente insuportável e nocivo. Essa ocupação intensiva impediu também a reserva de áreas verdes, parques e jardins em quantidade suficiente, o que dá ao município um aspecto insalubre e, por vezes, desagradável.¹



Frente a essa realidade, a administração municipal tratou de estabelecer um planejamento para solucionar, de forma conjunta, os problemas que afligiam a cidade. Para tanto, a prefeitura contratou, em setembro daquele ano, os serviços do Grupo de Planejamento Integrado Ltda., encarregado da realização de um estudo que pudesse sinalizar, preliminarmente, as principais questões e desafios que se impunham junto à agenda sul-são-caetanense. A partir dos apontamentos feitos, a municipalidade pôde organizar um programa de renovação urbana que, dentre outras pautas, previa a formação de áreas residenciais integradas (unidades de vizinhança) e a sua respectiva estruturação.

Posse do terreno onde foi construído o Conjunto Residencial Bandeirantes. Foto de 6 de maio de 1968

Meses antes, algumas iniciativas já prenunciavam essa intenção do poder público local de promover um reordenamento espacial, como a que redundaria na transformação das antigas vilas, caixas ressonantes de um intenso processo de industrialização e urbanização que trouxe à baila a fisionomia de subúrbio operário de São Caetano, em bairros, por força do decreto municipal nº 3.064, de 15 de fevereiro de 1968.

Nos anos seguintes, a orientação seguida foi a de viabilizar a celebração de contratos e convênios com o Banco Nacional da Habitação (BNH), tendo em vista a adoção de uma políti-

extermínio de favelas, tipo de moradia que, na época, corria o risco de espalhar-se por alguns pontos da cidade, principalmente junto a regiões que ainda dispunham de terrenos baldios.

Foi nesse contexto que se deu o surgimento da Cooperativa Habitacional do ABC, responsável pela construção do Conjunto Residencial Bandeirantes (também conhecido como Núcleo Residencial Bandeirantes), no Bairro Mauá. Este artigo traz um panorama acerca de alguns aspectos que contornam a história de tal conjunto e de sua entidade representativa, o Núcleo Comunitário Bandeirantes (Nucoban), destacando as

conjunturas que a ela se articulam, bem como nomes de personagens que a protagonizaram.

O Conjunto Residencial Bandeirantes – O Bairro Mauá, em São Caetano do Sul, destaca-se pela presença de conjuntos residenciais. O jornalista Ademir Medici, em 1993, apontava a existência de outros dois na referida região, além do Bandeirantes. Segundo ele, um dos primeiros desses conjuntos foi o Jardim Tersicore, cujo projeto recebera aprovação da prefeitura em 1968. Constituído por casas e sobrados



Arquivo Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Aspecto de uma das ruas do Bairro Mauá, em foto da década de 1960. A precariedade estrutural apresentada pelo bairro fica bastante evidente nesta imagem

ca de urbanização e ocupação ordenada de áreas afastadas das regiões centrais da cidade. Em face dos propósitos dessa política, qualquer situação que destoasse dos parâmetros desejáveis deveria ser extirpada. A adesão a práticas consagradas historicamente, como as alusivas a medidas higienistas, tornou-se, assim, recorrente no cenário urbano local, compondo as discussões dos quadros decisórios do poder político sul-são-caetanense. Desse modo, todos os esforços da prefeitura convergiram para ações voltadas ao

e situado entre o Cemitério das Lágrimas e o Instituto Mauá de Tecnologia, foi também fruto da chamada Era do Sistema Financeiro de Habitação, que teve no BNH o seu principal articulador. O outro conjunto, por outro lado, conforme ainda aquele jornalista, desenvolveu-se em uma área de 74.237 m², cujas 308 residências foram distribuídas por ruas que receberam nomes de cidades da região, como Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.² A sua construção teve início em 1971.

Nessa época, o Conjunto Residencial Bandeirantes já era uma realidade no bairro. Os seus primeiros moradores, dentre os quais Odair Vituri, guardião da memória do conjunto e fornecedor de grande parte das fontes que embasam este artigo, começavam a dar um outro ritmo à localidade, ainda chamada de Vila Boqueirão pelos sul-são-caetaneenses, mesmo alguns anos depois de ter recebido, oficialmente, a denominação de Bairro Mauá. O habite-se definitivo (certidão emitida pelas prefeituras, atestando a conclusão das obras de uma edificação e sua habitabilidade) seria expedido no dia 17 de agosto de 1972.

Constituído por 493 casas e situado em uma área delimitada pelas ruas Nelly Pellegrino, Ângelo Ferro, Juruá, Castores, Paranapanema e Santos Parra, o Conjunto Bandeirantes foi projetado pelos arquitetos José Luiz Fleury de Oliveira e Gastão Sandoval Marcondes, sob a chancela da Cooperativa Habitacional do ABC, surgida em 1967, graças aos esforços de João Tessarini (então presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Caetano do Sul) e Mário Shiguetoshi Murasaki (na época, membro

do Sindicato da Construção e Mobiliário da cidade). As obras ficaram a cargo da Comercial e Construtora Balbo Ltda.

Um empreendimento da envergadura deste que originou o Conjunto Residencial Bandeirantes cumpriu um papel importante em relação à urbanização da antiga Vila Boqueirão. Carente de infraestrutura, tal região começou a ser loteada no final dos anos 1950. No início do decênio de 1960, a situação era bastante crítica. Deserta e com pequenas lagoas por todos os cantos, Vila Boqueirão “não tinha estrutura alguma. Nem esgoto, nem água encanada, nem iluminação pública. O caminhão de gás para chegar à Vila Boqueirão tinha que colocar correntes em suas rodas.”³

A construção de um conjunto habitacional, segundo os ditames e interesses preconizados pelas autoridades da gestão municipal, viria a calhar com a política higienista, então em curso em São Caetano, de extermínio de barracos, favelas e de outras moradias que fugiam dos padrões urbanísticos desejáveis, ao mesmo tempo em que serviria de mote para a implantação de um canteiro de obras em prol da estruturação do bairro. Em tal contexto, observar-se-ia, a partir de 1973, a participação do município no projeto denominado Comunidade Urbana de Recuperação Acelerada (Cura). Surgido no início da década de 1970, o referido projeto era um programa vinculado ao BNH e tinha como objetivo o provimento de áreas ociosas e carentes de equipamentos urbanos.

Mas, antes mesmo da implementação do projeto Cura, o poder municipal já se articulava no sentido de obter respaldo financeiro para as obras de estruturação da cidade. É o que atesta o teor da lei nº 1.879, de 5 de janeiro de 1971, que, levando em consideração a condição de incipiência estrutural do Bairro Mauá, autorizou o então prefeito Oswaldo Samuel Massei a firmar contrato de empréstimo com o BNH e a Co-



Odair Vituri (à esquerda), presidente do Nucoban, junto ao seu irmão, Ivandir Vituri, durante a primeira edição da Festa da Criança, no dia 15 de outubro de 1972. O garotinho que aparece no colo de Ivandir é o seu filho Luiz Guilherme

perativa Habitacional do ABC, tendo em vista a realização de serviços de construção de rede de água e esgoto naquele bairro, em atenção às necessidades do Conjunto Bandeirantes. A esse respeito, foi lembrado o seguinte:

Murasaki e Tessarini (os responsáveis pelo surgimento da Cooperativa Habitacional do ABC, a articuladora da construção do Conjunto Residencial Bandeirantes) formaram uma dupla imbatível. Convenceram a maioria dos vereadores a aprovarem o projeto. Ajudaram o Prefeito Oswaldo Samuel Massei a obter fundos para as obras de infraestrutura, mobilizaram trabalhadores, os demais dirigentes sindicais e tiveram êxito.⁴

Nucoban – Fundado em 4 de junho de 1972, o Núcleo Comunitário Bandeirantes (Nucoban) firmou-se como a entidade representativa dos moradores do Conjunto Bandeirantes. A sua primeira diretoria tomou posse no dia 12 de agosto daquele ano, durante cerimônia ocorrida na sede da instituição, localizada na Rua Santos Parra, nº 170. Odair Vituri foi o seu primeiro presidente, estando à frente de inúmeras realizações e melhoramentos, registrados no período entre 1972 e 1973. Vituri foi sucedido no comando da entidade por Mário Shiguetoshi Murasaki, empossado no dia 1º de maio de 1974.

As demandas que circulavam, nessa época, no Bairro Mauá ratificam a importância de uma entidade como o Nucoban. Embora o bairro já contasse com a Sociedade da Vila Boqueirão, havia um impasse quanto à articulação desta em relação às novas necessidades surgidas, por ocasião da chegada de um conjunto habitacional do porte do Bandeirantes. A expansão so-

frida, então, pela antiga Vila Boqueirão trouxe à tona questões relativas ao modo como seriam organizados e conduzidos os interesses de seus moradores, acarretando discussões a respeito da própria estrutura daquela pioneira sociedade. Enquanto uns defendiam a sua ampliação, o que criaria condição para a incorporação dos moradores daquele conjunto e dos demais surgidos no bairro, outros eram favoráveis à manutenção de sua estrutura antiga, mais limitada e menos inclusiva. Esta concepção acabou sobrepondo-se àquela, contribuindo, assim, para o surgimento do Nucoban, enquanto instituição representativa, exclusivamente, dos interesses do Conjunto Residencial Bandeirantes. Tal instituição tornar-se-ia, na prática, uma espécie de sociedade de amigos de bairro, com o mesmo nível de atuação e articulação desta.

Inúmeras foram as iniciativas do Nucoban, durante a gestão de sua primeira diretoria. Dentre os melhoramentos públicos conseguidos, encontra-se uma lista infindável de conquistas, como a construção de um parque infantil (hoje Escola Municipal de Educação Infantil Helena Musumeci) e de um centro esportivo (Centro Esportivo e Recreativo Águias de Nova Gerty), além de providências para a consecução de policiamento noturno, feira livre, iluminação pública (vapor de mercúrio), sinalização de trânsito, arborização, desentupimento de bueiros, ajardinamento da faixa da antiga Light, telefone público, linha de ônibus (ponto final) e recapeamento asfáltico. Isso sem falar da solicitação encaminhada ao então Departamento de Educação e Cultura (Deppec), a qual versava sobre a disponibilização de um maior número de vagas nas escolas situadas nas proximidades do conjunto residencial.



Azerio/Odaír Vituri

NUCOBAN - Núcleo Comunitário Bandeirantes
Entidade representativa dos moradores do Núcleo Residencial Bandeirantes
Fundado em 04-08-1972.
Sede própria: R. Santos Pires, 170 - Bairro Massã - São Carlos de Sul - SP

Sócio n.º 001/01

Nome Odaír Vituri

Sócio Fundador

Admitido em 30/6/72

Núcleo Comunitário Bandeirantes
Secretário

NUCOBAN
NÚCLEO COMUNITÁRIO BANDEIRANTES

NOME **ODAIR VITURI**

CARGO **PRESIDENTE**

Azerio/Odaír Vituri

Ações culturais foram também empreendidas pela entidade, estando entre elas: organização de sessões cinematográficas para crianças, ciclo de palestras (das quais, quatro sobre orientação vocacional e aprendizagem profissional), concurso de redação para o público infantil, promoção de cursos e estágios, com a colaboração do Serviço Social da Indústria (Sesi), etc.

O segmento esportivo foi também agraciado pelo Nucoban, que chegou a promover e/ou participar de campeonatos e torneios de mo-

dalidades variadas, como tênis de mesa, pedestrianismo, xadrez, dama e futebol de salão.

Na área social, sua atuação foi bastante dinâmica, merecendo destaque a organização da gincana de fim de ano (a Gincoban), a participação na programação dos festejos de aniversário e autonomia da cidade, além da realização de

caravanas, excursões e festas.

Assuntos relacionados a temáticas concernentes à saúde ganharam ainda espaço junto à agenda do Nucoban, originando campanhas diversas, como as relativas à desidratação infantil, à vacinação de cães e gatos, e à limpeza de ruas e calçadas.

Além de ter orientado sua atuação a partir da contemplação de tais segmentos, de cunho sociocultural, o Nucoban mostrou também um engajamento mais de teor político frente a algumas questões, como as que envolviam as condições de habitabilidade apresentadas pelo Conjunto Bandeirantes, que, no final da década de 1970, apresentava uma série de problemas, e as referentes a determinadas cláusulas contratuais, que versavam, dentre outros assuntos, sobre a emissão da escritura definitiva das casas. Tendo em vista a discussão de tais pautas, uma grande reunião fora organizada no Centro Recreativo e Esportivo Águias de Nova Gerty, no dia 23 de setembro de 1979. Participaram dessa assembleia cerca de 300 moradores do aludido conjunto habitacional e representantes de instituições como o BNH, o Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais de São Paulo (Inocoop) e a Sul

Segunda edição da Festa da Criança, uma das principais promoções do Nucoban. Foto de 14 de outubro de 1973

Carteira de sócio pertencente a Odaír Vituri, primeiro presidente do Nucoban e um de seus fundadores

Brasileiro de Crédito Imobiliário S/A, responsável pela cobrança das prestações dos imóveis, a partir de 1976. As questões trazidas à baila pelos moradores, na ocasião, ganharam visibilidade junto à imprensa. O *Diário do Grande ABC* assim expôs o fato:

O descontentamento das 492 famílias desse conjunto habitacional foi motivado por um aparente descaso, por parte do agente financeiro, que, a partir de fevereiro de 1976, ficou com o encargo das cobranças das prestações, mas que só agora está apresentando os contratos para a devida regularização. No entender daqueles moradores, a Sul Brasileiro – SP Crédito Imobiliário S/A estaria fazendo constar cláusulas de interpretação dúbia e nas quais os seus interesses se sobrepõem aos dos compradores.

Durante os debates, por sinal bastante acalorados, vários moradores fizeram sérias restrições à firma construtora, a Balbo, sob alegação de que os imóveis foram entregues incompletos, por volta de 1971. Afirmaram que os azulejos despregam-se, que a água mina pela parede, provocando umidade, que o acabamento é de qualidade inferior (...) ⁵

Segundo registros, outras assembleias, além desta, foram realizadas, em um total de dez reuniões. Em janeiro de 1980, os problemas ainda não tinham sido solucionados, levando os moradores a constituírem uma comissão com o propósito de encaminhá-los à sede do Inocoop, em São Paulo. Além de Odair Vituri, outro morador que teve participação efetiva frente a essa situação foi Peter Nagy, que chegou a endereçar, em setembro de 1979, uma carta ao supervisor

regional de Programas Habitacionais do BNH, Jaime José Ballalai Abreu, solicitando esclarecimentos sobre a intervenção que o Banco Nacional da Habitação perpetrara, em julho daquele ano, contra a Cooperativa Habitacional do ABC, à revelia de seus cooperados.

Após muitos capítulos, tal história teve um bom desfecho. A tão sonhada escritura definitiva foi conseguida pelos moradores e os consertos das casas, realizados. Uma vitória do Nucoban, em meio a tantas incertezas e impasses. Outros desafios surgiriam, nos anos seguintes, resultantes da intensificação do próprio processo de urbanização da localidade. Embora a instituição tenha obtido resultados expressivos durante a sua caminhada, ela não ultrapassaria a década de 1970. No decorrer da gestão de seu terceiro presidente, iniciada em 1976, a sede da entidade foi invadida por um grupo de sem-teto proveniente de Cotia (SP). Tal episódio, por ter acarretado danos aos acervos documental e patrimonial da entidade, acabou determinando o encerramento de suas atividades. Um fim triste e inesperado, mas revelador das tensões sociais em cena, naquele momento da história da cidade e do país.

Muitas outras páginas seriam necessárias para o registro deste fato, que, em virtude de sua complexidade, merece uma atenção aprofundada. Quem sabe, em uma outra ocasião, *Raízes* não volte a narrar a trajetória do Conjunto Bandeirantes e de sua entidade representativa, o Nucoban, ressaltando o que não foi dito ou abordado neste artigo. Por ora, fica o panorama de alguns aspectos dos anos iniciais da história de ambos. Uma história de cumplicidade, credibilidade e engajamento, cujas marcas estão espalhadas pelo Bairro Mauá. **(Cristina Toledo de Carvalho) R**

NOTAS

¹PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. *São Caetano do Sul planeja seu desenvolvimento*. São Caetano do Sul, 1968, sem paginação.

²MEDICI, Ademir. *Migração e urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1993, p. 501.

³Ibidem, p. 496.

⁴MARTINS, Caio. João Tessarini: a trajetória. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 17, p. 70-76, jul. 1998, p. 75.

⁵CONJUNTO Habitacional de V. Boqueirão é problema. *Diário do Grande ABC*, p. 3, 25 set. 1979.

Rodrigo Marzano Munari

Por trás do “túmulo dos quatro anjos”: o Dr. José Franco de Castro Carvalho, um médico no distrito de São Caetano (décadas de 1910-1920)

“Túmulo dos quatro anjos”, produzido em mármore branco pela marmoraria de Palmorino Mônaco, situada na Rua André de Leão, em São Paulo. O jazigo foi originalmente adquirido pelo Dr. José Franco de Castro Carvalho no ano de 1920

Foto: Antonio Reginaldo Carboni (FPMACS)

Na seção *Memória do Diário do Grande ABC*, com data de 24 de novembro de 2017, o jornalista Ademir Medici apresentou um pedido ao poder público municipal sul-são-caetanense: salvar do abandono e da deterioração um peculiar túmulo de mármore branco situado no Cemitério São Caetano (1911), o mais antigo da cidade, no Bairro Santa Paula. Na coluna ornamentada que se ergue à cabeceira do jazigo, encimada por um anjo, leem-se, em lápides colocadas em cada um dos seus quatro lados, os nomes de quatro crianças que foram lá sepultadas: Paulino José (6/11/1918 – 18/1/1924), José Adriano (31/1/1920 – 2/5/1920), José Geraldo (21/1/1921 – 10/4/1921) e João Baptista (26/6/1923 – 17/7/1923). Sobre a laje que cobre o túmulo, foram inscritos versos do *Cântico do Calvário*, do poeta Fagundes Varela, um dos expoentes do Romantismo brasileiro:

ERAS NA VIDA A POMBA PREDILECTA
 QUE SOBRE UM MAR DE ANGUSTIAS CONDUZIA
 O RAMO DA ESPERANÇA! ERAS A ESTRELLA
 QUE ENTRE AS NEVOAS DO INVERNO SCINTILLAVA
 COMO ERAS LINDO! NAS ROSADAS FACES
 TINHAS AINDA O TEPIDO VESTIGIO
 DOS BEIJOS DIVINAES!

Chama a atenção o fato de o sobrenome das crianças não ter sido registrado nas lápides. O que se sabe, conforme as informações coletadas pela professora Maria de Lourdes Pires de Barros na administração do cemitério, é que o jazigo – que ela denominou como “Quatro Anjos” – foi adquirido em 8 de maio de 1920 pelo Dr. José Franco de Castro Carvalho. Depreende-se que ele foi comprado para o sepultamento de José Adriano, falecido em 2 de maio de 1920, com apenas três meses de idade. Mais nada se conhece sobre as crianças ali sepultadas. Seriam filhos do Dr. Franco de Carvalho? Tudo ficou no campo das divagações. Maria de Lourdes lançou a seguinte hipótese a respeito daquele doutor, sobre o qual pairavam as mesmas brumas: teria sido “um dos poucos médicos que vinham da capital para atender a nascente população de São Caetano?”.

De maneira geral, as suposições da professora revelaram-se acertadas. Na ausência de quaisquer dados biográficos prévios, foram mobilizadas citações e referências ao Dr. Franco de Carvalho, encontradas em jornais paulistas e fluminenses, para reconstituir alguns fragmentos da trajetória deste incógnito doutor, que, no entanto, tem seu nome ligado a uma família tradicional da sociedade paulista.

As primeiras indicações a José Franco de Castro Carvalho aparecem em jornais impressos

no Rio de Janeiro, então capital da República, na primeira década do século 20. Não foi obtida informação sobre sua data e seu local de nascimento. Mas no *Jornal do Brasil*, de 9 de outubro de 1900, José Franco, que faria anos no dia seguinte, é mencionado como “filho do juiz de direito dr. Paulino Franco de Carvalho”. Em abril de 1903, no mesmo periódico, consta que o dito José Franco foi mandado matricular no “curso de machinas da Escola Naval” (*Jornal do Brasil*, 4/4/1903). Dois anos depois, o seu nome, novamente apresentado como filho do Dr. Paulino, é associado ao célebre Colégio Abílio¹, famoso por ter sido a inspiração do escritor Raul Pompeia em sua obra *O Ateneu*. Naquele colégio, o jovem estudante é citado como um dos alunos que concluíram o curso de bacharelado em “sciencias e letras” no ano de 1904 (*Gazeta de Noticias*, 7/4/1905; *O Paiz*, 8/2/1909). Em 3 de junho de 1905, em uma cerimônia concorrida e imponente, “de que ficaram gratas recordações na memoria de quantos a assistiram”, com a presença do presidente da República, do ministro do Interior e de “grande numero de senhoras e cavalheiros da elite fluminense”, realizou-se a colação de grau dos alunos que haviam se formado no bacharelado em Ciências e Letras do Colégio Abílio Borges, entre os quais se encontrava o futuro doutor José Franco de Castro Carvalho (*Jornal do Brasil*, 4/6/1905).

Mas não se encerraram nesse ponto os seus estudos na capital do país. Já em 1906, Franco de Carvalho era chamado a realizar os exames do 1º ano médico (*Jornal do Brasil*, 16/1/1906) na Faculdade de Medicina, tradicional instituição fundada em 1808 por decreto do príncipe-regente Dom João VI, que chegara ao Brasil, ainda colônia portuguesa, nesse mesmo ano. Curso a que o jovem Franco se dedicaria, ao menos, pelos seis anos seguintes (*O Paiz*, 4/12/1911).



Foto: Antonio Reginaldo Canhami (EPN/USCS)

Conclui-se que o nosso personagem fez seus estudos secundários e sua formação acadêmica no Rio de Janeiro, onde certamente residiu durante toda a primeira década do século. Qual é, então, a sua relação com o Estado de São Paulo e, mais particularmente, com o distrito de São Caetano? No *Correio Paulistano* de 1º de fevereiro de 1918, o nome do Dr. José Franco é citado no expediente do arcebispado de São Paulo, por ocasião de suas núpcias: trata-se de uma provisão “de dispensas de impedimento de proclamas e de oratorio particular, para a parochia de Villa Mariana, a favor do dr. José Franco de Castro Carvalho e d. Amelia Monteiro de Barros Marrey”. O consórcio com uma Monteiro de Barros, que era

Outro aspecto do “Túmulo dos quatro anjos”



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

A 2ª escola mista de São Caetano, onde lecionou Amélia Monteiro de Barros Marrey, esposa do Dr. José Franco. Foto da década de 1910

sua prima, garantia-lhe a permanência em uma das famílias mais tradicionais das elites mineiras e paulistas. Isso porque José Franco pertencia já a essa família insigne, visto que era filho de Rita de Cássia de Castro Monteiro de Barros com o já referido Dr. Paulino José Franco de Carvalho. Casando-se com Amélia, ele solidificou os laços

d. Zenobia Tostes Marrey; dr. Paulo Monteiro de Barros Marrey, medico; d. Amelia Marrey Franco de Carvalho, professora, casada com o dr. José Franco de Carvalho; d. Virginia Monteiro de Barros Marrey. Era ainda sua enteada, d. Elisa Marrey Amado Ferreira, casada com o sr. Julio Amado Ferreira, residentes em Theophilo Ottoni, Estado de Minas.

São seus netos o dr. Adriano Marrey e dr. Fernando Marrey, advogados, este casado com d. Nadéia Andreucci Marrey; bacharelado Pedro Luciano Marrey, srta. Heloisa Tostes Marrey, dr. Arnaldo Amado Ferreira, assistente da Faculdade de Medicina, casado com d. Margarida Monteiro de Barros Ferreira; José Maria, Paulino, Maria da Penha e Maria José Franco de Carvalho. (*Correio Paulistano*, 14/12/1940).

Amélia era professora diplomada pelo curso secundário da Escola Normal da capital paulista, no qual se matriculou no ano de 1911 e se formou em 1915 (*Correio Paulistano*, 7/2/1911; 14/11/1915). A primeira referência a São Caetano, encontrada nos periódicos compulsados, foi justamente uma nomeação de outra professora, “d. Sarah Arantes de Freitas, para substituir d. Amelia Monteiro de Barros Marrey, da 2ª escola mista da estação de S. Caetano, em S. Bernardo” (*Correio Paulistano*, 22/10/1918). Se Amélia exerceu o magistério no distrito de São Caetano na segunda década do século 20, é certo que o Dr. Franco de Carvalho praticou seu ofício na mesma localidade, na qual foi residente – como aponta o excerto a seguir transcrito. O trecho é ainda mais significativo pelo fato de referenciar, pela primeira e única vez na documentação consultada, o nome de um dos “anjos” que foram sepultados no Cemitério São Caetano, a inícios da década de 1920:

com membros influentes de seu próprio tronco familiar – como era comum, a essa época, entre as famílias de elite –, cuja genealogia remonta ao início do século 18 (SILVA, 2017).

Publicado no *Correio Paulistano*, o necrológio de Clara Maria Monteiro de Barros Marrey, viúva do coronel José Adriano Marrey e mãe de Amélia, dá mostra da notoriedade dos personagens que estamos tratando no contexto da “alta sociedade” da época. Nomeando os filhos e netos da falecida, a cujo enterro concorreram “elementos dos mais representativos da elite social paulistana”, o obituário refere-se também a alguns integrantes da família Franco de Carvalho, isto é, filhos do casal José Franco e Amélia:

A extincta deixa os seguintes filhos: dr. José Adriano Marrey Junior, ex-deputado pelo antigo Partido Republicano Paulista e brilhante advogado nos auditorios da capital, casado com a sra.

Falleceu no dia 10 do corrente, em São Caetano, o menino José Geraldo, filhinho do sr. dr. José Franco



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Alunos e professores em frente ao Grupo Escolar Senador Flaquer. Foto da década de 1920

de Castro Carvalho, clínico ali residente e da exma. sra. d. Amélia Monteiro de Barros Marrey Franco, adjunta do 2º grupo escolar de São Bernardo.

O enterro, com grande acompanhamento, realizou-se no dia 11, no cemiterio daquela localidade. (*Correio Paulistano*, 14/04/1921).

Não resta dúvida, portanto, quanto a ser o menino José Geraldo um dos filhos do Dr. José Franco. Não foram descobertas menções aos outros três “anjos” sepultados no mesmo jazigo, mas é bastante provável que fossem filhos daquele doutor. O nome do primeiro deles, inclusive, era decerto uma homenagem ao pai do médico, o qual se chamava Paulino José. De modo similar, José Adriano era o nome do pai de Amélia. Foi Paulino, em relação aos seus três irmãos, o menino que viveu por mais tempo: de novembro de 1918 a janeiro de 1924, falecendo com cerca de 5 anos de idade. Supondo-se que foram enfermidades que os vitimaram, o fato de serem filhos de um médico

não foi suficiente para garantir a sobrevivência desses meninos, e apesar de serem provenientes, ao que tudo indica, de uma família de estrato social elevado. No início dos anos 1920, não só os recursos médicos eram deficitários, como também eram precárias as condições de salubridade e saneamento em um distrito como São Caetano, facilitando a propagação de epidemias e doenças infecciosas. As taxas de mortalidade infantil eram especialmente elevadas. Não era incomum que as escolas fechassem suas portas quando da disseminação de uma epidemia, como a de gripe espanhola, que atingiu São Caetano em 1918, aumentando o número habitual de óbitos. Além

disso, a proximidade entre o distrito e a Hospedaria dos Imigrantes (no Bairro do Brás), a qual abrigou grande número de enfermos e chegou a funcionar como hospital provisório durante alguns meses, pode ter facilitado a irradiação da gripe e de outras moléstias, via estrada de ferro (MIMESSE, 2001: 74).

Outro fato curioso e importante da biografia de José Franco e Amélia, relativamente à história de São Caetano, é que os seus nomes estiveram ligados à fundação do primeiro grupo escolar da localidade (1920), o 2º Grupo Escolar de São Bernardo (que passou a ser denominado, em 1927, Senador Flaquer), no atual Bairro da Fundação. Amélia, como já referido, foi professora da 2ª escola mista, entre março de 1917 e janeiro de 1921, e depois lecionaria no grupo escolar recém-criado. Antes da criação do grupo, que reuniria diversas escolas então existentes, cada uma correspondia a uma sala de aula, onde havia alunos com idades e níveis



Arquivo Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Procissão na Rua 28 de Julho, na década de 1930. Nessa rua teriam residido, em alguns anos entre as décadas de 1910 e 1920, Dr. José Franco e Amélia, de acordo com as crônicas de Manoel Cláudio Novaes e Ítalo Dal'Mas

de conhecimento diferentes, não havendo uma divisão em séries. “As escolas isoladas ensinavam as matérias do curso preliminar para todos os alunos juntos, separados apenas por fileiras: cada fileira era um ano; ao todo eram três anos. Esta era a situação das escolas em São Caetano em 1919” (MIMESSE, 2001: 95).

Não é surpreendente que tal modelo de instrução pública sofresse severas críticas, sobretudo pelas pessoas instruídas nos colégios das capitais, como Rio de Janeiro e São Paulo. É aí que entra o casal José Franco e Amélia. Sua participação nesse contexto foi destacada por um depoimento de Esperança Martorelli Cairo², co-

lhido, no ano de 1995, pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Vale acompanhar um trecho deste relato, que se refere ao Dr. Franco como um médico vindo da capital para atender às necessidades da população do distrito de São Caetano, então pertencente ao município de São Bernardo:

Veio morar um médico, o Dr. Franco, em São Caetano. Ele era médico sanitário de São Paulo. Como tinha muita doença em São Caetano então ele veio morar aqui. A mulher dele era a dona Amélia Marei. O irmão dela era um grande advogado do Fórum de São Paulo, Dr. Marei Júnior [trata-se do Dr. José Adriano Marrey Júnior], até ainda tem o nome dele lá no Fórum. (...) Eu tomava conta do menino dessa professora, dona Amélia, que ela lecionava para os meninos na parte da manhã. Um dia chegou o irmão dela com a mãe dela, a dona Clarina, vieram visitar dona Amélia. Quando o irmão dela entrou na sala de aula assustou! Falou assim: “Amélia, o que é isso? Primeiro, segundo e terceiro ano juntos! Que negócio é esse dentro de uma sala!” Ela falou: “Aqui é tudo assim.” Ele falou: “Isso está tudo errado”. Ele se revoltou: “Isso está tudo errado, não pode ser”. Ele chamou o cunhado e falou pra ele: “Franco, você como médico consente nesse estudo errado em São Caetano?”. Ele falou: “O que vou fazer? Aqui em São Caetano é tudo assim”. Daí ele falou: “Como é? O pessoal de São Caetano está pagando imposto pra Santo André [nessa época São Caetano era distrito de São Bernardo] e Santo André tem tudo bonitinho, por que é que São Caetano tem que ficar assim? São Caetano não está longe da capital pra fazer tudo errado. Chama o pai de alguma criança que eu vou começar a explicar isso.” (Projeto *História de Vida*. Transcrição de depoimento elaborada pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. 1995).

Esperança prossegue contando que seu pai, reunindo-se com o Dr. José Adriano na casa

do médico e da professora, foi partícipe dos diálogos que consubstanciaram o projeto de criação do grupo escolar. Organizando as primeiras reuniões na sede da Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli, o advogado Marrey Júnior, com o apoio da irmã e do cunhado, teve papel de relevo na promoção da ideia de construir um prédio para unificar as escolas da localidade, inaugurando um novo período na história da educação pública de São Caetano.

Pouco mais foi possível descobrir em relação à trajetória do casal nos anos que se seguem. Sabe-se que Amélia, em 1925, foi nomeada como professora adjunta, do 2º Grupo Escolar de São Bernardo, localizado em São Caetano, para o Grupo Escolar Marechal Floriano, na capital (*Correio Paulistano*, 7/2/1925). Ela também foi citada nas páginas do *Correio Paulistano*, como adjunta em outros grupos escolares de São Paulo: Itaquera, 2º do Cambucy e Godofredo Furtado (25/7/1930; 5/8/1937; 14/8/1938). A última referência encontrada a seu respeito data de 1949, quando Amélia Monteiro de Barros, que lecionava na capital, obteve licença de 20 dias para tratamento de saúde (*Jornal de Notícias*, 31/7/1949).

Quanto ao Dr. José Franco de Castro Carvalho, uma das últimas alusões à sua pessoa foi encontrada no *Diário Nacional* de 17 de abril de 1928, também em uma seção de necrologia: trata-se do falecimento de sua tia, Ignez de Castro Monteiro de Barros, apresentada como senhora “virtuosa” e “muitíssimo relacionada em nosso meio social”. Nessa ocasião, o médico é associado a outra localidade: diz-se que o doutor era “residente em Ribeirão Preto” (*Diário Nacional*, 17/4/1928). Curiosamente, “a meca do café naquela época”, cidade em que se localizava a Fazenda Martinho Prado, para onde se dirigiram algumas famílias de imigrantes que depois fixariam residência em São Caetano (GARBELOTTO, 1989: 42). Há fortes indícios de que

o Dr. Franco não foi morador de São Caetano por muito tempo; entretanto, foi certamente um dos primeiros médicos residentes na localidade, pois que outros, dos quais se dispõe de registros mais recuados no tempo, como o Dr. B. Rubbo, vinham, periodicamente, prestar atendimento no distrito sancaetanense, mas não se fixaram nele. Em seu livro de crônicas intitulado *Nostalgia*, Manoel Cláudio Novaes menciona o médico “Dr. Carvalho Franco” (refere-se, presumivelmente, ao doutor que estamos focalizando, apesar da inversão de nomes) como um dos mais antigos praticantes desse ofício no então distrito, ao lado do Dr. Constantino de Moura Baptista, que clinicava na década de 1920 e ficou conhecido por sua atividade como teatrólogo no Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal. Novaes ainda aponta os lugares em que ambos os doutores teriam residido, conforme suas pesquisas e reminiscências expostas em forma de crônica:

Sua residência era aí na rua Heloísa Pamplona, penúltima casa antes da esquina com a Av. Conde F. Matarazzo, no quarteirão entre esta avenida e a Dr. Rodrigues Alves. O sr. Constantino de Moura Baptista, um dos mais antigos médicos de São Caetano, foi um dos primeiros a fixar residência em nossa cidade, com ânimo de aqui permanecer, com sua família, pois que o Dr. Carvalho Franco residiu por pouco tempo na atual Rua 28 de Julho, na casa que mais tarde foi ocupada pelos padres estigmatinos³ (NOVAES, 1991: 125).

A partir de todas as informações recolhidas, nada se pode afirmar acerca das idas e vindas de nosso personagem; tampouco é possível aventar qualquer interpretação não especulativa sobre a origem de seus vínculos, ocasionais ou duradouros, com São Caetano. Aqui apenas se divisaram os contornos genéricos de um médico, a cuja figura se ligam muitas histórias (além da dele próprio), me-

mórias e narrativas – como um “fio de Ariadne” que, do túmulo aos fragmentos dispersos nos jornais, é capaz de nos reconduzir, ao fim e ao cabo, à história do distrito, subdistrito e depois município sancaetanense. Sobre o Dr. Franco, tudo o que se pode asseverar com embasamento é que o mesmo doutor chegou a residir e clinicar na localidade, podendo ser considerado um dos poucos médicos diplomados – e talvez o único a pertencer às ramificações de uma secular família de elite, de nome há muito enraizado em solo brasileiro – que ali moraram na segunda e terceira décadas do século passado.

O que hoje temos de concreto do Dr. José Franco de Castro Carvalho no município de São Caetano do Sul é o “túmulo dos seus quatro anjos”, o qual jaz em estado de esquecimento, danificado pelas intempéries, no antigo cemitério da cidade. Tão antigo quanto o próprio cemitério em sua história oculta, o túmulo quase centenário é um patrimônio que merece ser preservado da ação corruptora do tempo, a bem da memória histórica da cidade. ■

NOTAS

¹ “EQUIPARADO AO GYMNASIO NACIONAL E HOJE EQUIVALENTE AO COLLEGIO D. PEDRO II. INTERNATO LIMITADO E EXTERNATO. ENSINO PRIMARIO E SECUNDARIO. Curso Anexo da Universidade Nacional do Rio de Janeiro”. Segundo o mesmo anúncio, publicado na *Gazeta de Notícias* de 29/03/1914, “os milhares de seus discipulos que hoje occupam as mais elevadas posições sociaes provam à evidencia a proficuidade de seus methodos de ensino”.

² Nascida em 1911, filha de Luiz Martorelli e Josephina D’Agostine Martorelli. Luiz, conhecido como *Gigio*, era filho de Antonio Martorelli e Angela Perin Martorelli, da primeira leva de imigrantes italianos, chegados em São Caetano no ano de 1877. RUFINI, Claudinei. O povo e sua voz. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 5, p. 70-73, jul./1991.

³ Italo Dal’Mas, em seu livro de crônicas denominado *Nossas raízes*, também menciona que o Dr. Franco – embora confunda os nomes dele (“Dr. José Carvalho Franco”) e de sua esposa (“Dona Vitalina”) – veio “morar na antiga casa dos padres, na Rua 28 de Julho e que pertencia ao Sr. Moretti” (p. 66).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Cristina Toledo de. O universo da saúde em São Caetano, na primeira metade do século passado. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 52, p. 6-15, dez./2015.

DAL’MAS, Italo. *Nossas raízes*. São Caetano do Sul: Edição do Autor, 2009.

DEPOIMENTO de Esperança Martorelli Cairo. Projeto *História de Vida*. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1995.

GARBELOTTO, Oscar. Da Itália a São Caetano: a trajetória da família de Cândido Piccolo. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 2, p. 39-43, dez./1989.

JORNAIS:

Diário do Grande ABC, seção “Memória”, assinada pelo jornalista Ademir Medici, em 24 de novembro de 2017.

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx>

Correio Paulistano;

Diário Nacional;

Gazeta de Notícias;

Jornal de Notícias;

Jornal do Brasil;

O Paiz.

MIMESSE, Eliane. *A educação e os imigrantes italianos*: da escola de primeiras letras ao grupo escolar. São Caetano do Sul, Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2001.

NOVAES, Manoel Cláudio. *Nostalgia*. São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul; São Paulo: Meca, 1991.

RUFINI, Claudinei. O povo e sua voz. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 5, p. 70-73, jul./1991.

SILVA, Edward Rodrigues da. Famílias Mineiras: Alvares Correa, Almeida; Drummond; Lara, Mendonça, Monteiro de Barros; Monteiro de Castro, Negreiros; Pinto de Góes e Lara; Rezende, Ribeiro; Ribeiro de Avelar, Sá e Castro. *Revista da ASBRAP*, n. 23, ano de 2017.

Disponível em: <http://www.asbrap.org.br/>

RODRIGO MARZANO MUNARI

É HISTORIADOR. BACHAREL E LICENCIADO EM HISTÓRIA E MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). É COLABORADOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL, ATUANDO NA ÁREA DE PESQUISA.

Estação São Caetano: 135 anos de embarques, desembarques e muita história

São Caetano do Sul, 2018. Nas proximidades do Terminal Rodoviário, mais precisamente na Rua Serafim Constantino s/nº, no Bairro Centro, e na Rua Perrella, s/nº, no Bairro da Fundação, no meio da paisagem de carros, ônibus e pessoas na rotineira correria frenética de compromissos, trabalhos e deslocamentos, está instalada a estação ferroviária da cidade. Atendendo às expectativas de locomoção de milhares de frequentadores dia após dia, o local completou, em 1º de maio último, 135 anos de sua inauguração. E é a história dessa importante engrenagem sul-são-caetanense, contemporânea da fundação do município e que antecede – e muito – a autonomia político-administrativa, que iremos retratar agora.

Construída pela companhia ferroviária São Paulo Railway Company (SPR - popularmente conhecida como A Ingleza), no Núcleo Colonial de São Caetano, apenas seis anos depois da chegada dos primeiros imigrantes italianos que fundaram o local, a estação foi inaugurada em 1º de maio de 1883, no ponto de cruzamento de um antigo caminho do mar, então uma área rural dentro do lote do colono Luigi Baraldi.

Chamava a atenção, nessa época, a arqui-

tetura do prédio com nítida influência de traços ingleses vitorianos e com semelhanças com a Estação da Luz, também construída pela SPR, mas em 1867. Era toda de tijolos aparentes, plataformas amplas e portões de ferro com passarelas, espaços para trens de carga e de passageiros, guichês de compra de bilhetes e armazém para despacho de mercadoria.

Neste primeiro período de existência, a estação teve papel importante para o comércio de São Caetano com o escoamento de produção e o recebimento de mercadorias e matéria-prima. Para a população, outro avanço: o transporte para a capital, São Paulo, e demais localidades abastecidas pela linha de trem da Ingleza se tornou mais rápido e prático, aumentando assim as opções de trabalho, estudo e lazer, como as realizações de piqueniques, por exemplo.

Diferentemente dos dias atuais, onde se tornou um dos meios de transporte mais econômicos e populares, naquela época as classes mais abastadas é que utilizavam a ferrovia. Os trens passavam de meia em meia hora e tinham duas classes. A primeira contava com assento de vime e capa branca no encosto, já a segunda, oferecia menos refinamento e permitia o carregamento de animais.

Os trens dessa época, aliás, eram movidos a carvão, proveniente do Chile. Com a escassez promovida pela I Guerra Mundial (1914-1918), o combustível passou a

ser a lenha. Tempos mais tarde somente, passou para a eletricidade dos dias de hoje.

E por falar em belicismo, a Estação de São Caetano foi tomada pelas tropas legalistas do Exército durante a revolta paulista de 1924. Deflagrada por conflito de interesses do governo federal (à época comandado pelo presidente Artur Bernardes) e militares de baixa patente instalados em São Paulo, a ação culminou com o bombardeio aéreo da capital paulista e deixou mil mortos e quatro mil feridos e durou de 5 a 28 de julho daquele ano. Uma casa em frente à estação foi estabelecida como sede do Estado-Maior dos fiéis ao poder central.

São Caetano crescia a passos largos, bairros eram formados (inclusive o hoje Centro se formou nos arredores e graças ao surgimento da ferrovia) e a população aumentava. Em 24 de outubro de 1948, o subdistrito de Santo André se tornou município conquistando a tão sonhada emancipação político-administrativa. É desse período também, em 1946, o fim da SPR. Todas as suas estações, trens e ferrovias foram encampados pelo governo brasileiro, que criou a Estrada de Ferro Santos-Jundiaí (EFSJ), que posteriormente (em 1957), junto de outras ferrovias, formaria a estatal federal Rede Ferroviária



Federal Sociedade Anônima (RFFSA) sendo sua subsidiária até 1969, quando foi extinta de vez.

Independente das questões políticas e econômicas havia um fato

consumado: a velha estação do século 19 estava ficando pequena demais. Em 1958, a RFFSA já tinha em seus planos a construção de uma nova unidade em São Caetano em substituição à antiga, como mostra reportagem de *O Estado de S.Paulo*, de 23 de novembro daquele ano:

A maior parte da população se serve dos comboios da EFSJ. A Estação local, no entanto, não apresenta o conforto exigido pelos usuários da ferrovia. A direção da RFFSA cogita de reformar o prédio ou construir nova Estação de embarque e desembarque, cujas instalações são por demais acanhadas.

Após diálogo entre prefeitura, RFFSA e governo federal, na década de 1960, iniciaram-se as primeiras ações para a construção da nova Estação Ferroviária de São Caetano. No caderno de prestação de contas de seu primeiro mandato à frente da prefeitura (1965-1969), Hermógenes Walter Braido anunciava que deixara as “bases para o novo Centro da cidade que surgirá com a construção da nova Estação da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí cujas áreas já foram desapropriadas pela prefeitura”.

De fato, no ano seguinte, já sob o governo de Oswaldo Samuel Massei (1969-1973), a estação de 1883 foi demolida e, em 25 de agos-

Desde 19 de dezembro de 2014, o local passou a se chamar Estação São Caetano – Prefeito Walter Braido



CABINE SINALEIRA DA ESTAÇÃO. NA PARTE SUPERIOR, ENCONTRA-SE AVELINO POLI, CHEFE DO LOCAL. ABAIXO, DIVERSOS FUNCIONÁRIOS DA SÃO PAULO RAILWAY. FOTO DA DÉCADA DE 1930



AS PORTEIRAS LIMITAVAM O FLUXO E TENTAVAM EVITAR ACIDENTES ENTRE LOCOMOTIVAS E TRANSEUNTES

to de 1970, teve início a construção do novo prédio, cujo projeto foi de autoria do arquiteto Franco Poltoni. Matéria publicada em *O Estado de S.Paulo*, em 28 de agosto daquele ano, relata algumas características que a nova unidade teria, de acordo com Poltoni:

A Estação será composta por dois corpos interligados por uma passagem inferior que dará acesso às plataformas. O acesso será feito por escadarias. O arquiteto ainda justifica a utilização de concreto, vidro, alumínio e painéis de alvenaria por destacar a funcionalidade e a função de cada objeto, levando ao transeunte o absorver e despejar de pessoas que é a função de uma Estação.

O texto, assinado apenas como *Sucursal do ABC*, fala sobre o desafio da construção do novo edifício tendo em vista o tamanho da área:

A dificuldade maior foi o fato de que São Caetano conta com o menor espaço dentre as estações da extinta EFSJ, o empreendimento só foi possível graças a um acordo com a Prefeitura que desapropriou vários imóveis no local. Assim, a nova Estação ocupará uma área adicional de 4.700 metros quadrados e será entregue até o final de 1971.

Com a construção demorando mais do que o previsto, em 20 de dezembro de 1973, 90 anos após a primeira inauguração, foram entregues à população as novas instalações da Estação Ferroviária de São Caetano.



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Nesta imagem, a plataforma lotada com destino a São Paulo demonstra a necessidade de ampliação da Estação de São Caetano. Essa foto, tirada em 1955, por Emilio Schoeps, recebeu o nome de *Suburbana* e participou do Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo e do 2º Salão Nacional de Arte Fotográfica, em junho de 1958

A atividade contou com a presença de muitos populares e de diversas autoridades, sendo a mais célebre delas o ministro dos Transportes de então, Mário Andreazza, que, ao lado de Hermógenes Walter Braidó (já em seu segundo mandato, de 1973 a 1977), cortou a fita do novo prédio.

Desde 1992, a Estação São Caetano faz parte da malha ferroviária da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) e atende os passageiros da linha 10 Turquesa que faz o trajeto Brás-Rio Grande da Serra.

Em 19 de dezembro de 2014, foi promulgada pelo governo do Estado de São Paulo a lei nº 15.623, alterando o nome da estação, que passou a se chamar Estação São Caetano - Prefeito Walter Braidó, homenageando o ex-chefe do Executivo sul-são-caetanense, falecido em 2008 e que inaugurara o novo prédio.

Passados 135 anos, com novas instalações e novo nome, a estação continua cumprindo o seu papel: o de ser o ponto de encontro, referência, chegada, passagem e partida de seus usuários todo santo dia. **(Caio Bruno) R**

Comparando com os dias atuais, percebemos o quanto as composições e a estação se desenvolveram com o passar dos anos. Foto de 3 de março de 1968



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo/João Alberto Scherk

A história da família Scherk no Brasil inicia-se com a chegada, ao país, do casal Yosef Scherk e Katy Scherk, que, vindos da Alemanha, desembarcaram no Porto de Santos, em 1928. Os seus três filhos, que haviam nascido na antiga Jugoslávia, integravam o grupo familiar: Adão, de 13 anos, Miguel, de 8 anos, e Josip, de 5 anos.

A Primeira Guerra Mundial havia terminado em 11 de novembro de 1918, quando a Alemanha assinou o armistício que pôs fim à luta. Yosef Scherk foi chefe de Cavalaria na Grande Guerra. Foram anos de horror, com milhares de mortos nos campos de batalha e nas trincheiras. Após o final do conflito, muitas famílias procuraram um novo país para recomeçar suas vidas. E a nação escolhida pelos Scherk foi o Brasil, assim como haviam feito muitos de seus compatriotas. Muitos imigrantes de língua alemã que se estabeleceram em São Caetano desembarcaram com passaportes de diversas procedências, muito embora o idioma falado fosse o mesmo.

Família Scherk História e movelaria na antiga Vila Paula

Vieram diretamente para a cidade, então distrito de São Bernardo, escolhendo para morar a antiga Vila Paula, hoje Bairro Santa Paula, que se transformou em um reduto da comunidade alemã, cujos encontros se davam no Teuto (Sociedade União Esportiva Teuto-Brasileira), com sede na Rua Piauí, nº 178.

Aqui, Yosef Scherk encontrou emprego em uma fábrica de cabides de madeira, logo se distinguindo entre os demais empregados, pois demonstrou uma técnica de corte do material que aumentava a produção dos cabides, antes cortados individualmente. A arte da marcenaria

José Scherk, no interior da Fábrica de Móveis Santa Catarina, de sua propriedade. Foto da década de 1940

viera com ele de seu país. Sua habilidade o fez crescer na empresa, e assumir novos postos.

Por volta de 1935, com seu trabalho e suas economias, conseguiu comprar um terreno na Rua Piauí, nº 990, entre as ruas Wenceslau Brás e Martin Francisco. No local, uma área que se estendia até a Rua Rafael Correia Sampaio, construiu sua residência e iniciou um negócio, com a instalação de uma fábrica de móveis. Para ter sua atividade legalizada, o casal naturalizou-se brasileiro e os nomes adotados foram José e Catarina Scherk.

Os três filhos de José Scherk trabalhavam na fábrica, que, no início, contava com apenas sete empregados. Nessa marcenaria, começaram a produzir guarda-roupas, camas, penteadeiras, cômodas e outras peças, aumentando, já na década de 1940, para uma folha de 50 empregados. A empresa tinha caminhão próprio para a entrega dos móveis, que eram levados até para outros Estados, tornando-se uma das maiores marcenarias da região. Era a Fábrica de Móveis Santa Catarina Ltda – Irmãos Scherk Ltda.

Junto à comunidade alemã, José Scherk e a família foram assíduos frequentadores das festas do Teuto, tendo sido um dos maiores colaboradores do clube, desde a década de 1950.

Em fevereiro de 1960, a família abriu uma loja na Rua Piauí, nº 916, onde poderiam expor seus produtos com uma linha de móveis modernos, chamada de estilo “provençal” e também

linhas retas. A experiência dos proprietários, de aproximadamente 30 anos de trabalho, explicava o apuro do mobiliário produzido. Seu amigo de comércio, Samuel Klein, proprietário das Casas Bahia, o orientara a diversificar os produtos da loja, tal como ele mesmo havia feito, mas Scherk ampliou sua oferta de produtos apenas para objetos de decoração, como tapetes, abajures, etc.

Com o crescimento da fábrica e também da loja, José Scherk comprou um imóvel na esquina das ruas Wenceslau Brás e Piauí. Demolida a casa original, construiu no local um edifício de dois andares, onde as peças ficariam estocadas na parte superior e, na parte térrea, instalaria a loja (hoje, neste imóvel, funciona a Scherk Academia). Com o falecimento do patriarca José Scherk, em 1966, foi feita a divisão dos bens e negócios. Josip ficou responsável pelo estabelecimento comercial. Adão e Miguel assumiram a fábrica.

O filho do meio, Miguel Scherk, foi eleito, em 29 de março de 1957, membro do primeiro conselho do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp) – Delegacia de São Caetano do Sul. Essa diretoria municipal está entre as mais antigas da rede Ciesp. Inicialmente, as atividades eram voltadas à conquista de benefícios para as empresas que se estabelecessem na cidade. Com o decorrer dos anos, passou a ter uma participação efetiva no processo de representatividade junto aos órgãos públicos e demais entidades.



Fachada do edifício da Scherk Academia, de propriedade de João Alberto Scherk (neto de José Scherk), fundada em 1975. Está localizada na esquina das ruas Piauí e Wenceslau Brás. Foto de 2015

Funcionários e integrantes da família Scherk no interior da Fábrica de Móveis Santa Catarina Ltda, localizada na Rua Piauí, nº 990. Vemos, em pé, da esquerda para a direita: José Scherk, seu filho Miguel, quatro jovens funcionários não identificados, e os filhos Josip e Adão Scherk. Agachados, três jovens funcionários, também não identificados. Foto da década de 1940



Arquivo João Alberto Scherk

Acervo/ João Alberto Scherk



Caminhão de entrega de móveis da empresa, vendendo-se, à frente, o motorista Mário. Em cima do veículo, o neto Alfredo e, à esquerda, José Scherk e seu filho Miguel Scherk. Foto da década de 1950

Acervo/ João Alberto Scherk



Casamento de Josip e Maria Scherk realizado na Igreja Matriz Sagrada Família, em 1947. A daminha ao lado dos noivos é Heleninha Barbi

Acervo/ João Alberto Scherk



Família reunida durante passeio na praia do José Menino, em Santos, em 1952. Da esquerda para a direita, vemos: Catarina Scherk, as crianças Alfredo e Rosaly, Maria e Josip Scherk. Atrás, Adão Scherk

Acervo/ João Alberto Scherk



Parte da família Scherk reunida, no Natal de 1950. Vemos, da esquerda para a direita: Adão, Francisca, Elza, Alfredo, Maria, Josip e a criança, Rosaly

Adão, o filho mais velho de José Scherk, casou-se com Francisca Scherk, com quem teve os filhos Alfredo e Elza; Miguel e sua esposa Adelina Scherk tiveram os filhos Antonio Carlos e José Carlos; e Josip, casado com Maria Scherk, eram pais de Rosaly e João Alberto. Os netos chamavam os avós pelo apelido carinhoso alemão de *ota* e *oma*, respectivamente, avô e avó.

O primeiro carro da família foi um Ford 1939 que todos os filhos dirigiam, dividindo um final de semana por mês para cada grupo.

Josip foi o filho que mais tempo permaneceu com os negócios da família. Independente do comércio, dava vazão à sua veia artística, pintando, desenhando caricaturas, tocando acordeão ou gaita. Um dos seus *hobbies* era a pescaria, principalmente no Ribeirão dos Meninos. Sua esposa, Maria, foi a segunda mulher a tirar carteira de motorista em São Caetano do Sul, fazendo aulas de direção na Autoescola Tatu. Outro momento cultivado pela família eram as viagens para o litoral, onde costumavam frequentar a praia do José Menino.

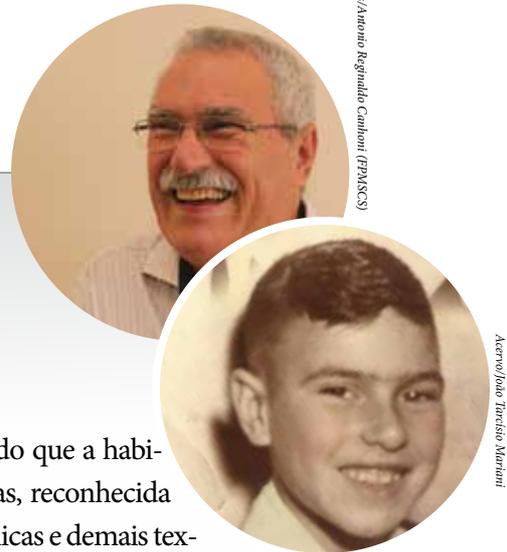
Na década de 1970, as atividades da fábrica foram encerradas. A loja permaneceu aberta até 1980. Em 1975, o filho de Josip, João Alberto Scherk, formado em Educação Física, montou uma academia de ginástica na parte superior do edifício.

Com o falecimento de Josip, em 1987, seu filho ampliou a academia de ginástica para a parte térrea, ocupando todo o edifício. A Scherk Academia é a mais antiga ainda em atividade em São Caetano do Sul.

Hoje a família se estende aos bisnetos e tataranetos, levando o espírito empreendedor do patriarca como herança do homem que marcou a vida comerciária de São Caetano do Sul. (Cristina Ortega) 

Um engenheiro do alumínio e da palavra

Fotos: Antonio Reginaldo Caboni (PRMACCS)



Arquivo João Tarcísio Mariani

Mariani no 1º ano do Grupo Escolar Senador Flaquer, aos 8 anos de idade. Foto de 1952.

O homem a quem faz referência o título deste artigo, escrito em sua homenagem, já é um notável conhecido de todas as pessoas que têm o hábito de ler ou simplesmente folhear as edições da revista *Raízes* dos últimos 14 anos. Como se pretende fazer aqui certo *suspense*, procurando *imitar* (sem autorização prévia e sem o mesmo efeito) algo do estilo característico do homenageado, não revelarei logo de cara o seu nome. Começarei então por explicar o título, para que o leitor, quem sabe, consiga desvendar o mistério antes que ele seja revelado.

O título, aliás, é uma das marcas registradas do nosso homenageado. Se o título por mim escolhido para este texto não tem, evidentemente, o mesmo tom requintado – e bem-humorado – que caracteriza a verve criativa da pessoa em questão, ele tem ao menos o mérito de apresentar um pouco do que a pessoa é e *faz*, ainda sem nomeá-la. Como ficou patente, ele é um engenheiro que trabalha, primordialmente, com um metal específico, que é o alumínio. E não há pouco tempo: 50 anos só de alumínio. Como também foi expresso pela mesma sentença, ele é um *engenheiro da palavra*, entendendo-se aqui a palavra *engenheiro* no sentido do *engenho* de criar, elaborar e construir; e como artífice da palavra – já adiante –, ele se destaca no gênero da crônica.

A prática de escrever com assiduidade é muito mais recente que a de lidar com alumínio; embora

João Tarcísio Mariani durante entrevista realizada em sala do Centro de Pastoral da Matriz Sagrada Família, em 9 de fevereiro de 2018

assim não pareça, dado que a habilidade com as palavras, reconhecida por quem lê suas crônicas e demais textos, é tão notória quanto a sua competência para trabalhar com os processos de fabricação do alumínio, a que se dedica desde a faculdade. Mas ainda não foi explicado inteiramente o título, conforme o prometido...

Já sabemos que se trata de um engenheiro metalurgista, especializado em alumínio, e escritor, identificado sobremaneira à arte de “cronicar”. Ora, a combinação da ciência da metalurgia com a arte das palavras me fez lembrar um personagem sobejamente conhecido da história brasileira: ninguém menos que o “Patriarca da Independência”, José Bonifácio de Andrada e Silva. Este, além de insigne estadista, foi um grande estudioso das ciências naturais e, em particular, da mineralogia – sendo que ele próprio se definia como um “metalurgista de profissão”. Sem descuidar da sua veia poética, pois o famoso Andrada e Silva também cultivava a arte da escrita. Foi ele quem escreveu, em 1823, uma representação à Assembleia Constituinte em defesa da extinção do tráfico negreiro e da abolição gradual da escravatura – uma pauta que contrariava diretamente os interesses das elites daquele tempo –, afirmando que o problema da construção nacional

consistia “em combinar sabiamente tantos elementos discordes e contrários, e em amalgamar tantos metais diversos, para que saia um todo homogêneo e compacto, que se não esfarele ao pequeno toque de qualquer nova convulsão política”¹

A pessoa a quem me refiro não é um homem público como Andrada e Silva nem uma personalidade da história nacional. É um cidadão comum, que reúne em si mesmo algumas dessas qualidades heterogêneas, diversas e enriquecedoras do espírito humano, atributos que se ligam para amalgamar um cidadão único, respeitado pela pessoa que é e pelo que fez e tem feito. É um legítimo cidadão de São Caetano do Sul. Como não tenho o mesmo talento nem a mesma paciência, revelarei já o seu nome, a fim de satisfazer os que ainda não adivinharam.

O cronista do Fundação – João Tarcísio Mariani, filho de Primo Mariani e Maria Laura Defonso Mariani, nasceu em 17 de junho de 1944, na Rua Ceará, no Bairro da Fundação, na casa de número 114, que hoje lá permanece com o número 122. É neto de imigrantes italianos, como ele mesmo conta em crônica de sua autoria publicada em *Raízes* nº 30, de dezembro de 2004, registrando diversos causos e lances da biografia de seu pai, então com 104 anos de idade. Seus avós, Alberto Mariani e Adelina Maccari, conheceram-se a bordo de um navio que rumava para o Brasil, em 1889, e se estabeleceram em Ribeirão Preto. Depois de alguns anos a família mudou-se para Pitangueiras, logo após o nascimento de Primo Mariani, em 1900; e em 1908 foi para São Paulo, onde Primo teve as suas primeiras experiências profissionais e onde se casou, em 1929, com Maria Laura. Finalmente, em 1932, o casal se estabeleceu em São Caetano, no Bairro da Fundação, já com seus dois filhos, Alberto Francisco Mariani e Pedro Mariani.

O filho caçula passou a infância no Bairro da Fundação, os seus primeiros 11 anos de vida. E não foi pouca coisa, pois esse período calou fundo em sua alma e, sobretudo, em sua memória. “Todas as

minhas melhores lembranças de infância e quase todas as crônicas vêm da minha memória do Bairro da Fundação”, afirma João Mariani. Além de divertidíssimas, pela maneira *sui generis* com que o autor conduz suas narrativas, esses registros revelam aspectos e feições do cotidiano não só do Fundação dos anos 1940 e 1950, mas também da São Caetano dessa época, cujos contrastes com a cidade atual podem ser vislumbrados ao simples contato com algumas fotografias antigas. Como as imagens, as crônicas radiografam, no melhor estilo e sem demasiado esforço de imaginação, o passado de uma cidade: as confusões na rua, quintais sem muros e sem cercas, ruas de terra (com esgoto a céu aberto) onde os meninos jogavam bola porque não havia trânsito algum... E as muitas amizades duradouras que lá se firmaram!

Tenha-se como exemplo a amizade da família Mariani com as famílias vizinhas Zurzollo e Doro. Os Zurzollo recomendaram os Mariani, quando estes aqui chegaram (em 1932), para as famílias de comerciantes (os Perrella, os Lorenzini, entre outros) então estabelecidas no bairro. Essa recomendação, uma espécie de aval dos moradores do lugar – característica de uma cidade como São Caetano e de um bairro como o Fundação –, era essencial para que o casal recém-chegado de São Paulo pudesse ter vida própria nos estabelecimentos comerciais da época, servindo-se das famosas *cadernetas*, onde eram registradas as despesas que seriam pagas, após o recebimento dos salários, no fim de cada mês. Resultado: floresceu uma amizade definitiva. E que dura até hoje. “Essa amizade”, aponta Mariani, “é uma amizade de mais de 80 anos, eram apenas vizinhos, são amigos até hoje; morreram os avós, morreram os pais, estão aí os filhos e os netos e mantém-se a ligação com as famílias”.

Quem quiser saber mais, sugiro procurar pelas crônicas publicadas em *Raízes* a partir de 2004. Não tenho dúvidas em afirmar que os textos serão um deleite certo para todos os apaixonados por São Caetano e sua história.

O jovem observador/partícipe da história – Se há uma coisa que conta e muito a favor da reconstituição (de parte) da trajetória do homenageado é a sua excelente memória. João Mariani lembra-se de segurar na mão de seu pai em uma ou duas ocasiões em que este, fortuitamente, encontrou-se com o prefeito Ângelo Raphael Pellegrino caminhando pela rua, como outro cidadão qualquer, e teve a oportunidade de conversar com ele. Pellegrino, primeiro prefeito da cidade, estava em seu final de mandato e o menino Mariani contava com cerca de 8 anos de idade. O que este jovem cidadão sul-são-caetanense experimentou do movimento autonomista foi já a consequência dele: a figura de Pellegrino como prefeito, os encontros casuais com esta autoridade nas ruas... As enormes transformações que São Caetano vivenciaria a partir de então – e das quais o próprio Mariani seria testemunha no decorrer de sua juventude e idade adulta! A visão clara de uma São Caetano que vai deixando para trás as características de sua infância (tanto as boas como as más), vai se erigindo em asfalto e concreto, beneficiando-se com serviços de saneamento básico, com escolas e hospitais... Mal poderia esse menino imaginar que, décadas mais tarde, ele seria convidado a integrar um grupo especialmente criado para debater, preservar e divulgar a memória do movimento cujas inúmeras consequências ele e toda a sua geração experimentariam ao longo das décadas subsequentes. Esse grupo, como o leitor talvez imagine, é o Gama (Grupo de Amigos do Movimento Autonomista), fundado em 30 de abril de 2013.

Mariani foi entusiasmado observador de outro episódio marcante na história de São Caetano do Sul. Por pouco, não foi partícipe... Em razão da idade! Trata-se do movimento estudantil de 1961, responsável pela promoção do que ficou conhecido como Passeata do Silêncio, motivada pela tentativa dos vereadores de aumentar excessivamente os seus próprios subsídios. Pelo simples fato de não ser maior de idade – estava com 17 anos –, Mariani não



foi autorizado por seu pai a sair de casa. Eis um pouco do seu eloquente relato: “Na noite em que o pessoal saiu pra fazer a passeata com caixões, representando o enterro dos vereadores, eu não pude sair de casa porque o meu pai disse: ‘Não, o dia que você tiver 18 anos você vai aonde você quer, aí não. Isso aí pode dar confusão com a polícia...’ Estavam imaginando que também viesse o Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo, como veio depois na segunda manifestação. Então ele não me permitiu. Vi toda a preparação e eu conhecia todo o pessoal que fomentou a passeata, tanto do Centro Acadêmico quanto do Instituto de Ensino. E pelo fato de você ter nessa juventude da época um idealismo puro, todos eram tachados simplesmente de comunistas, porque divergiam da ordem vigente. Na verdade, eram idealistas, queriam algo melhor para o Brasil”.

Esses jovens “idealistas” são os mesmos que, segundo Mariani, liderariam a maioria das iniciativas de caráter cultural

Casamento de Lia e João Mariani, em 16 de janeiro de 1971, na Igreja Matriz Sagrada Família. Da esquerda para a direita: Luis Augusto Pisaneschi (irmão de Lia), padre Nilo Pisaneschi (irmão de Lia), padre Pedro Favoretto, padre Alberto Francisco Mariani (irmão de Mariani), Primo Mariani (pai de Mariani), Lia Elisa e Mariani



Primo Mariani (pai), Maria Laura Defonso Mariani (mãe) e João Mariani na casa dos pais, na Rua Piauí; ao fundo, a fachada da Paróquia São João Batista. Foto de 1975



Aniversário de 109 anos de Primo Mariani (sentado), ladeado por seus filhos João, Pedro e Alberto. Foto de 2009

da cidade no decorrer das décadas de 1960 e 1970. Na verdade, com seu idealismo, eles plantaram muito do que existe atualmente, em termos de cultura, no município. Ao convívio com essas pessoas, como Oscar Garbelotto, seu vizinho no Bairro da Fundação, Mariani deve muito de sua formação, pois esta é um processo de aprendizado que não se exaure enquanto há vida. Mas como a formação também é feita de diplomas e títulos universitários, devemos avançar para o tópico seguinte.

O profissional do alumínio – Mariani fez seus estudos primários no Grupo Escolar Senador Flaquer, situado (até hoje) na Rua Heloísa Pamplona, no Bairro da Fundação. Concluído o primário, fez o ginásio e o na época chamado científico, que corresponde ao atual ensino médio, no Instituto de Ensino de São Caetano. Em seguida, prestou vestibular e entrou na Faculdade de Engenharia Industrial em São Bernardo, onde fez Engenharia Metalúrgica, formando-se no ano de 1968. Fez também Administração de Empresas na mesma faculdade, curso no qual se formou em 1971.

E quando apareceu o alumínio na vida de João Tarcísio Mariani? Desde o início de sua carreira profissional. Ainda na faculdade, ele começou atuando como metalurgista em uma área específica, fazendo estágio, em 1967, numa empresa que trabalhava com alumínio. Logo que se formou, ingressou na então denominada Alcan Alumínio do Brasil, em Utinga (Santo André). E isso, coincidentemente, em um período no qual a produção de alumínio se expandia por todo o Brasil, sobretudo após a descoberta de grandes minas de bauxita (que é um minério de alumínio) em lugares como Poços de Caldas (Minas Gerais) e Barcarena (Pará). Depois da Alcan, Mariani passou pela Alcoa Nordeste, na época chamada Alumínio SA (ASA), localizada em Itapissuma (Pernambuco); e regressando ao Sudeste, trabalhou durante certo tempo na Laminação Na-

cional de Metais, do Grupo Pignatari, que passava por alguns problemas financeiros. Foi quando teve lugar uma espécie de marco divisório na trajetória profissional do jovem engenheiro. Por inspiração de um amigo, chamado Arlindo Tondin, Mariani investiu numa seara para a qual não havia concorrente: a consultoria de alumínio. Isso foi em 1974.

De 1967 a 1974, portanto, Mariani trabalhou como engenheiro empregado em firmas onde aprendeu tecnologia; e, a partir de 1974, começou a atuar como consultor, passando aquilo que aprendeu em empresas multinacionais, a respeito dos processos de fabricação do alumínio, para empresas nacionais. Isso começou como uma tentativa, que muitos encararam com desconfiança. E essa tentativa foi tão bem-sucedida que Mariani e Tondin montaram uma fábrica inteira para uma empresa, naquele tempo, muito conhecida: Persianas Columbia.

Até 1984, ele trabalhou como um consultor de alumínio que tentava se firmar numa atividade praticamente sem concorrentes. A partir do ano seguinte, um segundo divisor de águas em sua carreira: Mariani e Norberto Victor Barile, amigo que com ele trabalhara na Alcan, montaram uma firma de nome Intellectus Projetos e Consultoria S/S Ltda. Em 2004, saiu o Barile, por problemas de saúde, e entrou como sócio outro amigo da Alcan, Ayrton Filleti, primeiro chefe de Mariani e seu professor de alumínio. E a Intellectus está viva até hoje, completando 33 anos de vida em consultoria. Mas desde 1968 que o nosso homem se dedica ao alumínio. Cinquenta anos só de alumínio? Não é por outra razão, brinca Mariani, que o cabelo ficou da cor do metal.

O pai de família – Conta João Mariani que o Centro Acadêmico de São Caetano do Sul, por ele frequentado nos idos da década de 1960, foi um lugar onde nasceram muitos romances. E foi lá também que, entre ensaios e encenações, floresceu o romance de sua vida. Era o ano de 1967. Mariani trabalhava no grupo de teatro existente, cujo nome era Grudyba,

dirigido por seu amigo Luiz Antônio Cicaroni. Decidindo formar um segundo grupo de teatro para contemplar os que não participavam do Grudyba por falta de papéis suficientes, Cicaroni dá a João Mariani a missão de montar e dirigir uma peça. E mais: confere-lhe a obrigação de escolher os que deveriam fazer todos os papéis, à exceção de um. Justamente o da protagonista. A peça, escrita pelo ilustre dramaturgo Bertolt Brecht, denominava-se *Os Fuzis da Senhora Carrar* e “era uma peça revolucionária bem em linha com o Brasil de 1967”, narra Mariani; que àquela altura mal poderia supor que a mocinha escolhida para o papel principal, não mais que de repente, lhe roubaria o coração. Foi Cicaroni quem lhe apresentou a jovem que representaria a Sra. Carrar, e ela se chamava Lia Elisa Pisaneschi. Resultado: “Ensaíamos, ela fez o papel principal, show de interpretação... conquistou o público e... me conquistou!”.

Mariani e Lia casaram-se em 16 de janeiro de 1971 na Igreja Matriz Sagrada Família. Quem fez o casamento? O irmão mais velho de Mariani é padre; o irmão mais velho de Lia também é. Os dois fizeram o casamento: padre Alberto Francisco Mariani e padre Nilo Pisaneschi. Não surpreende que, no dia da cerimônia, Primo Mariani dissesse para todo mundo: “vai ser difícil de romper o casamento, ele foi feito a duas cabeças e quatro mãos”. E desse casamento aparentemente inquebrantável, nasceram seus três principais frutos: Fernando, o filho mais velho, tradutor de inglês e espanhol; Cláudio, engenheiro na área de Tecnologia da Informação; e a mais nova, Marília, que é psicóloga. Netos? Por enquanto, só um neto de quatro patas. “Acho que é para treinar”, graceja Mariani.

O homem de fé e de arte – Em 2017, João Mariani foi encarregado de uma incumbência que, além de muito meritória, revela um pouco de sua personalidade: foi ele que, por ocasião do evento que marcou as comemorações dos 300 anos do início da construção da primeira capela dedicada a São Caetano,

ficou responsável por fazer a interligação entre os agentes dos quais dependia a realização da solenidade: Diocese de Santo André, Mosteiro de São Bento, Fundação Pró-Memória e prefeitura de São Caetano do Sul. Além de sua capacidade para organizar e conciliar agendas e interesses distintos com sucesso, o fato é revelador de um traço que, para quem o conhece de perto, não passa de uma constatação trivial. Trata-se de um homem de fé no sentido pleno; de espiritualidade arraigada, pois é raiz de família. De acordo com Mariani, a convivência, durante a infância, com seu avô Alberto – o qual, além de profundamente religioso, era um benzedor muito procurado – imprimiu marcas profundas em sua índole. O mesmo ele captou de seu pai, herdeiro daquela espiritualidade legítima e reconhecida como tal (tendo em vista todas as pessoas que pediam orações ao Sr. Primo por alguém doente ou necessitado, prática que o acompanhou ao longo de sua vida).

Quem o vê hoje atuar tão ativa e desinteressadamente em movimentos e pastorais da Matriz Sagrada Família reconhece logo esse atributo de seu caráter. Basta que se destaquem duas dessas atividades, com as quais mais se identificou: como ministro da Eucaristia, levar a Sagrada Comunhão aos enfermos e, como catequista, evangelizar os adultos que procuram a igreja para receberem os sacramentos da iniciação (Batismo, Crisma e Eucaristia) e/ou para se casarem. A fé em João Mariani está fortemente ligada à formação cristã integral, por meio da catequese. E esta, em consonância com a tradição católica, pôde unir-se à arte e ao belo por meio da fundação do Museu Sagrada Família, pensado e criado pelo padre Jordélio Siles Ledo e acompanhado de perto, desde a primeira ideia (que foi o primeiro a incentivar) até a conclusão de toda a obra, por Mariani. Neste, como nos melhores espíritos, como no do padre Alexandre Grigolli, grande idealizador da Matriz, fé e arte fundiram-se num todo homogêneo e complexo, produzindo obras admiravelmente originais.

O homem Pró-História e Pró-Memória de São Caetano – Para encerrar este artigo, convém salientar um último aspecto (entre tantos outros que foram aqui negligenciados, por falta de espaço), ainda que algo óbvio: Mariani é um apaixonado estudioso da história de São Caetano. Tanto é que sua admiração pelo maior historiador desta cidade, o renomado sociólogo José de Souza Martins, vem de longa data. Vem do lançamento de sua primeira obra, *São Caetano do Sul em Quatro Séculos de História* (1957), que Mariani diz ter lido com avidez e entusiasmo. A admiração é tanta que, depois de conhecê-lo pessoalmente na ocasião do lançamento de um livro de autoria do professor em São Paulo, por meio de um convite de Oscar Garbelotto, Mariani chegou a comparecer em quase todos os lançamentos de livros escritos por Martins. E da admiração surgiu também uma amizade. Não foi casual o convite do reitor da Universidade

O nosso homenageado sempre nutriu, segundo suas próprias palavras, grande admiração pelas pessoas que cuidaram (e cuidam) de cultura, memória e história de São Caetano. Nada mais justo do que ele mesmo fazer parte da preservação e divulgação desse patrimônio, por meio de uma instituição voltada exatamente para tal fim. Seu “bilhete de entrada” para a Fundação Pró-Memória de São Caetano foi justamente uma crônica sobre seu pai, já mencionada (“Obra-Prima ou Obra-Primo?!”), e que inclusive deu ensejo à criação de uma nova seção da revista *Raízes*, até aquele momento inexistente (isto é, a seção *Poesias e Crônicas*). Passaria então a integrar o corpo do Conselho Editorial da Pró-Memória. E algum tempo depois, como até hoje, o seu Conselho Diretor.

Contribuindo assiduamente, desde então, com as crônicas publicadas em *Raízes*, Mariani também vem se dedicando à função de homenagear pessoas vivas que fizeram (ou fazem) algo por São Caetano. Já passaram pelas suas mãos nomes como Mário Porfírio Rodrigues, José de Souza Martins, Mário Dal’Mas, Oscar Garbelotto... E por aí vem mais, porque a fonte não secou! Eis uma boa notícia para concluir estas linhas. Perguntado sobre a importância da Pró-Memória e o futuro dessa instituição, Mariani aponta dois pilares que são responsáveis por sua manutenção: por um lado, sua “sustentação financeira, que não tem jeito, depende da prefeitura”; e, por outro, quicá mais fundamental: “conseguir manter os objetivos de uma entidade como a Pró-Memória, visando memória e história da cidade como premissa básica dos seus afazeres”. Que assim seja. **(Rodrigo Marzano Munari)** 

Família de Mariani. Da esquerda para a direita, vemos: Lia, João, Fernando Celso (filho mais velho), Marília (filha mais nova), Aline (nora), Cláudio Márcio (filho do meio, casado) e, embaixo, Taz (o “neto de quatro patas” de João Mariani). Foto de 2017



Arquivo/João Tarciso Mariani

Municipal de São Caetano do Sul, Marcos Bassi, para que João Mariani fosse mestre de cerimônia da outorga do título de *Doutor Honoris Causa* a José de Souza Martins, no ano de 2014.

NOTAS

¹ SILVA, José Bonifácio de Andrada e. “Representação à Assembleia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a escravatura”. *Projetos para o Brasil*. Textos reunidos e comentados por Miriam Dolnikoff. São Paulo: Companhia das Letras; Publifolha, 2000, p. 24-25.

“Moço, culto, educado, orador fluente e dono de invejável eloquência, advogado de grande mérito e muita reputação, filho de uma das mais tradicionais famílias de São Caetano, bom pai, bom esposo e bom amigo, polemista apaixonado e profundo conhecedor da filosofia cristã, eis, em ligeiros traços, o autor de ‘São Caetano do Sul e seus Fundadores’, Dr. Ítalo Dal’Mas”.

Pesquisadores da Nossa História, *Jornal de São Caetano* de 28 de julho de 1960, ano XV, n. 819, p. 6.

Ítalo era o filho caçula de Victorio Dal’Mas¹, imigrante italiano vindo de Cappella Maggiore (província de Treviso) para estas terras em 1903; e de Antonia Braido Dal’Mas, neta de Giuseppe Braido, um dos imigrantes estabelecidos no Núcleo Colonial de São Caetano, criado em julho de 1877. Já foi relatada, em edição passada de *Raízes*, a trajetória vivida por Victorio desde sua saída do país natal até o definitivo estabelecimento em terras sancaetanenses: o menino pobre – órfão de mãe aos 3 anos e abandonado pelo pai –, que para cá viera acompanhado de uma tia e que logo se veria na necessidade de prover o próprio sustento, aos 15 anos de idade; do trabalhador braçal da olaria dos Perrella ao industrial de sucesso, dono de uma das maiores fortunas da localidade.² Ítalo era filho não só dessa trajetória vitoriosa de Victorio, mas também da concepção mítica que a envolvia: o imigrante pobre que, dotado de coragem e virtudes, enfrentou as dificuldades do meio, sobrepôs-se às adversidades e conseguiu ascender socialmente, tornando-se autor de sua história e, por extensão, do progresso de São Caetano. Em seu berço e em sua formação intelectual devem ser procuradas as raízes das concepções de história (e história local) defendidas por Ítalo Dal’Mas ao longo de sua vida.

Dal’Mas fez seus estudos primários no distrito de São Caetano, então pertencente ao município de São Bernardo. Com 5 anos de idade, foi matriculado na primeira turma do jardim de infância do Externato Santo Antônio, escola funda-

da no ano de 1931.³ Avançando um pouco mais, diplomou-se no antigo ginásio do Liceu Acadêmico São Paulo e cursou o segundo ciclo secundário no Colégio Anglo Latino. Por fim, bacharelou-se em Ciências Jurídicas pela Universidade de São Paulo, após cursar “com brilho” a tradicional Faculdade de Direito do Largo São Francisco.⁴

Seu interesse desvelado pelos estudos históricos revelou-se tão precocemente quanto a sua dedicação apaixonada à advocacia. Se no Direito ele encontrou sua profissão, na pesquisa histórica ele se encontrou com o amor e a devoção pela terra natal, deixando extravasar todo o seu “temperamento inquieto de polemista” – como bem definiu o texto de um artigo do *Jornal de São Caetano*, citado na epígrafe.

Essa inquietude manifestou-se primeiramente por intermédio do jornalismo, que cultivou desde a juventude; escrevendo, amiúde, sobre temas relacionados à história de São Caetano. Como um dos jovens estudantes que compartilhavam opiniões, nos idos da década de 1940, a respeito das condições pouco lisonjeiras do subdistrito de São Caetano (anexado a Santo André) e reclamavam diversas melhorias infraestruturais para a localidade, unindo-se em torno da bandeira da *autonomia*, Ítalo Dal’Mas, como seu irmão Mário, foi um dos fundadores do *Jornal de São Caetano*, do qual se tornaria colaborador frequente, sobretudo (e não por acaso) nas edições especiais do dia 28 de julho – aniversário da cidade –, data em que era comum

a publicação de artigos relativos à história local e, particularmente, aos feitos dos colonizadores italianos. É da lavra de Dal'Mas, de acordo com Mário Porfírio Rodrigues, fundador do jornal e líder autonomista, o texto de capa (*Colonos que foram desbravadores*) da primeira edição daquele periódico⁵, que foi definido pelo autor como legítimo herdeiro da vida e da fé dos corajosos “fundadores” que elevaram São Caetano, no início “apenas um quadro verde interrompido por místicas choupanas de sertanejos dispostas em redor de uma singela igreja e pelo correr das águas do Tamanduateí”, à condição de “parque industrial que refulge brilhante, no âmbito deste grandioso São Paulo”.⁶ No hábil redator dessas linhas, de apenas 20 anos de idade, revelava-se já bem firmada uma perspectiva de interpretação da história sancaetanense – que o acompanharia até o fim –, assim como uma visão de *como e por que* essa história deveria ser escrita.

Ao lado do trabalho de pesquisa histórica, Dal'Mas dedicou-se intensamente ao estudo das leis e, com maior afinco, ao Direito Penal. Ainda no verdor dos seus anos, ele se destacaria como importante (e talvez o maior) advogado criminalista da cidade, com direito a reportagens, no *Jornal de São Caetano*, noticiando alguns de seus trabalhos formidáveis no Tribunal do Júri. Sua destreza como orador, sua eloquência e seu poder de persuasão eram atributos especialmente notados por aqueles que presenciaram essas sessões memoráveis.

Dentre outros exemplos encontrados nos jornais, note-se o caso de uma defesa efetuada por Dal'Mas em sessão do Júri da Comarca de Santo André, em 6 de abril de 1956. Nessa ocasião, incumbia-lhe defender o réu José de Aguiar, acusado de assassinar com um

golpe de faca, no interior de um bar situado no Bairro de Utinga, o indivíduo José de Araújo. O caso, longe de ser insólito, é revelador de problemas sociais relacionados à migração nordestina para a região do ABC, margeando estereótipos e visões preconceituosas comumente associadas a tal grupo de pessoas. Ainda que relativamente longo, o trecho abaixo merece ser lido como modelo do *modus operandi* de um advogado reconhecido como competente em sua área de atuação e que, de modo particular, era o arquétipo do “filho de São Caetano” que contribuía para o “engrandecimento” de sua classe (a dos advogados) e de sua terra natal:

O julgamento teve início quando o Dr. Promotor Público efetuou o seu pronunciamento condenatório, apresentando uma tese deveras impressionante, acabando por pedir a pena máxima para o réu, visto estar o mesmo incurso no código penal e ser o crime classificado sob o ímpeto da periculosidade; autor de dois crimes; embriaguez e rudeza do golpe transfixando a cavidade craniana. A seguir foi ouvido o advogado da defesa, tendo feito uso da palavra o advogado, Dr. Clovis Sidney Thon, que com raro brilhantismo focalizou o problema nordestino, pois o réu nascera em Bananeiras, estado da Paraíba. Narrou o advogado da defesa fatos lamentáveis ocorridos com a gente do Norte e do triste drama desses nossos irmãos, em virtude da seca e vítimas quase de nascença, devido à sua existência toda mal provida e abandonada por aqueles que tinham o de-

Anúncio do escritório de Ítalo Dal'Mas no *Jornal de São Caetano* de 27 de julho de 1957 (ano XII, n. 662, 2º caderno, p. 3)



ver de cuidá-los, vítimas, a bem dizer, da imoralidade política da época. Prosseguindo, coube ao Dr. Ítalo Dal'Mas fazer a defesa do réu de fato e de Direito. Sua tese, como não poderia deixar de ser,

foi baseada em violenta emoção do réu, constituindo o seu trabalho perfeito depoimento jurídico e de verdadeira justiça. O Dr. Promotor Público em seguida replicou brilhantemente a tese da defesa, dizendo ser Racista e Regionalista, por ter evidenciado o crucial problema do Nordeste, pedindo mais uma vez a condenação máxima do réu e refutando, ardorosamente, a Violenta Emoção. Houve tréplica da parte da defesa, tendo o Dr. Ítalo Dal'Mas rebatido a incisa argumentação do Promotor e novamente ratificava de uma maneira impressionante a violenta emoção. Os trabalhos do Júri iniciaram às 13 e terminaram somente às 23 horas, quando foi reconhecida a tese sustentada pela defesa por 6 votos contra 1, sendo o réu condenado apenas a 6 anos de reclusão.⁷

Ao referido “trabalho magistral” de Ítalo Dal'Mas, vitorioso no combate com a promotoria, o texto do *Jornal de São Caetano* atribui a redução significativa da pena imputada ao réu. Outros exemplos similares poderiam ser extraídos das páginas do mesmo jornal, no qual o ilustre “filho de São Caetano” ganhava clara notoriedade, transcendendo os limites locais⁸ e projetando o nome de sua cidade⁹, já em via de se firmar como município autônomo, que precisava construir *uma imagem de si mesmo*. Tarefa à qual muito se dedicou, e com êxito, o jornalismo local.

Além da participação destacada nos tribunais, o jovem advogado se ocupou de administrar a parte jurídica do patrimônio construído por seu pai, Victorio. Seus empreendimentos compreendiam, principalmente, a Dal'Mas Indústria Agroquímica, o Cine Vitória e a Dal'Mas Imobiliária. Incumbindo-se dos negócios da família como seus irmãos mais velhos (João, Ettore e Mário), Ítalo abriu seu escritório no celebrado Edifício Vitória, obra de seu pai, inaugurada em 1953. Nesse mesmo ano ele deu o primeiro passo para a constituição de sua própria família,

casando-se com Antonia Uccelli, com a qual teve os seguintes filhos: Ítalo, Marco Antonio, Carlos Alberto e Humberto José Dal'Mas.

Paralelamente à advocacia, Dal'Mas se dedicava à atividade jornalística e, como já foi dito, ao estudo da história de São Caetano. Mas não era o único em sua época a fazê-lo. Na década de 1950, não por acaso a primeira década do pós-autonomia, surgiram os primeiros trabalhos de pesquisa sobre a história da localidade, que antes só era contada sob a perspectiva triunfalista dos imigrantes italianos e seus descendentes. Por força dessa tradição, gestada sob os festejos do 28 de julho e apropriada e reformulada pelos meios de comunicação (como os jornais), os italianos, aqui chegados em 1877 e em levadas sucessivas, eram vistos como os verdadeiros “fundadores” de São Caetano, a ponto de serem tidos como os primeiros atores da história, ou melhor, como os inventores da própria história do lugar. A essa narrativa opuseram-se alguns pesquisadores que se puseram à cata de documentos até então inéditos sobre o passado de São Caetano.

Em julho de 1957, o jovem José de Souza Martins publicou o livro *São Caetano do Sul em Quatro Séculos de História*, ainda hoje a maior referência (por seu pioneirismo e sua abrangência) da historiografia local. No título, já se pode desvendar o seu intuito verdadeiramente original: São Caetano é um lugar dotado de historicidade há quatro séculos. Antes da fundação do Núcleo Colonial, não era um vazio humano, preenchido somente por rios, matas e alagadiços. A história, portanto, não tem um começo em 1877. Este ano é apenas um ponto de inflexão de uma trajetória secular e repleta de outros sujeitos históricos. Não demorou muito para que surgisse uma resposta bem formulada da parte dos tradicionalistas, aqueles que defendiam a primazia histórica absoluta dos “fundadores” italianos. Em dezembro de 1957, Ítalo Dal'Mas, um dos

depositários dessa tradição e decerto o seu melhor formulador, publicou seu primeiro livro: *São Caetano do Sul e Seus Fundadores*, editado pela Gráfica-Editora Michalany. Estava instaurado um caloroso embate entre os respectivos representantes das duas tendências.

Espírito irrequieto por natureza, Dal'Mas não se intimidou diante da abundante documentação reunida por Martins para demonstrar a existência não só de ocupações humanas em terras do Tijucuçu (parte da São Caetano atual) desde o século 16, mas também de vida social organizada e complexa, sobretudo a partir da criação de uma fazenda de propriedade dos monges beneditinos no século 17, voltada à produção de artigos cerâmicos – e denominada, no início do século seguinte, Fazenda de São Caetano, graças à ereção de uma capela dedicada ao santo. No decorrer dos decênios seguintes e até o fim de sua vida, tanto em artigos publicados nos jornais quanto em livros de sua autoria, Dal'Mas sustentaria o ponto de vista adverso, arvorando-se, na contramão dos trabalhos historiográficos, no mais aguerrido cronista da tradição italiana: o cronista dos “fundadores” de São Caetano.

Algumas de suas crônicas, repletas de nostalgia e intenso fervor por suas convicções, encontram-se reunidas em livro escrito e editado pelo próprio autor: *Nossas raízes* (2009). Nessa tradição, para Ítalo Dal'Mas, encontrava-se tanto o passado quanto o que de melhor São Caetano poderia projetar para o futuro. Interrompendo o “sono letárgico dos campos desertos”, o “pacto contemplativo ou exclusivo com a natureza”, o imigrante italiano, cheio de fé, coragem e virtudes, fizera o “pacto com a história”¹⁰, colocando-se como verdadeiro sujeito histórico que atua no presente para, com consciência do porvir, inaugurar o futuro.

Para ele, a história de São Caetano não existe antes da imigração italiana a não ser como

uma “não história”, isto é, como submissão do homem à natureza, imobilidade e letargia. A história mesma é a fundação do Núcleo Colonial, e a chegada dos italianos não é apenas um fato em si: é uma ideia. É a construção de uma identidade e uma moral que deveriam servir de guia para as gerações futuras.

Da mesma forma, o imigrante é um protótipo ou uma idealização, não é o homem em si, com suas falhas e incompletudes; é o herói desbravador e corajoso que inaugura uma nova era, que funda uma cidade. E a história, por fim, não é um campo do conhecimento dotado de métodos e procedimentos específicos. Segundo sua concepção de história, o uso de fontes que são indispensáveis para o historiador de ofício, como documentos oficiais das “doações”, dos “testamentos” e “inventários”, pela “precaria condição” ou pela “pobreza cultural”, necessitaria “de outros meios de interpretação diferentes dos da história”.¹¹



Sábado de Aleluia de 1934 no São Caetano Esporte Clube. Na ocasião, um casamento fictício foi organizado pelo chamado Bloco dos Livres. A criança de smoking e cartola, ao centro, é Ítalo Dal'Mas, então com 8 anos



Família Dal'Mas quando da inauguração do Cine Vitória, em 30 de setembro de 1953. Ao centro, o comendador Victorio Dal'Mas e sua esposa, Antonia Braido Dal'Mas. Ítalo é o último à direita, em pé

Solenidade de apresentação do *Jornal de São Caetano*, em 1946, no São Caetano Esporte Clube. Sentados, a partir da direita, vemos Ítalo e, ao seu lado, o irmão Mário Dal'Mas. Em pé, encontram-se seus outros dois irmãos, João e Ettore Dal'Mas



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Nessa perspectiva, “História não é decorar datas ou catalogar fatos com a espantosa erudição”, mas “compreender a alma dos principais acontecimentos determinantes da pátria e da cidade”.¹² Portanto, mesmo quando respaldada por uma variedade de documentos analisados com rigor e critério – como é dever do historiador –, a história não teria valor sem uma finalidade cívica explícita. Em *Autonomia do príncipe* (2013), editado também pelo autor, Dal’Mas afirma que o movimento autonomista, vitorioso em 1948, colocara em evidência a necessidade de despertar a “consciência histórica” dos munícipes, ligando-a novamente ao agente dinâmico ou “homem histórico”, o imigrante italiano, modelo daquele que é “capaz de modificar o ritmo dos fatos em busca dos ideais municipalistas”:

A autonomia de qualquer município não podia prescindir da “consciência histórica”, sob pena de permanecer no sono letárgico da estagnação ou no estado passivo, sem compromisso algum com a comunidade. Era preciso entender que o imigrante conseguira realizar sua tarefa, resolvendo os problemas de sua época. Ao estabelecer-se em terra estranha, por meio de uma colônia, conseguiu governar, desenvolver o núcleo, dirigir e unir os poucos moradores nativos dispersos pelos campos desertos, formando um grupo social coeso e sem maiores conflitos.

As gerações posteriores à fundação do Núcleo Colonial sentiram a necessidade de despertar a “consciência histórica” que, necessariamente, é a base moral dos movimentos cívicos ligados às legítimas tradições.¹³

Para Dal’Mas, o culto à tradição deveria servir para que São Caetano não se desviasse do rumo estabelecido por seus “fundadores”: um progresso consciente e moderado, com planejamento urbano e responsabilidade ambiental, com respeito a valores tidos como fundamentais, ligados à família e à religião. Daí seu prognóstico nada otimista: “Não

tardará para que São Caetano do Sul, absorvido pelo gigantismo urbano e pela indiferença de sua história, perca sua rica individualidade, transformando-se num subúrbio triste e melancólico”.¹⁴

Ítalo Dal’Mas faleceu em 9 de junho de 2017, aos 91 anos de idade, e foi sepultado no Cemitério das Lágrimas. Apesar de nunca ter atuado como historiador, em razão de suas concepções e seus métodos de trabalho, deixou um legado de contribuições valiosas *sobre e para* a história de sua cidade, que sempre defendeu com verdadeiro ardor.

Em sua profissão, contribuiu especialmente para teorizar e aplicar os princípios e institutos do Direito Penal, não apenas por sua atuação brilhante como criminalista, mas também por seus trabalhos publicados. Trabalhos ainda inéditos fazem parte desse legado. Conforme Ítalo Dal’Mas Júnior, além de outros livros que não foram aqui mencionados¹⁵, seu pai deixou um considerável volume de escritos que, futuramente, podem vir à luz.¹⁶ Sem dúvida um significativo espólio imaterial para quem se interessar pelo rico e complexo passado histórico de São Caetano do Sul. **(Rodrigo Marzano Munari) R**

NOTAS

¹ Victorio nasceu em 1888, na Itália, e de sua união com Antonia Braidó, brasileira e filha de italianos, nasceram os filhos do casal: João, Maria Thereza, Ettore, Mário e Ítalo Dal’Mas. Revista das *Famílias Ilustres e Tradicionais de São Caetano do Sul*, set. 1992, p. 45-46.

² RODRIGUES, Mário Porfírio. O jovem empreendedor que se tornou industrial. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 47, p. 76-80, jul. 2013, p. 76.

³ Transcrição de uma cópia, cedida por Mário Dal’Mas, da lista dos alunos da primeira turma do jardim de infância do Externato Santo Antônio. In: CARVALHO, Cristina Toledo de. As nostálgicas lembranças de um aluno da primeira turma do Externato Santo Antônio. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 43, p. 28-31, jul. 2011, p. 31.

⁴ PESQUISADORES da Nossa História. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XV, n. 819, p. 6, 28 jul. 1960.

⁵ RODRIGUES, Mário Porfírio. *Um Jornal, uma Vida*: A saga do Jornal de São Caetano e outras mais. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2005, p. 31.

⁶ COLONOS que foram desbravadores. *Jornal de São Caetano*, São Caetano, ano I, n. 1, p. 1, 28 jul. 1946.

⁷ TRABALHO magistral do advogado Dr. Ítalo Dal’Mas. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano X, n. 595, p. 1 e 3, 14 abr. 1956.

⁸ “Dedica-se, na advocacia, às causas criminais e sua fama ultrapassou nesse terreno as fronteiras de São Caetano”. Vide o texto de “Pesquisadores da Nossa História”, em edição já citada do *Jornal de São Caetano*.

⁹ “Ao lado da sua projeção pessoal como jurista, esta obra projeta também o Município de São Caetano do Sul, onde nasceu e sempre viveu Ítalo Dal’Mas e onde, para glória de todos nós, exerce com proficiência a sua atividade”. Nome de Ítalo Dal’Mas se inscreve na *Literatura Jurídica Brasileira*. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XVI, n. 871, 5º caderno, p. 4, 28 jul. 1961.

¹⁰ DALMAS, Ítalo. O pacto com a história. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XI, n. 2.457, caderno A, p. 7, 26 jul. 1986.

¹¹ Idem.

¹² DALMAS, Ítalo. *Nossas raízes*. São Caetano do Sul: Ed. do Autor, 2009, p. 201.

¹³ Idem. *Autonomia do príncipe*. São Caetano do Sul: Ed. do Autor, 2013, p. 15-16.

¹⁴ DALMAS, *Nossas raízes*, op. cit., p. 201.

¹⁵ Cf., entre outros, *Medidas Assecuratórias no Código de Processo Penal* (1961); *Jurisdição Penal*, vol. 1 (1963); *Da Colonização à Imigração no Brasil* (1976).

¹⁶ Agradeço a Ítalo Dal’Mas Júnior por ter me recebido a fim de esclarecer algumas informações referentes à biografia de seu pai.

VOCÊ SABE QUEM FOI?

DR. MANOEL AUGUSTO FERREIRINHA

Residência da família Cervan Frias, que ficava localizada na Rua Manoel Augusto Ferreirinha, antiga Rua Nove, em foto de 1946



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Todos de São Caetano conhecem esta importante rua do Bairro Nova Gerty, que tem seu começo na Avenida Presidente Kennedy e se estende até o Fórum da cidade, próximo à Estrada das Lágrimas. Mas poucas pessoas sabem quem foi Manoel Augusto Ferreirinha, o doutor que dá nome a essa via pública.

Dr. Ferreirinha, como era conhecido, foi um delegado de polícia nomeado para atuar em São Caetano do Sul, na década de 1950. Das informações que obtivemos, sabia-se que era jovem, moreno, alto, de trato afável e enérgico em seus atos, dignificando a repartição policial. Era muito estimado e admirado pela população.

Não permaneceu muito tempo em São Caetano. Vitimado por uma doença fatal, faleceu aos 37 anos de idade, no dia 29 de abril de 1953. Era casado com Anunciata Ferreirinha e tinha um filho único, César Augusto. Está enterrado no Cemitério do Araçá, em São Paulo.

No dia 13 de abril de 1954, foi promulgada, pelo prefeito Anacleto Campanella, a lei nº 422, que alterou a denominação da Rua Nove, que passaria a se chamar Rua Dr. Manoel Augusto Ferreirinha.

Em 29 de abril de 1953, por meio do decreto municipal nº 11, foi instituído luto oficial de três dias pelo falecimento do Dr. Manoel Augusto Ferreirinha.

Por meio do decreto nº 3.095, de 8 de abril de 1968, o prefeito Hermógenes Walter Braido determinou a denominação de Manoel Augusto Ferreirinha à Delegacia Distrital de Vila São José (hoje extinta).

WALTER THOMÉ

Walter Thomé, em foto de 1946



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Circundando o Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida, situa-se a Avenida Walter Thomé, no coração do Bairro Olímpico, antes denominado Vila Monte Alegre Novo.

Walter Thomé nasceu em São Caetano do Sul, em 24 de fevereiro de 1928. Filho e neto de imigrantes italianos, fundadores da cidade, sempre esteve à frente de atividades públicas, filantrópicas, esportivas e políticas. cursou a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, no Largo São Francisco. Dentre tantas atividades, foi publicitário e redator da Inter-Americana de Publicidade S/A.

Lutou pela fundação da Sociedade Beneficente Hospitalar de São Caetano, entidade responsável pela criação do Hospital São Caetano, que iniciou suas atividades em 1954. Em 1946, participou da fundação da Sociedade dos Amigos de São Caetano, instituição que liderou o movimento autonomista que redundou na criação do município, em 1948. Em 28 de julho de 1946, lançava, com Mário Porfírio Rodrigues e Luiz Rodrigues Neves, o primeiro número do *Jornal de São Caetano*. Pela bancada da União Democrática Nacional (UDN) foi eleito suplente de vereador, na legislatura de 1957 a 1961.

Na área de esportes, foi presidente do General Motors Esporte Clube e presidente do conselho do mesmo clube. Walter Thomé faleceu muito jovem, aos 31 anos de idade, em 27 de outubro de 1959, deixando um imenso legado para São Caetano do Sul.

Por meio da lei municipal nº 125, de 12 de maio de 1964, a rua denominada 650, que circunda o estádio municipal, situada na Vila Monte Alegre Novo, passou a ter a denominação de Avenida Walter Thomé.

DOLORES MASSEI

Dolores Massei em foto da década de 1960



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Dolores Massei, nome dado a uma Unidade Básica de Saúde (UBS), situada na Rua Senador Fláquer, nº 134, no Bairro São José. Ramona Dolores Massei, nome de batismo, nasceu na Argentina, no dia 7 de março de 1923. No ano seguinte ao seu nascimento, em 1924, sua família veio para o Brasil e passou a morar em São Caetano. Iniciou seus estudos na Escola Primária Senador Fláquer.

No dia 23 de julho de 1944, com 21 anos de idade, Ramona Dolores casou-se com um comerciante local, Oswaldo Samuel Massei. O casamento foi realizado na Igreja Matriz Sagrada Família.

Seu marido, Massei, elegeu-se vereador logo após a autonomia político-administrativa de São Caetano, em 1948. Foi eleito prefeito de São Caetano do Sul, tomando posse no dia 4 de abril de 1957. Em 4 de abril de 1969, Massei iniciou seu segundo mandato como prefeito.

Como primeira dama, Dolores Massei (como ficou conhecida) presidiu a Associação de Proteção à Maternidade e à Infância (Apami), desenvolvendo campanhas de assistência à maternidade e principalmente à infância desamparada, conseguindo recursos para oferecer enxovais a bebês carentes.

Durante os dois mandatos de seu marido, Dolores participou ativamente de todas as campanhas de Natal das crianças pobres, levando a colaboração da Apami e de um grupo de senhoras da sociedade de São Caetano do Sul. Dolores Massei faleceu em novembro de 2012, aos 89 anos.

O decreto municipal nº 2.711, de 20 de abril de 1966, deu a denominação de Dolores Massei ao Posto de Puericultura existente no Parque Municipal de Vila São José. Em 4 de setembro de 2006, o decreto municipal nº 9.383, denominou Dolores Massei a Unidade Básica de Saúde situada na Rua Senador Fláquer, nº 134.

VOCÊ SABE QUEM FOI?

FRANCISCO FALZARANO

Uma das lojas da rede de supermercados Lev-Pag, fundada por Francisco Falzarano, na década de 1960



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Francisco Falzarano é o nome que foi dado à Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) localizada na Rua Vanda, nº 73, no Bairro Boa Vista. O patrono dessa escola nasceu na Itália, em 5 de outubro de 1907. Vindo para São Caetano, na década de 1950, estabeleceu-se no Bairro Nova Gerty, atuando no comércio de secos e molhados, tornando-se conhecido pelo seu armazém. Posteriormente, expandiu seu ramo de negócios.

Na área esportiva, foi conselheiro do São Caetano Esporte Clube e também membro do antigo Clube Recreativo Esportivo Lazio. Como pessoa ativa no bairro, preocupado com o comércio que ali se desenvolvia, fundou a Sociedade Amigos de Vila Gerty, ocupando os cargos de presidente, tesoureiro e conselheiro da entidade.

Na Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul, ocupou os cargos de presidente e tesoureiro. No final da década de 1950, fundou o Supermercado Lev-Pag S.A., ocupando o cargo de diretor vice-presidente.

Casou-se com Maria Uliana Falzarano e teve três filhos: Claudiney, Orlando e Inêz. Faleceu no dia 31 de dezembro de 1961.

O decreto municipal nº 2.713, de 27 de abril de 1966, denominou Parque Infantil Municipal Francisco Falzarano o parque infantil localizado na Vila Júlia (atual Bairro Boa Vista).

(Cristina Ortega) R

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
EDIÇÕES do *Jornal de São Caetano*.
FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL. *Fundo Social de Solidariedade. Sensibilidade e Equilíbrio*. São Caetano do Sul, 2005.
Site da Prefeitura de São Caetano do Sul.

José de Souza Martins

A primeira esmola da história de São Caetano

No dia 22 de abril de 1760, uma quarta-feira, o padre-gastador do Mosteiro de São Bento, que cuidava das compras e dos pagamentos, anotou, no Livro da Mordomia, que havia dado meia pataca, 160 réis, de “esmola a um velho, nosso administrado, em S. Caetano, estando muito enfermo.” Desde 1631, a Fazenda do Tijucuçu, de São Caetano do Tijucuçu depois de 1717, pertencia aos monges beneditinos de São Paulo e deles será até 1877.

Administrado era a designação abreviada do índio administrado, o índio em cativo. Mas cativo peculiar, muito diferente da escravidão do negro africano ou seu descendente. O negro era coisa e mercadoria, podia ser comprado e vendido. O administrado, não. Desde 1611, os índios em regime de servidão deixavam de ter preço estimativo nos legados inventariais. Não eram bens, eram agregados da família do morto.



Meia pataca de prata, de 1756, do reinado de Dom José I, valor da esmola para um índio administrado de São Caetano, velho e doente, em 1760



Vintém de cobre, de 1735, do reinado de Dom João V, valor da esmola para um pobre, em 1756



Uma pataca de prata, de 1749, do reinado de Dom João V, valor da esmola a um nobre pobre, em 1757

Pouco antes da referida esmola, em 1755, fora aprovado o *Diretório que se deve observar nas Povoações dos Índios do Pará, e Maranhão, enquanto Sua Majestade não mandar o contrário*, cujos efeitos foram estendidos ao Estado do Brasil, em 1757. Por ele, o governo do Marquês de Pombal abolia formalmente a escravidão indígena e expressamente suspendia a eficácia social das diferenças estamentais, que definiam os índios como seres socialmente inferiores, isto é, em troca de trabalho, dependentes de quem os tutelasse, cristianizasse e amparasse.

A eficácia da medida foi regional, embora no conjunto do país tenha tornado nebulosa a situação social dos índios administrados. Em São Caetano e em São Bernardo, os monges de São Bento os encaminharam progressivamente para a condição de foreiros de suas terras e para uma situação de autonomia econômica e de liberdade que os distanciava da situação dos escravos.

Ao mesmo tempo, o *Diretório* mostrou que o escravismo brasileiro estava historicamente situado e acomodado no interior da estrutura social estamental herdada da Portugal de antes da conquista, a qual, na origem, discriminava não só quem não era branco, mas aquele que, além de não ser puro de sangue, tampouco era puro de fé, caso de muçulmanos e judeus, presentes em grande número na Península Ibérica pouco tempo antes do início dos descobrimentos.

Os singulares documentos relativos à história da Fazenda de São Caetano, mas também à do território mais amplo e includente do bairro de São Caetano, e antes dele à do Ti-

jucuçu, são particularmente importantes para a pesquisa no campo da Sociologia histórica. Era da tradição monástica a escrituração dos dados econômicos e dos fatos e crônicas de seu dia a dia. São escritos raros sobre aspectos decisivos da História que tem ficado submersos na história convencional do Brasil.

No caso de São Paulo, são das mais completas memórias sobre a história social da antiga vila, de 1560, cidade a partir de 1711, de que São Caetano fez parte até 1889. Daí que neles se encontre reiterados registros relativos à integração do escravismo no estamentalismo, o que abre uma enorme distância entre as concepções vulgares sobre a escravidão no Brasil e a excepcionalmente complexa realidade da bem documentada escravidão em São Caetano.

Era essa a escravidão de contradições ricas de indícios do possível na decomposição formal de suas relações e personificações. A escravidão com marcas acentuadas do que eram os seus limites, na lenta corrosão de suas formas que decorria da infiltração de características precoces e anunciadoras do capitalismo na Fazenda de São Caetano. A partir de 1730, além de ser uma fazenda dedicada à agricultura e à pecuária, também, e principalmente, era uma fazenda industrial, que combinava escravidão, servidão, trabalho assalariado e colonato por aforamento de terras. Um sistema produtivo baseado em relações de produção e trabalho de datações diversas entre si, as de reprodução de um modo de produzir que ao mesmo tempo carecia de relações laborais que eram anômalas em face da escravidão porque novas e inovadoras. Antecipavam fragmentariamente uma sociedade que só se configu-

raria e consolidaria um século depois, quando da abolição da escravatura no país, em 1888. Já no século 18, portanto, um sistema em crise. O que é essencial para compreender medidas transformadoras e socialmente modernizadoras que os monges adotaram durante 141 anos, que culminarão com a abolição da escravatura nas fazendas beneditinas em 29 de setembro de 1871, dia seguinte ao da Lei do Ventre Livre.

A esmola de meia pataca ao velho índio administrado e enfermo é significativa. Para compreendê-la, em perspectiva sociológica, pode-se compará-la com alguns outros casos da época. Em certo dia de 1758, a um pobre que batera à porta do Mosteiro fora dado um vintém de esmola, vinte réis. O vintém era quantia fixa para esmola aos pobres, como se vê em vários registros, ao longo de muitos anos, suficiente para comprar um pão.

Encontrei uma única variante dessa regra: em 1771, quando o padre anotou: “esmola a uma pobre, que pedia um frango”. Deu-lhe o dobro do habitual, dois vinténs, quarenta réis, equivalente a um terço do preço do frango. O que sugere que essas esmolos pressupunham que outras esmolos fossem obtidas, de diferentes doadores, para alcançar o preço daquilo de que o pedinte carecia. Esse era o sentido da esmola.

O pedido de um frango não é estranho. Os registros relativos a São Caetano mencionam frequentes remessas de frango ou galinha para escravas recém-paridas, um item da dieta alimentar adotada no puerpério. Ou após um aborto, como num caso de 1762, quando a escrava Joana, de São Caetano, recebeu duas galinhas, no valor de 240 réis, por ter sofrido um móvito.

Ou, na ocorrência de diferentes enfermidades, como um surto de varíola, em 1761, quando o próprio feitor a contraiu. Ou ainda, na dieta que se seguia ao purgante, tratamento depurativo frequente, como aconteceu com “Bernardo, de S. Caetano, que tomou duas purgas”, em maio de 1761.

Uma esmola bem no marco da tradição estamental do dote para que uma mulher pobre conseguisse noivo e marido, foi a que o monge deu, em janeiro de 1766, “a uma moça para se casar”, seis tostões, seiscentos réis. Um costume daquelas que tinham origem fidalga.

A diferenciação estamental fica evidente nas esmolos a pessoas nobres, puras de sangue, porém pobres, como essa, que batiam à porta do Mosteiro em busca da caridade dos religiosos. Caso de “um moço limpo, vindo de Portugal”, que recebeu duas patacas de esmola, 640 réis, num domingo também de janeiro de 1766. Isto é, limpo, porque de sangue limpo, sem mácula de sangue “impuro”, de gentios, muçulmanos ou judeus.

Em agosto e setembro de 1757, numa segunda e numa terça-feira, o padre gastador dera esmolos de uma pataca, respectivamente a “um homem grave” e a “uma pessoa grave”, isto é, fidalgos. A pataca valia 320 réis. Uma rara ocasião em que a palavra pessoa foi usada para designar um ser humano. No mais das vezes, quando não cabia a particularização identificadora de escravos e administrados, em referências às despesas regulares de manutenção da Fazenda, usava-se a categoria genérica de gente: “gente do curral do Tijucuçu”, em julho de 1686; ou “gente que trabalha em S. Caetano”, em janeiro de 1759.

Como se vê na documentação histórica desta pesquisa, na São Paulo do século 18, um nobre valia 16 ou até 32 vezes mais que um pobre. Essa é a mais curiosa indicação de que não só era aquela uma sociedade de estamentos, definidos pelos critérios de nascimento e qualidade social, mas de que os estamentos se diferenciavam por signos de qualidade objetivos e mensuráveis. Um leve, mas significativo indício de que as diferenças sociais, qualitativas até o século 17, passavam a ser também quantitativas. Reflexo das transformações econômicas do século do ouro e, portanto, das consequências sociais do lento nascimento do capitalismo entre nós.

O decoro do respectivo estamento impunha ao nobre carências sociais que o pobre não tinha. Estava obrigado a despesas com sua alimentação, que era diferente da alimentação de administrados e escravos. Estes tinham uma dieta centrada na canjica de milho ou no feijão com farinha, até hoje dieta das populações caipiras, isto é, pardas, mestiças de branco e índia, excepcionalmente enriquecida com carne de caça. As pessoas graves incluíam em sua dieta carne, peixe e ovos. Garimpei nos documentos indicações de receitas muito interessantes sobre as diferenças estamentais de alimentação em São Caetano nessa época.

Além do que, o decoro das chamadas pessoas de qualidade as obrigava ao cuidado com sua apresentação pessoal, de que os pobres estavam dispensados. Caso do calçado, que não era luxo. Um escravo ou administrado usar calçado podia ser tomado como acintosamente impróprio e atrevido. O calçado era equipamento de pessoas que, por seu nascimento e sua condição social, não deviam pisar no chão com os próprios pés, deslocavam-se a cavalo, em cadeirinhas ou em redes carregadas

por escravos, geralmente indígenas, pois o escravo africano, sendo investimento de capital e caro, destinava-se ao trabalho produtivo. Na documentação de São Caetano há várias indicações sobre esse aspecto da escravidão aqui. Aliás, nos meados do século 18, escravos negros, de origem africana, mal estavam chegando à capitania de São Paulo, com a expansão comercial da cana e da produção de açúcar, na região de Campinas, para exportação. Por essa época, em São Caetano, os pardos originários da escravidão indígena ainda predominavam sobre os propriamente negros.

A meia pataca de esmola ao índio administrado de São Caetano, velho e doente, confirma o cuidado do padre-gastador com as exigências do decoro e as necessidades diferenciais de cada um, decorrentes das diferenças estamentais. O administrado valia oito vezes um pobre e tinha metade do valor de um nobre. Outro índio administrado de São Caetano, mestre Marcos Bueno da Conceição, feitor dos escravos, com alguma frequência fazia requisições de roupas que, devidamente descritas no rol das despesas, mostram sua preocupação com a apresentação pessoal e, portanto, com as marcas de sua superioridade social em relação aos propriamente escravos. Não será estranho que num litígio do feitor com o padre-fazendeiro, em 1760, acabe sendo ele reconhecido como pessoa que, por certas atividades que desenvolvia na Fazenda era, quanto a isso, e, parcialmente, um homem livre porque dono de seu próprio trabalho. **R**

JOSÉ DE SOUZA MARTINS

É SOCIÓLOGO, MEMBRO DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, PROFESSOR EMÉRITO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA USP. ENTRE OUTROS LIVROS, AUTOR DE *DIÁRIO DE UMA TERRA LONTANA* (FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL), *A SOCIABILIDADE DO HOMEM SIMPLES* (CONTEXTO) E *DE O CORAÇÃO DA PAULICEIA AINDA BATE* (EDITORA DA UNESP/IMPRESA OFICIAL).

Cristiane Gonçalves Pavani

Museu Sagrada Família e a importância da Arte Sacra como elemento de fé e cultura



Foto: Sandra Castiblanco (Museu Sagrada Família)

Poderíamos ter motivos suficientes para tratar do assunto da Arte Sacra observando as igrejas da cidade de São Caetano do Sul, repletas de tradição e historicidade. Mas, ao ser inaugurado o Museu Sagrada Família - Catequese e Arte, situado na Igreja Matriz Sagrada Família, no Bairro Centro, temos ainda mais motivação para tratar de tão nobre tema, que une fé e arte, para proporcionar mais cultura aos munícipes e a todos os seus visitantes.

A Arte Sacra é um dos elementos de estudo que compõem tão vasta disciplina que é a História da Arte e, ao longo do tempo, na evolução da humanidade, artistas anônimos, ou não, têm nos brindado com uma vasta produção artística religiosa de extrema multiplicidade e beleza, que enfatiza sua fé e seu talento artístico.

Antigos filósofos, como Platão e Aristóteles, afirmavam que numa sociedade existem quatro pilares básicos que devem caminhar conjuntamente: a Ciência, a Política, a Religião e a

Arte, tendo como base a Filosofia; por isso, antigas civilizações surgiram com tanto esplendor, como os gregos, os egípcios, os chineses, os mesopotâmicos e tantos outros.

A Arte Sacra, portanto, evoca a junção entre a Religião e a Arte como instrumento da fé, da devoção ao divino e das suas leis. Tal arte nasce nos primórdios do surgimento dos primeiros homens, quando eles descobriram que o universo era regido por leis, que atuavam e determinavam suas vidas, mudando seus hábitos, por exemplo, de nômades para sedentários, e assim começam suas ritualísticas e suas representações da divindade no sentido da verdadeira Religião ('religare'-unção com o divino). Neste sentido, temos que:

Desde os tempos mais remotos, as expressões artísticas tiveram a finalidade de dar forma humana ao divino. Sendo assim, a arte ficou por muito tempo restrita ao mágico. Nas pinturas pré-históricas das cavernas, o homem tentou assegurar-

Em destaque, janela da antiga Casa Paroquial, mantida na estrutura do museu. Ao fundo, a imagem de Jesus Cristo na cruz, em obra do padre Alexandre Grigolli

-se, mediante uma espécie de exorcismo, sua existência e conservação desenhando e abatendo símbolos ou feras de caça. O passo ulterior da representação simbólica leva ao culto dos mortos e à recomendação dos falecidos à proteção de determinadas divindades. Surge a imagem da roda do Sol. Instrumentos do trabalho humano, como por exemplo, o martelo e o machado convertem-se em atributos e símbolos do poder da divindade. Somente mais tarde surgem representações humanas dos deuses, correntes na Mesopotâmia, na Ásia Menor e no Egito, julgadas com rigor em Israel, extremamente refinadas e individualizadas na Grécia. (HEINZ-MOHR, 1994, p. 09)

Uma das representações mais conhecidas foi produzida no chamado período paleolítico, a Vênus de Willendorf, assim nomeada por ter sido encontrada na cidade de mesmo nome, situada na Áustria, foi datada de aproximadamente 24.000 a 22.000 a.C. Conforme estudos, é uma estatueta que representa a fertilidade, a religião da Grande Deusa ou Grande Mãe, uma alusão ao planeta Terra, como nutriz das coisas viventes.



Visitante observa quadros com imagens dos párocos da Matriz Sagrada Família expostos no museu

O Museu Sagrada Família - Catequese e Arte, projeto idealizado e realizado pelo então pároco da igreja, padre Jordélio Siles Ledo, potencializa a necessidade de inserirmos mais cultura em nosso cotidiano, para que possamos enxergar nas obras de arte, simbologias tão caras ao homem, tal como escreveu o psiquiatra Carl Gustav Jung, em sua obra intitulada *O Homem e seus Símbolos*, colocando a ideia dos arquétipos, da maneira como o homem inconscientemente se vê tocado interiormente ao observar, no caso, uma obra de Arte Sacra.

Porque a Arte Sacra só é reconhecida como iconologia se puder remeter o observador a algo elevado, sagrado, ou seja, a Deus. O objeto de estudo da iconologia são as imagens artísticas que representam aspectos ligados às diferentes religiões e mitologias e, se encaixando neste contexto, essas imagens passam a ser chamadas de 'ícones'.

Desta maneira um ícone é algo profundo, de extremo significado e que carrega uma ideia do sagrado, como descrevemos a seguir:

A Igreja Ortodoxa afirma e ensina que a imagem sacra existia desde o início do cristianismo e afirma que a arte é um atributo indispensável. O ícone é uma consequência da encarnação divina. Ele está fundamentado sobre a encarnação que é a própria essência do cristianismo e do qual, por consequência, é inseparável. (TOMMASO, 2017, p. 28)

Todo ícone é carregado de simbologia. O artista sacro, em seu processo criativo, utiliza cores, atributos que trazem aspectos, de acordo com a tradição da iconologia, ligados àquele santo representado, que o identificam.

Ao visitar o Museu Sagrada Família nos enchemos de alegria por constatar o fomento à cultura, na área de Arte Sacra, presente no município a partir da criação da instituição, sendo o primeiro museu com essa temática na região do ABC.

Padre Jordélio relata que ao chegar a São Caetano do Sul para assumir sua missão na Igreja Sagrada Família, em 2007, deparou-se com um local de rara beleza, um patrimônio arquitetônico, carregado de história e de arte. Então surgiu a ideia do museu, que foi sendo amadurecida até se tornar realidade.

Local trabalhado com esmero nos detalhes, nos brinda com uma exposição temporária e outras fixas. Os espaços que encontramos em seu interior, seguindo um percurso catequético, são: Tempo do Querigma (Capela dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo e Espaço da Acolhida); Tempo da Catequese (Galeria Padre Alexandre Grigoli, Galeria São José de Anchieta, Espaço Chuva do Advento, Espaço Vivência: Oficina de Arte, Oratório Santa Rita de Cássia, Galeria Cláudio Pastro e Memorial Missionários Estigmatinos); Tempo da Purificação e Iluminação (Galeria Psicopedagogia Catequética, Cúpula, Memorial aos Catequistas/Artistas, Auditório Padre Ezio Gislimberti, Biblioteca São Gaspar Bertoni e Porta da Fé); e Tempo da Mistagogia (Galeria Irmãos Gentili).

O primeiro passo do percurso, o Tempo do Querigma, refere-se àquilo que é o ponto central da doutrina cristã que deve ser difundida entre toda a comunidade.

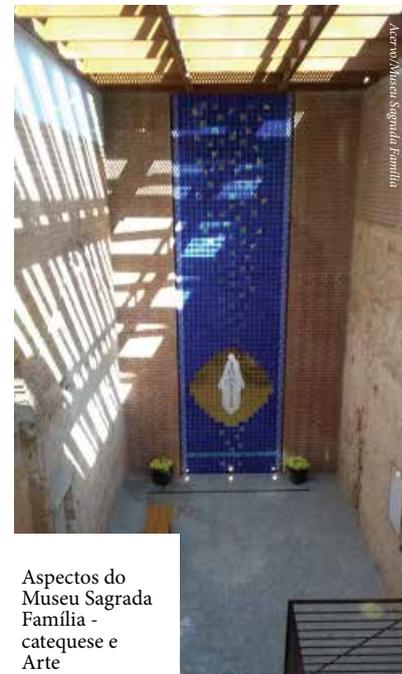
O Tempo da Catequese refere-se à doutrinação, ao ensinamento cristão, no qual a memória histórica ajuda no processo da apuração da fé. A obra azulejada que se encontra no Espaço Chuva do Advento é do artista sacro Cláudio Pastro, reconhecido no Brasil e no exterior, e que tem obras espalhadas por vários Estados, como as que encontramos na Basílica de Nossa Senhora Aparecida. Falecido em 2016, deixou um legado de Arte Sacra importante e sua marca eternizada também em São Caetano do Sul.

O Tempo da Purificação e Iluminação deve remeter à celebração dos sacramentos, como o batismo. Na Galeria Psicopedagogia Catequética um enorme mosaico do artista Lúcio Américo de Oli-

veira nos convida à reflexão de como a fé pode transformar a nossa vida passando por todas as suas fases.

O Tempo da Mistagogia é o ‘mergulho’ nos mistérios de uma religião, lembrando que eles não podem ser compreendidos com a razão, mas sim com um lado intuitivo, que é a fé. Na Galeria Irmãos Gentili podemos admirar a parte interna da igreja toda ladeada pelas pinturas dos irmãos Pedro e Ulderico Gentili que, na década de 1940, retrataram profetas e a Via Sacra de Jesus Cristo em belos testemunhos artísticos.

Segundo tantos autores e o próprio padre Jordélio, a Arte é a mediadora no processo de vivência, que o Museu Sagrada Família pretende incutir aos visitantes. É uma experiência através deste percurso catequético. **R**



Aspectos do Museu Sagrada Família - catequese e Arte



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos Símbolos – Imagens e Sinais da Arte Cristã*. São Paulo: Paulus, 1994.
JUNG, Carl Gustav. *O Homem e seus Símbolos*. 2ª edição especial. Rio de Janeiro: Nova Edição, 2008.
TOMMASO, Wilma Steagall De. *O Cristo Pantocrator - Da origem às igrejas no Brasil, na obra de Cláudio Pastro*. São Paulo: Paulus, 2017.

CRISTIANE GONÇALVES PAVANI

É LICENCIADA EM HISTÓRIA PELA FACULDADE ANHANGUERA E ATUA NO SETOR DE GESTÃO DE DIPLOMAS DA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL (USCS). É SECRETÁRIA DE HISTÓRIA E CULTURA DA ACADEMIA – ESCOLA LIVRE DE FILOSOFIA, DESDE 2010.

André Aparecido Bezerra Chaves

Pecúlio de convicções: uma leitura do emblema das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo

“Ela [a História] parece afetada, em relação a nós, por um coeficiente muito forte de contemporaneidade”¹.

Marc Bloch

As constantes tentativas de se escrever a história de empresas com o propósito de compreender ou solenizar o sucesso empreendedor diante de condições dificultosas, senão adversas, instituídas pelo sistema administrativo lesivo do Estado Brasileiro, assim julgado por grande número de pessoas – quando não pela própria cultura transigente nacional – parece ser opção constante na historiografia, seja nos livros encomendados pelas próprias empresas, que tentam eternizar datas comemorativas, seja por alguns trabalhos acadêmicos, de artigos a teses.

É mais um indício de um fenômeno social evidente nesses dois primeiros decênios do século 21: a euforia liberal. A elite político-econômica propugna a força vitoriosa da livre iniciativa. Manifestam-se através da ex-

tensa propaganda, velada em comentários de “especialistas” convidados nos telejornais, ou em chamadas pagas com o dinheiro dos contribuintes, distribuída pelos principais meios de comunicação de massa – que ganharam contornos apressados e perigosos com a popularização da Internet – e se torna verdadeira esperança para solução dos males com raízes apenas nas entranhas do Estado e da Cultura (quicá a pior neoplasia seja a corrupção).

Pessoas físicas deveriam se tornar pessoas burocráticas, em outras palavras, careceriam passar a ser consideradas jurídicas, que enfrentassem o mercado de maneira eremítica e resolvessem contendas no judiciário comer-

Reprodução de emblema das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo em painel de azulejos que ficava instalado nos muros da fábrica. O original encontra-se no acervo do Museu Histórico Municipal

cial; doravante, leis e benefícios trabalhistas não teriam séria função, convertidos em empecilhos ao crescimento econômico e, desnecessários, deveriam ser desmantelados. Porém, palavras sutis como “reforma” – que denota mudança promovida em algo com o objetivo de aprimorá-lo ou que obtenha melhores re-

sultados – devem ser empregadas para gerar convencimento, evitar contendas e desilusões.

Logo, alguns empresários de vários setores da economia passaram a ambicionar variados cargos nos poderes Executivo e Legislativo. Conseguiram esse objetivo pelos investimentos maciços nas campanhas eleitorais





O menino Ademir João Perrella ao lado da imagem de São Caetano, na Praça Emerlino Matarazzo, em 1963. Ao fundo, o emblema da fábrica se destaca em uma de suas fachadas

em que participaram: uns foram eleitos; outros, indicados para cargos de comissionados.

Nomes de empresários afamados apareceram recorrentemente em altos escalões administrativos e legislativos ao longo da história da República, o que indica a formação de vigorosas bancadas de interesse (“lobistas”); quase sempre nega-se essa prática.

O discurso preferido é o maniqueísta, mais fácil de ser entendido pela população: na presença de disputas insolúveis entre políticos profissionais no interior dos partidos, os empresários apresentam-se como predestinados

a resolver improdutividade com trabalho, peita com lisura, ludíbrio com cinismo.

Como se pudessem deixar de lado as contendas pelos mercados nos quais concorrem seus negócios, esses administradores fariam a gestão do país como grande empresa. Pelo conhecimento científico, robustez no comando e até certa crença de sagração transcendental, conseguiriam criar condições de levar o país (imaginado como uma unidade de brasileiros, sem classes econômicas distintas) à prosperidade. Aparece mais uma vez a mesma concepção mecanicista da sociedade (cada peça em seu lugar, empenhada para que o aparelho funcione regularmente), dessa vez travestida e reforçada com os resultados da inovação tecnológica digital.

Todavia, antes de interpelarmos até que ponto é possível acreditar que esse exercício de poder possa alcançar êxito em sua tentativa, ao mesmo tempo conservadora e devaneadora, caberia averiguar onde encontramos, no passado, elementos institucionais e simbólicos que são convertidos em “herança cultural”.

Nos domínios da memória, entre outros cantos, São Caetano do Sul, no ABC

Paulista, oferece um espetáculo angustiante: as Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo (IRFM). Complexo fabril com unidade nesse município, hoje é ruína. Foi pelos idos de 1917 que as IRFM assumiram os negócios das Fábricas Pamplona e instalaram, progressivamente, diversas produções: sabão, óleos, velas, vidros, pregos, serraria, lubrificantes, rayon, papel, papelão, cerâmica, ácidos, entre outros produtos².

Em sua abundância, chegou a empregar centenas de trabalhadores em seu fabrico, do município e do entorno. Contudo, conheceu perecimento entre as décadas de 1970 e a seguinte³. Nos resquícios das fachadas das fábricas, entre palavras que identificavam o objetivo da montagem, em destaque, o emblema.

Curiosa fonte histórica, não seria prudente lê-lo sob a ótica da heráldica tradicio-

nal, associada aos feitos das famílias nobres ao longo do tempo. Não possui todos os principais elementos constitutivos de um brasão tradicional (timbre, coronel, virol, elmo, paquife, escudo, correiras, listel e divisa). Mesmo reconhecendo que o estudo da heráldica passou a abranger influência na composição de emblemas de outras instituições, e até indivíduos, como também se despreendeu da genealogia, é importante observar que a leitura do escudo congrega elementos e características de seu tempo, momento de manifestações artísticas modernistas.

Ainda que o patriarca do conglomerado tenha recebido título nobiliárquico⁴ (em 25 de julho de 1917, recebeu o título de conde, concedido pelo Rei da Itália, na época Vittorio Emanuele III, em gratidão pelas obras filantrópicas naquele país), não misturou o escudo do sobrenome da família com os negócios,

Durante cerimônia não identificada na Praça Ermelino Matarazzo, chamamos atenção para o emblema das IRFM pintado em um dos portões de acesso



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Catarina do Sul

reservando-o aos espaços privados, como no mausoléu do clã.

Tampouco se enquadra nos conceitos modernos de marca (não é apenas o nome da empresa que a identifica ou a seus produtos e serviços perante os concorrentes), símbolo (desenho ou figura que identifica os produtos e serviços da empresa) ou logotipo (assinatura institucional da empresa com o uso de letras estilizadas).

Neste espaço quase acrônico, na luta para vencer o tempo, por isso encontrado encravado na pedra (em especial o mármore), metal (de preferência, o bronze), estampado no azulejo (vitrificado pelo verniz), é ele quem grita profundo idealismo em seus traços e vocábulos.

Pela origem italiana do homem que arquitetou o majestoso projeto industrial, foi recuperada a forma romana das quatro letras em destaque que formam suas iniciais: IRFM. Grandes e rijas, com terminações designadas patilhas ou serifas, imitam o *SPQR* - *Senatus Populusque Romanus* (O Senado e o Povo Romano)⁵, nome oficial do poderoso império da antiguidade clássica, carregado nos estandartes das legiões conquistadoras, também são comuns em suas plataformas lapidares. IRFM são as iniciais que identificam o conglomerado, capazes de serem reconhecidas até pelos iletrados, tais quais os considerados bárbaros a serem enfrentados, quando não dominados, identificavam fácil as iniciais *SPQR*. Elas tentavam representar a força diante da concorrência capitalista e a amplitude territorial de seu alcance de distribuição. Quaisquer dúvidas sobre o poder da empresa desapareceriam.

Por agregar variada produção agroindustrial em dezenas de municípios do interior paulista, na parte superior, ramos que lem-

bram café brotam com vitalidade, demonstram que em terras paulistas encontraram, em tempos passados não longínquos, solo e clima propícios ao cultivo, e assim puderam labutar com esperança para conseguir o conforto que na península da bota não havia.

Após essa verdadeira cortesia à terra paulista, o emblema apresenta construções de estruturas sobre-humanas: as fábricas da corporação são apresentadas como arquiteturas pensadas para abrigar máquinas de estrutura e força colossais, capazes de produzir muito para um mercado sedento; chaminés desejam tocar um ponto longínquo no firmamento, mas descarregam a fumaça constante, que riscam de frisos grafite as nuvens claras, não como um sinônimo de poluição tributária da hecatombe ecológica em curso - nem se desconfiava disso à época -, mas a certeza que em seu interior tudo se movimentava, produzia.

As condições de trabalho, os salários pagos, indeterminado sentimento de segurança e os trabalhadores não aparecem; a eles, o lugar que lhes cabe no processo produtivo: são outras peças ou ferramentas das engrenagens mecânicas.

Uma locomotiva também em movimento, cristalizada, aparece não apenas como um meio logístico para tantos produtos elaborados pelas tantas fábricas do conglomerado, mas tão veloz na direção do futuro - até parece adiantá-lo - como uma confirmação de que o setor industrial era o principal meio para o desenvolvimento da economia e progresso do país.

As fábricas e a locomotiva são as partes da obra que constituem a maior influência da linguagem estética *Art Déco*, infringindo estreita ligação entre a criação artística e a necessidade de afirmação dos dirigentes do setor industrial.⁶

Por fim, três palavras no idioma dos romanos: *Fides* (fé), não ingenuamente apenas em um Deus que abençoa os católicos no empreendimento, mas credo nas próprias potencialidades; *Honor* (honra), supostamente associa-se à lisura para enfrentar concorrentes nos mais variados mercados e no trato com o Estado; *Labor* (trabalho), única forma de criar riquezas monetárias, valores prioritários para uma sociedade em transformação.

Estas eram as intenções de Don Francesco Antonio Maria, *Il Molto Onorevole Conte Matarazzo* (1854-1937), o patriarca, para o emblema das IRFM. Os ideais liberais construídos desde as revoluções burguesas dos séculos 17 e 18 inspiraram seus criadores, interpretando-os da melhor maneira, a fim de que se ajustassem aos interesses privados de elite, em desvantagem da construção de uma nação socioeconomicamente mais equilibrada.

A superação dessa ideologia, ainda dominante nas elites político-econômicas, que transita inconsciente no tempo, é agravada com a globalização do capitalismo, opção de política econômica iniciada após o fim do socialismo de Estado, entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990, que aumenta a disparidade entre pobres e ricos nos quatro cantos do planeta.⁷

Uma verdadeira democracia nunca se construirá enquanto não se dissolverem o poder de manipulação da opinião pública, oriundo dos meios de comunicação de massa, os negócios escusos entre o capital e o Estado, os interesses de acumulação irrestrita das próprias elites político-econômicas, e o aniquilamento da isonomia devido aos valores milionários das campanhas eleitorais que restringem o acesso dos menos abastados aos cargos públicos eletivos mais importantes.⁸

Nada disso será conseguido sem forte mudança na postura da Educação, especialmente em dois problemas: as pessoas de todas as idades deveriam se mobilizar para enfrentar o descaso ou a negligência aos estudos, tornando-se imunes a todo tipo de superstição, falácia ou hipocrisia; precisariam também se empenhar em fortalecer a imagem e importância do professor, agente fundamental na formação de cidadãos críticos.

É necessário criar uma cultura que valorize o interesse coletivo acima dos interesses privados, seja qual for o sistema político-econômico ativo. **R**

NOTAS

- ¹ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 61.
² GIANELLO, José Roberto. De Fábricas Reunidas Pamplona a Indústrias Reunidas F. Matarazzo. *Raízes*, n. 25, p. 7-9, jul. 2002. MEDICI, Ademir. Migração e urbanização: a presença de São Caetano na Região do ABC. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1993, p. 176-177.
³ NOGUEIRA, Cleber Suckow & TRINDADE, Dorival Paula. *A visão empreendedora no processo de sucessão – o caso das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo* In Site da UNIESP – União das Instituições Educacionais de São Paulo, http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170531142110.pdf. Acesso em 15 fev. 2017.
⁴ NOGUEIRA, Cleber Suckow & TRINDADE, Dorival Paula, op. cit.
⁵ HEITLINGER, Paulo. *Alfabetos – A História da Caligrafia, da Tipografia e da Produção de Tipos, contada e ilustrada por Paulo Heitlinger* (E-book). Lisboa, 2013, p. 74-83.
⁶ CHARLES, Victoria. *Art Déco* (Coleção Folha Mundo da Arte). Vol. 23. São Paulo: Publifolha Editora, 2017, p. 7-14.
⁷ PIKETTY, Thomas. *A Economia da Desigualdade*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014, p. 84-92.
⁸ PIKETTY, Thomas. Diminuição dos impostos, retorno às grandes fortunas In BRAVA, Silvío Caccia (Org.). *Thomas Piketty e o segredo dos ricos*. São Paulo: Veneta, 2014, p. 22-29.
⁹ DAIE, Fábio Salem. Democracia: um projeto de extinção In BRAVA, Silvío Caccia (Org.), op. cit. p. 110-123.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
 BRAVA, Silvío Caccia (Org.). *Thomas Piketty e o segredo dos ricos*. São Paulo: Veneta, 2014.
 CHARLES, Victoria. *Art Déco* (Coleção Folha Mundo da Arte). Vol. 23. São Paulo: Publifolha Editora, 2017.
 GIANELLO, José Roberto. De Fábricas Reunidas Pamplona a Indústrias Reunidas F. Matarazzo. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 25, p. 7-9, jul. 2002.
 HEITLINGER, Paulo. *Alfabetos – A História da Caligrafia, da Tipografia e da Produção de Tipos, contada e ilustrada por Paulo Heitlinger* (E-book). Lisboa, 2013.
 MEDICI, Ademir. *Migração e urbanização: a presença de São Caetano na Região do ABC*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1993.
 NOGUEIRA, Cleber Suckow & TRINDADE, Dorival Paula. *A visão empreendedora no processo de sucessão – o caso das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo* In Site da UNIESP – União das Instituições Educacionais de São Paulo, http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170531142110.pdf. Acesso em: 15 fev. 2017.
 PIKETTY, Thomas. *A Economia da Desigualdade*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

ANDRÉ APARECIDO BEZERRA CHAVES

LICENCIADO E BACHAREL EM HISTÓRIA, É MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP) E DOUTORANDO EM HISTÓRIA ECONÔMICA PELA USP. MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO, É PROFESSOR DO EXTERNATO SANTO ANTÔNIO E DA ESCOLA ESTADUAL CEL. BONIFÁCIO DE CARVALHO.

Renato Donisete Pinto

Luiz Domingos Romano, paixão pelo futebol nas copas

Historiador, pesquisador, colecionador e torcedor mostra acervo temático valioso

Um torcedor... O designer Luiz Domingos Romano, desde criança, acompanhava seu pai e seus tios em jogos de futebol pela várzea de São Caetano do Sul e em estádios do Grande ABC e São Paulo. Torcedor do Palmeiras por influência de seu pai, o massagista Mario Romano, era comum na infância desfilar pelos campos vestido de mascote da equipe alviverde.

Praticou diversos esportes. Jogou basquete, vôlei e foi goleiro de futebol de salão nos tempos de escola e de faculdade. Mas foi o futebol de campo que mais o atraiu. Sua primeira lembrança de Copa do Mundo remete ao ano de 1962, quando tinha 11 anos.

Graças ao bicampeonato mundial, conquistado pela seleção brasileira no Chile, sua paixão pelo futebol só aumentou. “Lembro que nos dias de jogos da seleção brasileira nos reuníamos na esquina das ruas Rio de Janeiro e Doutor Augusto de Toledo para ouvir os jogos pelo rádio que ficava no bar do Chico”. E prossegue nas lembranças: “Éramos mais ou menos umas dez pessoas, entre crianças e adultos. Era muito emocionante, pois as transmissões pelo rádio eram cheias de ruídos, mas torcíamos e gritávamos bastante com a marcação dos gols do Brasil”.



Amostras de sua coleção de selos comemorativos editados no Brasil

Como a Copa do Mundo é tradicionalmente realizada no mês de junho, coincide com as festas juninas e a folia torna-se ainda maior. Com o bicampeonato da nossa seleção em 1962, Luiz Romano não se esquece dos festejos: “Com fogos de artifício e balões, o céu ficava totalmente repleto de balões coloridos, em verde e amarelo”. Dessa forma, teve início a paixão de um grande colecionador pelos campeonatos mundiais.

Da Copa seguinte, realizada na Inglaterra, em 1966, Romano guardou uma preciosidade do seu pai, e possivelmente um dos primeiros itens do seu incrível acervo: um rádio de pilha chamado *London*, produzido pela empresa Voltix, especialmente para este mundial. Por meio desse equipamento ele acompanhou, ao lado de seu pai, o fraco desempenho da nossa seleção, eliminada precocemente com uma derrota para o time português do craque Eusébio. Outro item que herdou do pai foi uma réplica em miniatura da taça Jules Rimet, com os nomes de todos os jogadores das vitoriosas campanhas de 1958-1962 gravados no verso.

O clima de confraternização nos bairros, antigamente chamado de “vilas” era espetacular nos jogos. “Minha mãe costurava as bandeiras com tecido verde e amarelo e distribuía para a garotada e depois estourava pipoca para todo mundo. Era muito divertido.”

Desde então, vem colecionando produtos oficiais dos mundiais. São materiais exclusivos e limitados. Romano possui um fantástico acervo repleto de objetos relacionados à Copa do Mundo: camisas oficiais do Brasil e de outras seleções, pôsteres das equipes, réplicas das taças, latinhas de refrigerantes promocionais, *pins* oficiais, chaveiros, miniaturas das bolas oficiais e

dos jogadores, cachecóis, CDs com músicas comemorativas, mascotes, copos e uma infinidade de produtos. Algumas peças do acervo foram presenteadas por amigos e parentes.

Romano possui todos os selos comemorativos editados no Brasil, com editais e os carimbos do primeiro dia de circulação de cada um deles. Uma raridade para os filatelistas!

Graças aos seus conhecimentos sobre futebol e sua formação em design, Romano, desde o ano de 2006, vem produzindo tabelas da Copa do Mundo, que são distribuídas gratuitamente e disputadas nos estabelecimentos comerciais da cidade. As referidas tabelas possuem todas as datas dos jogos, curiosidades das Copas e um visual gráfico moderno, além de ser um registro histórico do maior torneio de futebol do mundo.

Outro item bastante interessante do seu acervo, são os álbuns de figurinhas. Desde a Copa de 1990, Romano tem os álbuns completos guardados. Todos os grandes craques destes campeonatos estão estampados em raras figurinhas. “Sempre existia uma figurinha que era difícil de encontrar e é muito gratificante quando o álbum é completado”.

Sua paixão pelas Copas é tão grande, que todo ano de mundial ele decora a fachada de seu estúdio de trabalho com belíssimas ilustrações sobre o tema. A enorme generosidade é um dos atributos da sua personalidade. Auxilia diversos pesquisadores, faz circular as informações, inclusive disponibilizou uma parte de seu acervo para a exposição *Copa do Mundo, uma indústria cultural movida à paixão*, realizada pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, no Museu Histórico Municipal, em 2010.

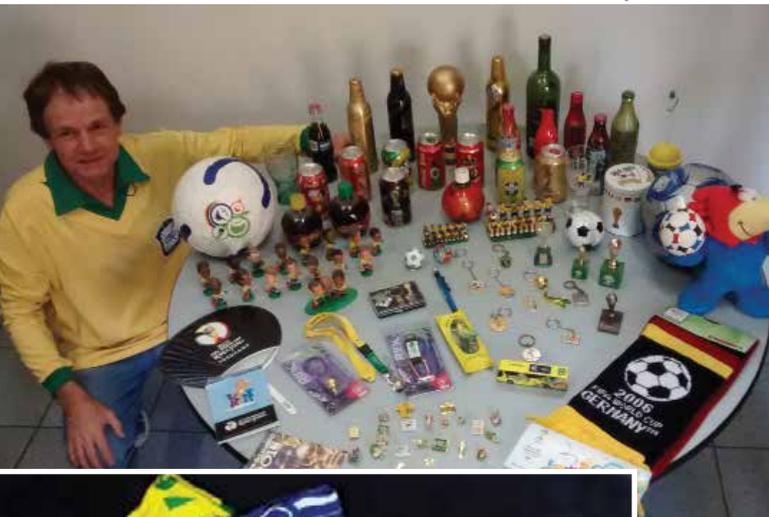
Como não poderia deixar de ser, acompanhou pessoalmente algumas partidas em 2014,



Acervo/Luiz Romano

Luiz Romano em foto de 1952, vestido como mascote do Palmeiras

Fotos/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Romano, em foto atual e vestindo camisa da seleção brasileira de 1962, mostra parte de sua coleção sobre a Copa do Mundo

Coleção de camisas da seleção brasileira do acervo de Romano



Réplica da Taça Jules Rimet, comemorativa ao bicampeonato do Brasil, em 1962, no Chile



Rádio à pilha, modelo *London*, da empresa Voltix, adquirido por seu pai na Copa de 1966, realizada na Inglaterra, e que Romano guarda até hoje

quando a Copa do Mundo foi realizada no Brasil. Além da coleção sobre as copas, Romano é uma referência dos colecionadores de camisas de futebol, especialmente das peças de clubes centenários brasileiros. É membro do Memofut, grupo de estudos da literatura do futebol, e sempre está trocando experiências e informações, aumentando seus conhecimentos futebolísticos.

Para finalizar, aproveita para nos indicar algumas obras essenciais sobre a Copa do Mundo:

Copas do Mundo, das Eliminatórias ao Título

(José Renato S. Santiago Jr. e

Gustavo Longhi de Carvalho);

Enciclopédia Todas as Copas do Mundo

(Orlando Duarte);

O Mundo das Copas (Lycio Vellozo Ribas);

Todas as Copas, de 1930 a 2002 (Editora Lance);

Brasil Penta (Edgardo Martolio);

Almanaque dos Mundiais - 1930 a 2006

(Max Gehring);

Brazil em todas as 19 Copas do Mundo:

1930 a 2010 (Geraldo Affonso Muzzi);

As Copas que ninguém viu:

Histórias e Bastidores

(Solange Nunes Bibas);

Anos 40: Viagem à Década sem Copa

(Roberto Sander);

O Penta também é Seu (Ricardo Corrêa);

55 Maiores Jogos das Copas do Mundo

(Paulo Vinícius Coelho);

A Copa de 2014 chegou (Pancrom News);

Arenas no Brasil: Arquitetura e Engenharia nos Estádios Brasileiros para a Copa de 2014

(Mandarim Editora);

Todas as Camisas e Jogos da Seleção Brasileira desde 1914 (Duda Sampaio). **R**

RENATO DONISETE PINTO

É PEDAGOGO E PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA. MEMBRO DA ACADEMIA POPULAR DE LETRAS DE SÃO CAETANO DO SUL. É AUTOR DO LIVRO *FANZINE NA EDUCAÇÃO* (MARCA DE FANTASIA, 2013).

Marcos Eduardo Massolini

O saudoso Mercado Municipal de São Caetano do Sul

Quem tem 40 anos ou mais e viveu na Barcelona durante os anos 1970 sabe que o bairro já teve um minizoológico. Pois é! Um mini bem mini, é verdade, pois a sua fauna residente consistia em uma arara, já com uma certa idade, uns pássaros coloridos bem chamativos, e um macaco agitado. As jaulas ficavam no jardim do Mercado Municipal, situado na esquina das ruas Conselheiro Lafayette e Tapajós, e vizinho do Idalina (na época EEPSSG Idalina Macedo Costa Sodré). As “jaulas”, na verdade, eram grandes viveiros redondos com grades minúsculas e cimento na base. A arara, apesar da idade, gritava como um papagaio filhote e o seu mau humor geralmente a fazia distribuir resmungos e improperios aos visitantes. Por incrível que pareça, aceitou numa boa a vinda de outra ave da mesma espécie, um pouco mais nova, que chegou já nos anos 1980, e essa nova companhia acabou minimizando seus ataques histéricos.

Meu amigo Leonardo Engelmann foi um dos que testemunharam essa mudança de humor, no caminho do Idalina para casa. Em 1984, ele e seu colega Marco Tulio batiam cartão em frente ao viveiro das araras. Entre brincadeiras e gestuais, sempre cantavam alguma música divertida para as aves – uma das preferidas era *Mate o Véio*, sucesso de Genival Lacerda - que retribuía com movimentos ritmados e até uma tentativa surpreendente de *backing vocal*. Quanto ao vizinho macaco, não era da espécie “prego” mas de vez em quando parecia que lhe faltavam parafusos: vira e mexe ele fazia caretas que lhe impingiam um sorriso forçado na cara e em dias mais elétricos jogava pedacinhos de frutas (entre outras coisas) nos frequentadores, e se algum infeliz se distraía, lá ia ele tentar puxar a mochila, bolsa ou lancheira do incauto.

Mas não julguem com tanta veemência o fato, pois em certos momentos até podia-se dar razão ao símio problemáti-



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul
Banca de variedades (secos e molhados), de propriedade de Hélio Manzarra, dentro do extinto Mercado Municipal, no Bairro Barcelona. Foto de 1979



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul
Interior do mercado, com destaque para a estrutura de alvenaria e azulejos dos boxes



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul
Registro fotográfico do local, na época de sua inauguração, no final da década de 1960

co: alguns mais espevitados entre a gurizada visitante viviam enchendo a sua paciência, gritando sem trégua e jogando papeizinhos pra dentro da sua jaula, entre outras tolices. Em alguns períodos intercalados, a direção do mercado chegou a trazer alguns “moradores” novos, como um legítimo jacaré – que ficou pouquíssimo tempo e acabou sendo transferido para a Cidade das Crianças – e uma família de galinhas d’Angola. Apesar da aparente simplicidade em sua estrutura, o jardim dos bichos era uma atração incontestemente para nós, pequenos barcelonenses. Um dia tiraram o viveiro e as jaulas de lá, e um pouquinho da nossa infância foi junto. Mas o mercado, fundado em 1968, continuou em funcionamento por mais alguns anos.

O nosso “mercadão” tinha seu charme, com seus boxes azulejados, pé direito altíssimo e estacionamento próprio. Junto ao minizoológico, destacavam-se um pequeno bosque e um jardim bem sortido, com árvores frondosas, arbustos e heras bem podadas e flores a gosto. Lá dentro, um grande ponto de encontro no fim de semana era o Bar do Feio, logo na entrada da Rua Tapajós, com a TV sempre ligada e um clima perene de rodoviária; o futebol, claro, era

assunto recorrente, e entre os mais assíduos, destacava-se o seu Jacó, técnico de futebol histórico na região. Nada mais geograficamente certo, pois afinal, além de ser vizinho, fora ali mesmo, no terreno cedido ao mercado, que se manteve por muito tempo o campo do famoso Vasquinho, time treinado pelo próprio seu Jacó. Logo ao lado do bar, ficava a loja de rações (não se falava pet nesta época); o açougue e a casa de frios/laticínios eram famosos no bairro, assim como a adega do seu Virgílio e a quitanda, que com o passar dos anos, passou a ocupar quase todo o espaço central, em boxes recortados de azulejos brancos que propiciavam um movimento de feira ao local.

Havia também a loja de armarinhos – onde comprei muito carretel de pipa e jogador de botão – e a banca de secos e molhados de Helio Manzarra e família, sempre bem frequentada. Vale destacar também a floricultura, no mesmo local por anos, e o estande de aquarismo e pesca, com fregueses vindos de longe em busca de um molinete de qualidade ou mesmo de um belo aquário para peixes de água salgada.

O novo século viu o velho imóvel do mercado ser demolido – em seu estertor, o local virara uma espécie de

sacolão – e por alguns anos o terreno pertencente à prefeitura ficou à espera de um novo destino. Até que em setembro de 2011, com 5 mil metros de área construída, foi inaugurado pela municipalidade, um prédio de arquitetura arrojada, dividido em dois blocos, como sede do Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação (Cecape) Dra. Zilda Arns, que, desde então, vem promovendo cursos, palestras e atividades extracurriculares, direcionadas para os profissionais da educação.

Sempre que passo por lá, admiro as linhas arquitetônicas modernas e o jardim remodelado, no mesmo local do velho “minizoo”, e que ainda mantém algumas árvores frondosas de outrora. O progresso abre alas e as mudanças fazem parte da evolução de uma cidade grande. Mas não custa imaginar que um dia, um belo dia, o rústico e saudoso mercado municipal, com seus burburinhos, ladrilhos e encontros festivos de vizinhos, ressurgirá impávido em algum canto de São Caetano do Sul. **R**

MARCOS EDUARDO MASSOLINI

É JORNALISTA E ESCRITOR. EM 2001 LANÇOU, DE FORMA INDEPENDENTE, O LIVRO *BORBOLETAS ABISSAIS*. MANTÉM O BLOG *ALMANAQUE DO MALU* DESDE 2009 E, NO ANO PASSADO, LANÇOU SEU SEGUNDO VOLUME DE POESIAS, *AURA DE HERÓIS*.

Jorge Henrique Scopel Jacobine

Salas de cinema na Vila de S. Bernardo (1911 - 1930)¹

Criado, oficialmente, pelos irmãos Lumière, em 1895, o cinema difundiu-se rapidamente pelo mundo. Vinculada, inicialmente, a outras formas de lazer, como o circo e o teatro de variedades, a nova curiosidade tecnológica rapidamente se destacou entre tantas outras que se multiplicavam no final do século 19. Atividade majoritariamente

itinerante em sua primeira década (SOUZA, 2001, p. 6-8), a apresentação do então chamado cinematógrafo ocorria em feiras, quermesses, circos, cafés e teatros, sendo marcada pela exibição de diversos filmes de poucos minutos de duração - pequenos documentários, ce-

Jornal *Folha do Povo*, edição de abril de 1928, p. 5

Empresas Reunidas Cinematographicas do Municipio de São Bernardo

THEATRO C. GOMES
S. BERNARDO

CENTRAL e CARUSO
S. CAETANO VILLA

FILMS PARA SEREM EXIBIDOS

3a. feira, 17 -- C. GOMES -- CENTRAL
Disparados BEN TUN YIN -- etc

CAMARADAS E CAMARADAS
f - 00 - -

Cão do Regimento
Produção de WARNER BROS

Dia 26, CENTRAL--Dia 27, C. GOMES--Dia 29, CARUSO

DURANTE ATÉ FIM DE ABRIL

Sabbado, 21 -- FERIADO NACIONAL
Esta Empresa dará um espetáculo em comemoração á grandiosa data Nacional -- aonde vereis WALLACE BEERY e RAYMOND HATTON, em

DOIS AGÜAS NO AR
Filme da PARAMOUNT, a maior obra

GRANDIOSO ESPECTACULO AO POVO CATHOLICO

JESUS CHRISTO

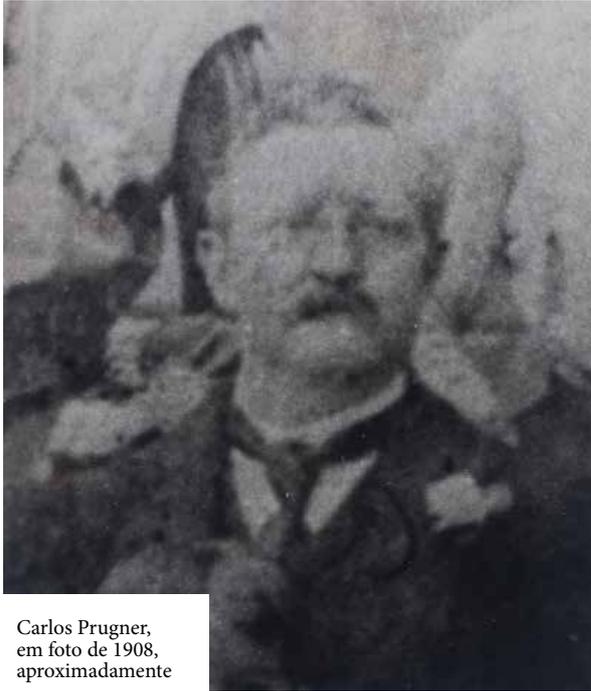
Rei dos Reis

Supper-produção dirigida por CECIL B. DE MILLE

maior esforço desta Empresa para que o municipio de S. Bernardo em peso possa assistir a maior obra sacra que o cinematographo produziu

Este film sera exhibido somente em S. Bernardo

Acervo/Seção de Pesquisa e Documentação - Divisão de Preservação da Memória (PMS/SC)



Carlos Prugner, em foto de 1908, aproximadamente

Arquivo Setor de Pesquisa e Documentação - Divisão de Preservação da Memória (PMSBC)

nas cômicas e dramáticas constituídas geralmente de um único plano. (COSTA, 2006, p. 25-26)

Os exibidores destes primeiros anos do cinema enfrentavam dificuldades, como o transporte de equipamentos, a necessidade de negociar com os proprietários dos estabelecimentos onde apresentavam os filmes, e a renovação do repertório - a produção cinematográfica era pequena e sua circulação ainda não bem organizada. (SOUZA, 2001, p. 2-4), Ocorrida por volta de 1905, a superação desses obstáculos esteve ligada a vários fatores, como a fixação das salas exibidoras, o barateamento do valor dos ingressos, e um grande aumento da produção cinematográfica, marcando o início de uma nova fase na história do cinema, a qual se estenderia até meados da década de 1910. Nos EUA, este processo esteve relacionado ao aparecimento dos *Nickelodeons*, galpões grandes e rústicos que se tornaram locais fixos de exibição cinematográfica a um custo muito baixo, popularizando radicalmente o cinema e abrindo caminho para sua transformação em grande indústria. (COSTA, 2006, p. 25-27). Em

São Paulo, esta nova fase se inicia em 1907, com a inauguração do Cine Bijou-Palace (SIMÕES, 1990, p. 9), sua primeira sala fixa, e se consolida nos anos seguintes com a proliferação de pequenos cinemas por todo o Estado.

É a este grupo de acontecimentos que se vincula, em 1911, o aparecimento da primeira sala de exibição fixa na sede do município de São Bernardo, hoje município de São Bernardo do Campo. Batizado como Cinema Paulista, o salão pertencia aos empresários e políticos Carlos Prugner e José D'Angelo, ambos já eleitos vereadores na cidade, Prugner em três legislaturas consecutivas (1902/1905/1908) e D'Angelo, em duas (1902/1905). A vida social e econômica da sede do município, chamada, na época, de Vila de São Bernardo, se estruturava em torno da Rua Marechal Deodoro e dava, naquele momento, os primeiros passos na direção de sua industrialização. Com uma população pequena e fortemente marcada pela presença dos imigrantes europeus, a cidade abrigava, nessa época, já algumas pequenas indústrias², entre as quais, uma fábrica de cerveja pertencente ao próprio Carlos Prugner. O Cinema Paulista estava situado na esquina das ruas Dr. Flaquer e Marechal Deodoro, esta última que alojava a maioria das pequenas empresas nascentes, além da Praça da Matriz, muitas residências, e quase todo o comércio da cidade.

Uma das principais fontes de informações sobre o Cinema Paulista é o jornal *O Progresso*³, em cujas páginas encontram-se os anúncios publicitários do estabelecimento entre agosto de 1911 e abril de 1912. Por meio desses anúncios, ficamos sabendo que a sala apresentava sessões nos finais de semana, às oito horas, a um custo que variava de 300 réis - para as gerais, aos sábados - até 800 réis, para as cadeiras, nos domingos. A publicidade no jornal anuncia ainda a exibição numa mesma sessão de "12 fitas novas e

selecionadas, algumas de grande metragem”, um conjunto que inclui comédias e dramas. A fim de se especular um pouco mais sobre o conteúdo dessa programação, vale lembrar que, nesse período, eram comuns fitas com duração de 15 minutos, mais longas e sofisticadas - com roteiros mais complexos e montagem de vários planos - do que as produzidas na década anterior. (COSTA, 2006, p. 37)

Pela quantidade de fitas exibidas, é razoável supor que as de “grande metragem” anunciadas se refiram a este padrão de 15 minutos, sendo o restante da programação composto por cenas mais curtas. Nessa época, a empresa francesa Pathé dominava o mercado mundial da produção cinematográfica e ainda fabricava a maioria dos projetores utilizados nas salas de cinema do Brasil, candidatando-se, assim, à origem mais provável, tanto da maior parte das fitas exibidas, quanto dos equipamentos utilizados pelo Cinema Paulista. (SADOUL, 1963, p. 50-53). O *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*⁴ é outro documento que fornece dados importantes sobre o local. Nele verificamos que o valor do prédio era de 8\$000.000, que o salão abrigava 270 pessoas sentadas e obteve, em 1911, um lucro líquido de 600\$000, além de uma receita bruta de 4500\$000. Comparando esses números com os dados listados no mesmo documento, relativos a dezenas de cinemas espalhados pelo interior do Estado – e em especial com o Cine Teatro Carlos Gomes, do distrito vizinho de Santo André – estimamos dimensões modestas para o negócio de Carlos Prugner.

O documento informa também que a sala empregava seis pessoas e que realizou 80 apresentações em 1911. Considerando 500 réis como valor médio do ingresso, podemos, então, estimar a quantidade de ingressos vendidos no ano, obtendo um total de nove mil unidades, e a média de ingressos vendidos por sessão, que

atingiria a taxa de 112,5 - menos da metade da lotação do espaço.

O anuário só volta a mencionar a existência do Cinema Paulista em 1914 e não cita nenhum dado referente ao mesmo, de modo que no momento não podemos dizer com exatidão até quando a sala existiu. Muito provavelmente, o local, assim como inúmeros outros espaços desta primeira geração de salas fixas de São Paulo, não sobreviveu até a metade da década de 1910, momento que marcaria o início de uma nova fase na história do cinema e das salas exibidoras. No único registro oral preservado da memória deste espaço, Henrique Colombo⁵, morador de São Bernardo do Campo, nascido em 1897 e que, portanto, o conheceu em sua adolescência, assim nos relata:

O primeiro cinema estava situado no Salão Prugner (...) onde está agora o Banco Noroeste (...) Era um casarão antigo muito grande. (O proprietário) era o dono de uma cervejaria também. O salão era um bom salão até (...) só que era iluminado a carbureto, não tinha luz elétrica.

Segundo o livro de atas de Câmara Municipal de São Bernardo, em outubro de 1912⁶, o vigário Francisco Dolci era o proprietário de um cinematógrafo e pediu, em benefício da igreja, a restituição dos impostos já pagos sobre a utilização do mesmo (solicitação que foi indeferida pela Câmara Municipal com a justificativa da laicidade do estado brasileiro). O estabelecimento do padre Dolci denominava-se Cine Parochial e sua existência até o ano de 1914 é atestada pelo *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo* e por um depoimento de José D’Angelo⁷, filho de Vicente D’Angelo, que também foi proprietário de um cinema na Rua Marechal Deodoro, sobre o qual o que podemos dizer com segurança é que esteve em atividade por volta do ano de 1914 e foi concorrente do Cine Parochial.

A história do cinema nos anos 1920 é marcada pela hegemonia das grandes companhias norte-americanas, como Fox, Paramount, Metro e Universal, cujos estúdios se concentravam em Hollywood, nos subúrbios de Los Angeles. Estas empresas controlavam a produção, a distribuição e a exibição dos filmes e foram responsáveis pela transformação do cinema em uma das indústrias mais rentáveis do mundo. Controlando entre 60% e 90% do mercado mundial (cerca de 80%, no caso do Brasil), e produzindo cerca de 800 filmes por ano, a indústria cinematográfica americana deste período se caracterizou ainda pelo advento dos “Palácios do Cinema” (grandes e luxuosas salas de cinema) e do *unit system*, marcado pela substituição do diretor pelo produtor no controle da maioria das atividades ligadas à confecção dos filmes. (SADOUL, 1963, p. 197)

Em São Paulo, durante a Primeira Guerra Mundial, devido à escassez de fitas novas importadas, o mercado de exibição cinematográfica passou por sérias dificuldades. (SIRMIS, 2008, p. 73). Para a maior parte deste período não há registro da atividade de salas de cinema na sede do município de São Bernardo.

Também durante a guerra, devido ao progressivo avanço do cinema americano sobre o mercado brasileiro, empresários nacionais que, assim como Francisco Serrador, eram distribuidores e exibidores, se tornaram apenas exibidores, dependentes, desta época em diante, de acordos com distribuidoras para sua sobrevivência no mercado. Em 1920, a hegemonia do cinema americano no Brasil já estava consolidada: dos 1.295 filmes exibidos no ano, 923 eram originários dos Estados Unidos. (RAMOS e MIRANDA, 2000 p. 220)

Na década de 1920, o reaquecimento do mercado de exibição cinematográfica em São Paulo é marcado pela inauguração de várias no-

vas salas (SIRMIS, 2008, p. 77) – em especial o requintado Cine República (1921) - e, já na segunda metade da década, pelo aparecimento dos primeiros luxuosos “Palácios do Cinema”, como o Alhambra (1928), o Paramount (1929) e o Rosário (1929).

Na pequena Vila de São Bernardo – que, impulsionada pelo setor moveleiro, avançava paulatinamente em seu processo de industrialização - surgiram, nesta década, o Cine Enrico Caruso, que depois seria reinaugurado com a denominação de Cine São Bernardo, e o Cine Central, conhecido popularmente como “Cinema do Barbudo”. Ambos se localizavam na Rua Marechal Deodoro, no trecho entre as ruas Padre Lustosa e Municipal, o primeiro no atual número 1.237 e o segundo no 1.315, no prédio que depois abrigaria a sede do Esporte Clube São Bernardo, a sede do Palestra São Bernardo e as Lojas Regina.

O Cine Central pertencia a Luiz Aurílio (apelidado de “Barbudo”), um italiano que foi também comerciante de verduras na Rua Marechal Deodoro. Os registros de impostos da prefeitura⁸ comprovam a existência da sala nos anos de 1924, 1925 e 1927. Embora existam poucos registros escritos de sua atividade, tal cinema é bastante presente na memória popular relativa ao período, sendo lembrado nos depoimentos de diversos moradores. Alguns deles atestam sua atividade num período anterior ao aparecimento do Cine Enrico Caruso. Bortolo Basso⁹ assim relata: “Houve diversos cinemazinhos aí que funcionaram um dia, dois ou três... mas o cinema mesmo que começou a funcionar, o primeiro, eu não me lembro agora o nome da pessoa, eu sei que nós chamávamos ele de ‘Barbudo’, ele era um italiano, ele usava barba, ele tinha o cinema aqui ... aonde existe hoje as lojas Regina, tinha um salão aí, regularzinho (...) o cinema era mudo e nós entrávamos no cinema

e tinha lá um clarinete, uma flauta e, se não me falha a memória, um violãozinho, então, quando se passava o filme, de acordo com o filme, eles tocavam uma música ou tocavam uma valsa, uma marchinha, uma polca.

Segundo Joaquina Firmino de Almeida¹⁰, “Não existia cinema, não existia esporte, não existia nada. Isso até 1920, mais ou menos, quando começou (...) o cinema do Barbudo”.

O marceneiro João Gava¹¹, que frequentou a sala na infância, afirmou que “o cinema do Barbudo, eu fui assistir a diversos filmes lá,(...) (durante), mais ou menos, uns dois meses. Aí ia ter um espetáculo no palco e primeiro ia passar um filme, mas a máquina não funcionava de jeito nenhum (...) aí pararam com o filme e anunciaram o espetáculo no palco. Era uma companhia cujo nome não sou capaz de lembrar agora. E daquela época o cinema nunca mais funcionou (...). Mas ficou na história . (Dizia-se): - ‘Hoje vou no cinema do Barbudo! - Hoje vou no cinema do Pasin!’ Aí ficou só o cinema do Pasin, (...) era muito melhor, muito mais moderno. Era mais novo. O cinema do Barbudo não tinha cadeira, era banco de madeira. Agora o cinema do Pasin já era cadeira. Só que eram cadeiras soltas e a gente que era molecada ganhava entrada para limpar o cinema quando passava filme. Era o tempo do Buck Jones, Lon Chaney, Boris Karloff, Tom Mix, O Gordo e o Magro, o cachorro Rin-tin-tin – que era famoso, Greta Garbo. O preço da entrada era dez tostões, a meia entrada era 500 réis. Não podia um cobrar mais do que o outro porque se não ninguém ia”.

Em 1928, o Cine Central já não aparece nos livros de impostos da prefeitura e, sendo possível que sua sede já estivesse ocupada pelo recém-criado Esporte Futebol Clube, é provável que tenha sido 1927 o último ano de funcionamento do estabelecimento de Luiz Aurilio.



Já o outro cinema da cidade neste período, o Cine Enrico Caruso, aparece no *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*¹² desde o ano de 1920. Inaugurado com capacidade para 280 espectadores, esta sala realizou 59 sessões cinematográficas neste primeiro ano e 99 no ano seguinte. Em 1928, o espaço já comportava 550 espectadores, cinco funcionários (em 1920, eram três) e exibia aumentos de 500% no valor de seu prédio e de 76% na sua receita bruta (comparada à de 1921), dados estes que indicam que, provavelmente, o local passou por reforma no período.

Em 1924, o Enrico Caruso aparece nos registros de impostos da prefeitura¹³ como pertencente aos irmãos José Pasin e a Artur Gianotti, sendo que o último era também proprietário do Cine Carlos Gomes, em Santo André. Entre 1925 e 1928, a sala pertenceu apenas a José Pasin e seus filhos, entre 1929 e 1930 aparece registrada em nome de Oscar Azevedo Marques, e, no início dos

O Cinema Paulista estava situado na esquina das ruas Dr. Flaquer e Marechal Deodoro. Esta imagem dos anos 1940 registra o local e, possivelmente, o prédio onde funcionou este cinema. Na época, tal prédio abrigava uma agência do Banco Noroeste. Nos anos 1950, o imóvel foi demolido para dar lugar ao primeiro grande edifício da cidade, construído para ser a nova sede daquele banco

anos 1930, seria reinaugurada com o nome de Cine São Bernardo (CALDEIRA, 1937, p. 23), passando as décadas seguintes sob o comando de Francisco Miele.

Depois da Vila de São Bernardo ter passado cerca de cinco anos sem nenhuma sala de cinema, a ampliação do Enrico Caruso no decorrer da década de 1920 e sua coexistência com o Cine Central durante alguns anos parecem refletir a participação da região no processo de crescimento do mercado de exibição cinematográfica que se verificava também na capital. No entanto, não são claras as causas do desaparecimento do Cine Central e da posterior estagnação do mercado local nas próximas duas décadas, com a presença de apenas uma sala exibidora. O fim do espaço pode estar ligado aos seguintes fatores:

1 – Neste período existia uma tendência de melhoria nas condições de conforto e higiene das salas, a qual estaria ligada ao processo de incorporação das classes médias e altas ao público regular dos cinemas, o qual, em anos anteriores, seria constituído pelas camadas mais pobres da população, que estariam dispostas a enfrentar as condições mais rústicas das salas da época. (SCHVARZMAN, 2005). A possível reforma do Enrico Caruso pode ter sido uma resposta a esta tendência, que o teria colocado em situação privilegiada em relação ao concorrente, absorvendo sua fatia no mercado.

2- Um anúncio no jornal¹⁴ para exibição, na Semana Santa, da grande produção *Rei dos Reis*, de Cecil B. DeMille, indicava que o Enrico Caruso funcionava associado a outros cinemas da região do ABC, por meio das Empresas Reunidas Cinematográficas do Município de São Bernardo. Esta associação pode ter sido determinante para o acesso mais rápido aos filmes com maior potencial de público. Uma vez que os acordos de distribuição eram fundamentais para a sobrevivência das salas no período, a ausência

do cinema de Aurílio nesta associação pode estar entre os motivos do seu desaparecimento.

Esse mesmo anúncio indica ainda que, mesmo trabalhando em conjunto, os cinemas do ABC apresentavam uma programação atrasada em cerca de um mês em relação à da capital paulista, evidenciando a posição secundária em que se situavam dentro do circuito exibidor. Além de *Rei dos Reis*, o Cine Enrico Caruso programou neste mês *Dois Águias No Ar*, sendo que ambos os filmes estrearam em São Paulo em março do mesmo ano. **R**

NOTAS

¹ A produção deste texto é parte das ações ligadas a uma pesquisa sobre a história das salas de cinema em São Bernardo do Campo, desenvolvida na Seção de Pesquisa e Documentação - Divisão de Preservação da Memória (Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo).

² Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO BERNARDO. *Livro do Imposto de Indústrias e Profissões*, 1910. Acessível no Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

³ A coleção do jornal *O Progresso*, entre o período de abril de 1911 e maio de 1912, se encontra disponível para consulta no acervo da Seção de Documentação e Pesquisa - Divisão de Preservação da Memória (PMSBC). Ainda na mesma coleção aparecem outros registros das primeiras atividades cinematográficas no município. Na edição de 30 de julho de 1911, foi publicado um anúncio da Festa de São Bernardo, no qual, entre diversos eventos programados - todos a se realizarem no largo da Matriz - está uma "projeção cinematográfica", marcada para às 19h. Em maio de 1912, existe um anúncio semelhante relacionado à festa do Divino Espírito Santo. Estas apresentações nos remetem aos anos do cinema itinerante, período em que as quermesses eram um dos principais espaços das apresentações cinematográficas.

⁴ Cf. REPARTIÇÃO DE ESTATÍSTICA E ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*. São Paulo: Tip. do Diário Oficial, 1911 - 1914. O documento menciona a existência do "Cinema Parochial", nos anos de 1913 e 1914.

⁵ COLOMBO, Henrique. Depoimento, 23 out. 1978. Seção de Pesquisa e Documentação - Divisão de Preservação da Memória (PMSBC).

⁶ Cf. CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO BERNARDO. *Livro de Atas da Câmara Municipal do Município de São Bernardo*, p.110, 114-115. Acessível no Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

⁷ Cf. D'ANGELO, José. Depoimento, 17 dez. 1976. Seção de Documentação e Pesquisa - Divisão de Preservação da Memória (PMSBC). Trata-se do neto do José D'Angelo que foi sócio de Carlos Prugner.

⁸ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO BERNARDO. *Livro do Imposto de Indústrias e Profissões - 1924/1931*. Acessível no Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

⁹ Cf. BASSO, Bortolo. Depoimento, 17 dez. 1976. Seção de Documentação e Pesquisa - Divisão de Preservação da Memória (PMSBC).

¹⁰ Cf. ALMEIDA, Joaquina Firmino de. Depoimento, 18 mai. 1978. Seção de Documentação e Pesquisa - Divisão de Preservação da Memória (PMSBC).

¹¹ Cf. GAVA, João. Depoimento, 2 mai. 2013. Seção de Documentação e Pesquisa - Divisão de Preservação da Memória (PMSBC).

¹² Cf. REPARTIÇÃO DE ESTATÍSTICA E ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*: Tip. do Diário Oficial, 1920.

¹³ Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO BERNARDO. *Livro do Imposto de Indústria e Profissão - 1924/1931*. Câmara Municipal de São Bernardo. Acessível no Museu Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

¹⁴ Cf. FOLHA do Povo, abr. 1928, p. 5. Seção de Pesquisa e Documentação - Divisão de Preservação da Memória (PMSBC).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALDEIRA, João Netto. *Álbum de São Bernardo*. São Paulo: Organização Cruzeiro do Sul, 1937.
- COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro Cinema. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). *História do cinema mundial*. Campinas: Papirus, 2006.
- RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luís Felipe de. *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- SADOUL, George. *História do cinema mundial*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963.
- SCHVARZMAN, Sheila. Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 49, 2005.
- SIMÕES, Inimá. *Salas de cinema em São Paulo*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.
- SIRMIS, Anista. *Estado e cinema no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2008.
- SOUZA, José Inácio de Melo. Francisco Serrador e a primeira década do cinema em São Paulo. 2009. Disponível em < http://www.memocine.com.br/index.php/downloads/doc_download/33-francisco-serrador-e-a-primeira-decada-do-cinema-em-sao-paulo>. Acesso em: 11 fev. 2010.

JORGE HENRIQUE SCOPEL JACOBINE

É FORMADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA USP (2002). DESDE 2003, TRABALHA NA SEÇÃO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO - DIVISÃO DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO BERNARDO DO CAMPO, DESENVOLVENDO ATIVIDADES NA ÁREA DE PRESERVAÇÃO, PESQUISA E DIVULGAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL.



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Show no Cine Lido (antigo Cine Urca), localizado na Rua Manoel Coelho, realizado em 1962. Ao microfone, Antonio Russo ao lado dos artistas da Rádio Nacional. No palco, aparecem ainda, da esquerda para a direita: Carlos Alberto da Nóbrega, Ronald Golias e Manoel da Nóbrega



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Grupo musical composto por Ricardo Ferrante, Atílio Vicentini, Otaviano e Virgílio Grandini. Foto de 1922



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Catarina do Sul

Alunos do Grupo Escolar Sylvio Romero, em foto da década de 1940



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Catarina do Sul

Na década de 1970, foram instalados parquímetros na Rua Santa Catarina, no Bairro Centro. Na imagem, em frente à Papeleria Pacheco, o aparato desperta a atenção dos pedestres, que paravam para conhecer a novidade



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Casal Olderige Zanon e Dolores Ruisseco Zanon. Ele foi um dos primeiros farmacêuticos da cidade. Inaugurada em 1928, a Farmácia Monte Alegre, de sua propriedade, ficava na Rua Amazonas, nº 122. Foto da década de 1930

Procissão de Santo Antonio, no Bairro da Fundação. Ao centro, padre Alexandre Grigolli. Década de 1920



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Aspecto do Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida em construção no início da década de 1960. As obras foram encomendadas pela prefeitura por ocasião dos Jogos Abertos do Interior, realizados em São Caetano em 1964



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Corporação Musical Santa Cecília, em desfile pelo Bairro da Fundação. Ao fundo, vista lateral da Igreja São Caetano. Foto da década de 1940

Alunos do Parque Infantil Fortunato Ricci, localizado no Bairro Barcelona. À esquerda, a professora Maria Luiza Pilotto de Carvalho. Foto da década de 1970



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Grupo de jovens em sala de aula da Escola Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho, em 1968. Foram identificados: Mauro Chekin, Ademir Arantes, Gilberto Bortolino, Riberto Carlovich e Aires Dionkinos



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Posto 5, posto de gasolina que pertencia a Roland Plínio Dall'Antonia, um dos primeiros estabelecimentos no ramo de combustíveis de São Caetano do Sul, localizado no cruzamento da Avenida Goiás com a Rua Amazonas. Foto da década de 1950



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Primeiro carro particular em São Caetano do Sul, em 1958, de propriedade de Antonio Caparróz Guevara. Na imagem, em segundo plano, foram identificados: Júlio Marcucci (à esquerda) e Nelson Infanti (de chapéu, à direita). Em destaque, estão: Guevara (à esquerda) e Paulo Pimenta (à direita)



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Avenida Tijuçussu, ainda sem asfalto, no Bairro Olímpico. Foto da década de 1950



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Loja de roupas denominada Casa dos 80, que ficava localizada na Avenida Conde Francisco Matarazzo, ao lado da estação ferroviária, no Bairro Centro. Foto da década de 1950



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Primeiro Cross-Country em São Caetano do Sul, na década de 1980. Na prova de 1.600 metros, a imagem mostra os atletas passando pelo antigo Buracão da Cerâmica, que depois deu lugar ao Espaço Verde Chico Mendes

ACERVO

Narciso Ferrari

Corinthinha faria 85 anos

Se ainda estivesse em atividade, no dia 1º de junho de 2018, o Atlético Corinthians Futebol Clube, o famoso Corinthinha, time de futebol que fez parte do cotidiano de muitos moradores de São Caetano, teria completado 85 anos. Para rememorar um pouco de sua história, resgatamos trechos de artigo publicado na revista *Raízes* nº 27, de julho de 2003, de autoria de Narciso Ferrari. Do acervo de Ferrari também são as duas imagens que complementam o texto.

“Um grupo de jovens apaixonados por futebol, em sua maioria torcedores do SC Corinthians Paulista, reuniu-se na noite de primeiro de Junho de 1933, na residência do sr. Manoel Neves e de sua abnegada e torcedora esposa, dona Albertina, na Rua Pernambuco, 250, local da primeira sede, com a finalidade de fundar um clube de futebol. (...)

Por unanimidade foi dado o nome de Atlético Corinthians Futebol Clube, usando as cores branca e preta, assim como o homônimo da capital. A diferença estava no distintivo. (...) Jogou, entre os anos de 1937 e 1938, 101 partidas amistosas, das quais perdeu 13, empatou 12 e venceu 76. Como a campanha foi vitoriosa, em 1939 passou para a categoria de esporte, da qual faziam parte atletas adultos, e disputou vários torneios (...).

(...) Até o ano de 1943, quando se filiou à Liga Santoandreeense de Futebol, o clube disputou 132 jogos, perdendo 14, empatando 19 e vencendo 99 vezes. No campeonato da Liga de Santo André, o Corinthinha, como era carinhosamente chamado, sagrou-se bicampeão com equipe principal e com o segundo quadro, fazendo frente a times como Mecânica, Lázio, Vila Alpina, Cruzada e outros.

Aos domingos, os torcedores e simpatizantes do bairro lotavam o campo, que não era fechado. Nesse

ano, as três ligas de futebol do ABC deram início a um torneio entre os campeões de cada cidade. O Corinthinha sagrou-se campeão por dois anos consecutivos.

Em 1955, o Corinthians Paulista promoveu um torneio chamado Torneio Inter-Corinthians, do qual participaram dezenas de clubes com o nome de Corinthians, sendo que o Atlético sagrou-se campeão. (...) Foi campeão de vários torneios, como por exemplo o Torneio Início da liga local. Uma escalação que marcou época foi, sem dúvida, Bebê, Valdemar Braido e Ênio, Danilo Casareggio (Máquina), Antônio Benites e João Guita (Mono), Lúcio Perin, Perez, Paleco, Ângelo Perin (Garnisé) e Natalino.(...)

(...) Vários atletas do São Caetano EC, quando se desligavam do clube, preferiam defender o Corinthinha. Entre esses, destacaram-se Loris Cersósimo, Hélio, Lauro (Bolão), Otávio Fiorotti, Aristides Balsamo (Vinte e sete), Danilo Casareggio (Máquina), Francisco Fiali, Milton Pavin, Antônio Moraes (Andó), Antônio Chiorlin, Duílio Buzzo, Gallo e Jaime Gardezani (Ninim). O clube revelou para o São Caetano Esporte Clube o lateral direito José Fiorotti, que defendeu também a Portuguesa de Desportos e a Seleção Paulista, além de Luiz Fernando Figueiredo, conhecido como Canhotinho, que se transferiu para os Estados Unidos a fim de defender um clube local e acabou constituindo família. (...)

(...) O local do campo de futebol, primeiramente, era a Rua Santo Antônio, esquina com a Rua Pernambuco (...). Depois se transferiu para a Rua Pitagoares. Na sequência foi para o cruzamento das ruas Major Carlos Del Prete e José do Patrocínio (...). Finalmente, foi transferido para o cruzamento das ruas Pernambuco e José do Patrocínio.

No final da década de 40, foi instituído, pelo cantor Toni Tonini, num festival no Cine Max, concurso para a votação do Clube mais Simpático da Cidade. O título foi dado ao Corinthinha, que também foi assim reconhecido pelo Jornal de São Caetano (...).”

O Corinthinha encerrou suas atividades de futebol de campo em 1977. Manteve espaço para bocha e futebol de salão até 1987, quando deixou de existir.



Equipe do Corinthians no campo do São Caetano Esporte Clube, em 1950. Da esquerda para a direita, em pé, vemos: José Del Poente, Hermínio Maniasso, Octávio Cavana, Armando Ramello, Bebê, Romeu Negro, Ênio Bergamini, Francisco Fiali, Armando Benitez, Bruno Gaspari e Renato Braido. Agachados, estão: Miguel Perin (Briguela), João Guita, Rosalino, Ângelo Perin (Garnisé) e Lúcio Perin



Equipe no campo do Atlético Corinthians Futebol Clube, logo após sua fundação, na década de 1930. Da esquerda para a direita, em pé, vemos: Miguel Nobile, Odone Tosetti, Lino Galo, José Fiorotti, Luiz Pavin, Bendazolli, Grigoletto, Ângelo Herrerias, Alberto Rossini e Francisco Garcia (Paco). Agachados, vemos: Durval Fregnani, Alberto Ribeiro, Pasquale, Osvaldo Garcia (mascote Paquito), Zaca Ribeiro e Lôlo

ACERVO

Família Martins

A história de uma empresa cinquentenária na área contábil

Há 53 anos, em 1965, na Rua Carlos Campos, no Bairro Centro, foi fundada a Isotec Escritório Contábil e Financeiro, uma organização contábil que se propunha a prestar serviços personalizados a micro e pequenas empresas, predominantemente de São Caetano do Sul.

O fundador Antônio Albano Martins nasceu em São Paulo, no dia 29 de setembro de 1940. Mas foi a pequena São Caetano do Sul que ele escolheu para casar e estabelecer seu negócio. Esteve à frente do escritório com sua esposa, Louzilda Ferreira Martins (nascida em 8 de dezembro de 1947), por 20 anos. Martins foi também fiscal de tributos da Fazenda do Estado de São Paulo.

A Isotec Escritório Contábil e Financeiro acompanhou os diferentes períodos econômicos enfrentados pelo país e pela cidade. Com seus serviços personalizados, tornou-se uma organização consolidada de referência na prestação de serviços contábeis e de assessoria empresarial.

Atualmente, estabelecido em sede própria na Rua Rio Grande do Sul, nº 307, o escritório é gerenciado por Elaine Cristina Martins Cabral – primogênita dos três filhos do casal, filha que cresceu em meio aos desafios contábeis da época. Os outros filhos são Ana Cristina Martins e Antonio Albano Martins Júnior.



Registro do casamento de Antônio Albano Martins e Louzilda Ferreira Martins, realizado no dia 13 de julho de 1968, na Igreja Matriz Sagrada Família



Antonio Albano Martins em seu escritório, em imagem do final da década de 1960



Colaboradores da Isotec, em imagem de março de 1994. Em primeiro plano, estão: Rita Cristina Sartorello (à esquerda) e Célia Regina Codello. Atrás, aparecem: a filha do casal, Elaine Cristina Martins Cabral, (à esquerda) e Carlos

ACERVO Carmem Sanches

Família Sanches em São Caetano

João Sanches Martins (no original, Juan Sanchez Martinez), nascido em Granada (Espanha) em 16 de dezembro de 1904, e Carmem Esteves Fernandes, natural de Botucatu (São Paulo) e nascida em 28 de novembro de 1906, casaram-se em 1926. Na década de 1930, passaram a morar em São Caetano. Os pais de Martins, Rafael Sanchez Urutia e Maria Martinez instalaram o primeiro armazém de secos e molhados do Bairro Nova Gerty.

Carmem e Martins tiveram dez filhos: João, Américo, Osvaldo, Emílio, Maria, Rafael Getúlio, Wilson e Ana Libertad. No início da década de 1930, João Sanches Martins trabalhou como cobrador na São Paulo Tramway Light and Power Company, empresa que operava bondes elétricos. Por dois períodos de sua vida (de 1937 a 1938, e de 1940 a 1943), atuou como motorista na Fábrica de Chocolates Pan.



João Sanches Martins com uniforme da São Paulo Tramway, em foto de 1932



Martins (o primeiro, à esquerda) após realizar uma entrega da Fábrica de Chocolates Pan em uma praia de Santos. Foto da década de 1940 (aproximadamente)

Rafael Sanchez Urutia e Maria Martinez, ao centro, durante passeio em parque de São Paulo, na década de 1930



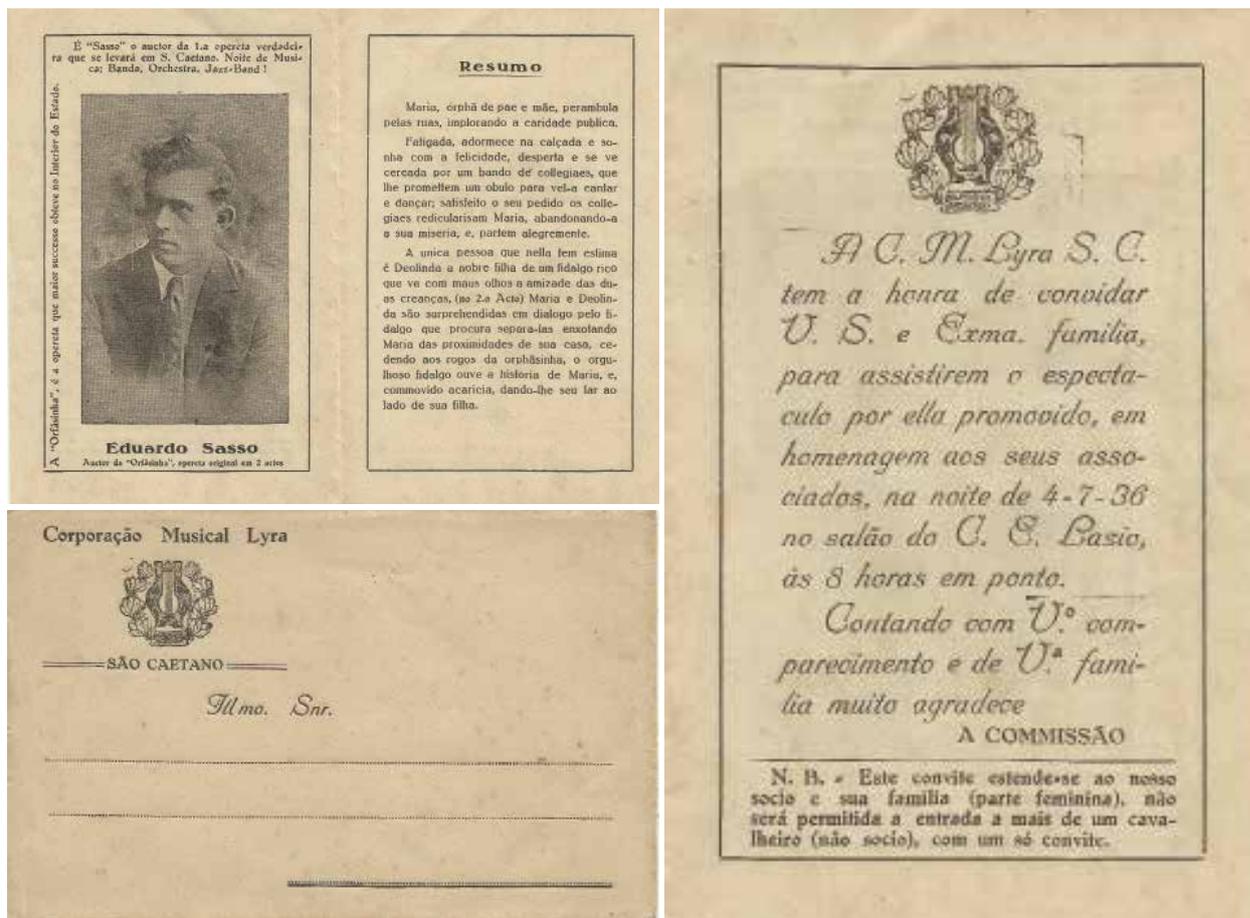
Filhos e netos do casal em praia do litoral paulista. Vemos, em pé, a partir da esquerda: Wilson, Carmem (esposa de Martins), Maria, Osvaldo (neto), Osvaldo, João e Wanda. Sentados, estão: Ana Libertad, Américo, Vera Lúcia, Lucia, João, Getúlio e João Sanches Martins. Foto de 1957

ACERVO

Oscar Garbelotto



Equipe de vôlei do Clube Atlético Centenário na quadra do General Motors Esporte Clube. Em pé, a partir da esquerda, foram identificados: Stefano Wolinec, Valdir Galo, Dinho, Darci Prado, Lino Ceschin e Oscar Garbelotto (o último, de camisa). Agachados, aparecem: Gilberto Bueno, Nelson de Paula e Ronaldo Perrella. Foi o primeiro clube local filiado à Federação Paulista de Voleibol. Disputou o Campeonato Paulista de 1957, tendo obtido a terceira colocação



Convite para apresentação da opereta
A Orfãzinha, de Eduardo Sasso, em 1936
DOAÇÃO FAMÍLIA SASSO / OSCAR GARBELOTTO



Cartão de Natal da Corporação Musical Lira São Caetano
DOAÇÃO FAMÍLIA SASSO / OSCAR GARBELOTTO

EXPOSIÇÕES VIRTUAIS

SITE FPM	De janeiro a julho, a Fundação Pró-Memória promoveu uma exposição virtual a cada mês. O ano começou com a mostra <i>Vamos à Praia?</i> , no mês de janeiro, que reuniu imagens de momentos de descontração de moradores da cidade no litoral paulista. Em fevereiro, imagens aéreas e panorâmicas integraram a exposição <i>São Caetano do Sul Vista de Cima</i> . Para celebrar o Dia Internacional da Mulher (8 de março), <i>Quebrando recordes e tabus: mulheres esportistas de São Caetano do Sul</i> , destacou a participação feminina em diversas modalidades esportivas tradicionais na cidade.	
JAN-2018 A JUL-2018	O Dia da Polícia Militar (21 de abril) foi comemorado com a mostra <i>Polícia Militar, coragem e bravura</i> , que apresentou flagrantes de atividades da Polícia Militar em São Caetano. Outra corporação, o Corpo de Bombeiros, foi tema da mostra de maio, já que, no dia 26 desse mês, comemora-se o Dia Internacional do Bombeiro. Puderam ser vistas imagens que retratam desde o início da atuação da corporação na cidade, em 1966, até flagrantes de ocorrências, treinamentos e eventos das unidades locais em décadas mais recentes. O mês de junho foi dedicado à exposição <i>Ao som das bandas e fanfarras</i> . Esses organismos musicais e de dança são tradicionais em São Caetano e a mostra retratou flagrantes de apresentações e desfiles. Para comemorar o aniversário da cidade, a exposição virtual do mês de julho resgatou imagens antigas dos 15 bairros que compõem o município.	

PROJETOS

FPM	<p>O Jogo da História de São Caetano</p> <p>Lançado em março de 2018, o <i>Jogo da História de São Caetano</i> foi baseado no livro <i>A História de São Caetano</i>, lançado pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul em 2015, e reimpresso em 2016. Distribuída aos alunos do 3º ano do ensino fundamental da rede municipal, a publicação convida os pequenos leitores a conhecer o passado da cidade, percorrendo diversos acontecimentos que influenciaram a história local. Textos curtos, simples e objetivos, aliados a ricas ilustrações, levam os leitores a conhecer mais a sua cidade e despertam o gosto pelo estudo da história do município. Como forma de chamar a atenção das crianças, a Fundação Pró-Memória desenvolveu esse projeto, que consiste em um jogo de tabuleiro e outro 'no chão' que, além de estimular noções de estratégia e raciocínio lógico, irão apresentar a história do município, em caráter lúdico e divertido.</p> <p>A ação teve sua estreia no programa da Prefeitura de São Caetano, <i>Governo em Movimento</i>, realizado no Bairro Boa Vista, em 10 de março, com enorme sucesso de público. E participa de todas as edições, desde então. Além disso, todos os participantes do <i>Encontro com a História</i> (programa de visitas monitoradas de alunos de escolas da cidade aos espaços da Fundação Pró-Memória com palestras e reuniões) também contam com a iniciativa, auxiliando ainda mais no conhecimento.</p>	
MAR-2018 A JUL-2018		

PROJETO CIDADÃO DA HISTÓRIA

No primeiro semestre de 2018, a Fundação Pró-Memória deu andamento ao projeto *Cidadão da História*, que é realizado como parte do programa *Governo em Movimento*, promovido pela Prefeitura Municipal de São Caetano. Registramos, a seguir, os bairros contemplados no segundo semestre do ano, e os moradores, estabelecimentos comerciais, indústrias e entidades homenageados.



Bairro Boa Vista

MUNÍCIPES - ANTONIA BENEDITA DE ARAUJO - ANTERO ANTONIO SILVA E MARIA EMILIA FURTADO SILVA (CASAL) - APARECIDA FERNANDES GASPAR - AURORA PUGLIESI CARRILHO - DELCIDE LUCIA ROSSETE VELCEZIA - ENRIQUE APARECIDO DE OLIVEIRA E LIDIA DE OLIVEIRA (CASAL) - ERCILIA MARIA CONSANI BIASI - FUMIE GOTO KAWAKAMI - MARIA LUIZA ALVES BENTO - OLIVIA ROSSE LOPES | **ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS, INDÚSTRIAS E EMPRESAS** - BAR E MERCEARIA DO BARBA (HUMBERTO JENUARIO DA SILVA) - CALFA COMERCIAL (ROGÉRIO CALFA ANTÔNIO) - CHELES ROTISSERIE & RESTAURANTE (ROBSON TREVIZOL) - QUIMINAC INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA (MIGUEL ANTÔNIO SINKUNAS) - SANKA SPORTS (JOSÉ ETORE) - VIPE - VIAÇÃO PADRE EUSTÁQUIO LTDA (FÁBIO EUSTÁQUIO SILVEIRA) | **ENTIDADES** - 1ª IGREJA BATISTA FILADÉLFIA EM SÃO CAETANO DO SUL (PASTOR PRESIDENTE JOSÉ FRANCISCO TABORDA).

ESCOLA MUNICIPAL DO ENSINO FUNDAMENTAL PROF. DECIO MACHADO GAIA

10 MAR-2018



Bairro Barcelona

MUNÍCIPES - ALVARO PEDROSA DE ALENCAR - CÉLIO RAGASSI RICCI E JUREMA DE ALMEIDA RICCI (CASAL) - CLAUDINIR BARRETO DA SILVA - DIESEL CORRÊA BUZELLI E TERESINHA SENTINI BUZELLI (CASAL) - FELICIA JULIANI - ISABEL PEREZ DE BARROS - JOAQUIM FRUCTUOSO GUTIERREZ E TEREZA DE OLIVEIRA GUTIERREZ (CASAL) - MARIA APARECIDA FERNANDES DE CAMARGO - NEIDE SIANFRA FRIAS - ODÉSIS LEAL DE FIGUEIREDO E VILMA GONÇALVES LEAL DE FIGUEIREDO (CASAL) - PAULO ELIAS TACLA MARCHESAN E MIRIAM GIANOTO MARCHESAN (CASAL) - RAUL TEIXEIRA - TADASHI KONNO E LYGIA UNGARETTI PALEU KONNO (CASAL) | **ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS, INDÚSTRIAS E EMPRESAS** - CHALANA UNIFORMES (NEIDE MONTEIRO GAZOLA) - COOP- COOPERATIVA DE CONSUMO - (BRUNO MORIL) - DIAUTO (JAYME GILBERD) - SAPECA BILHARES (ANA MARIA MORENO RICCI) - NEZI CABELEREIROS (NEZI DE SOUZA PEREIRA) | **ENTIDADE** - IGREJA BATISTA BARCELONA (PASTOR ONÉSIMO RIBEIRO DE SOUSA).

ESCOLA MUNICIPAL DO ENSINO FUNDAMENTAL 28 DE JULHO

14 ABR-2018



Bairros Jardim São Caetano e Mauá

BAIRRO JARDIM SÃO CAETANO: MUNÍCIPES - ANA MARIA MAGDALENO BITOLO - ARMANDO OSTE - CAETANO BREZOLINI - CLÉLIA ROSA DE ARAUJO RUI - CONCEIÇÃO CICCARELLI - EDSON VENTURA E MARIA NEIDE BURKHARDT VENTURA (CASAL) - ENRICO SANTAVICCA - FRANCISCA DA ROCHA BORTOLETO - JAIR ANTUNES PEREIRA E CELINA MONTE ALEGRE ANTUNES PEREIRA (CASAL) - MAURICEA CASTELLANOS SOUZA - SERGIO JAIME BRIANEZ - TEREZA BUTINI ORQUISA | **ENTIDADES** - ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES NO LOTEAMENTO CITY DO BAIRRO JARDIM SÃO CAETANO (ODAIR APARECIDO MACHADO DE MORAES) - ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL - 40ª SUBSEÇÃO DE SÃO CAETANO DO SUL (DR. ADILSON PAULO DIAS).

ESCOLA MUNICIPAL DO ENSINO FUNDAMENTAL ÂNGELO RAPHAEL PELLEGRINO

12 MAI-2018



BAIRRO MAUÁ: MUNÍCIPES - AMERICO NARDELLI - CELIO BISSOLOTTI - CLAUDIO PRIETO E JANETE MENDES PRIETO (CASAL) - EVA DA CONCEIÇÃO GRECHE - FILADELFO PEREIRA DE SOUZA - IGNEZ ELDA PIVATO LOPES - MARIA APARECIDA DE CARVALHO DESTRO - NAIR BATISTA SIMÕES - ODAIR VITURI - ROSALINA GOBI CAT'TINNE | **ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS, INDÚSTRIAS E EMPRESAS** - ELLOFER PRODUTOS SIDERÚRGICOS LTDA (ISMAEL RODRIGUES PIRES) | **ENTIDADE** - IGREJA BATISTA MEMORIAL (RODRIGO BERNARDES BURHALS).

<p>ESCOLA MUNICIPAL DO ENSINO FUNDAMENTAL LAURA LOPES</p> <hr/> <p>26 MAI-2018</p>	<p>Bairro Prosperidade</p> <p>MUNÍCIPIES - ALVARO BERALDO - ANTONIA MORANTE SERRANO - ASSUNTA BERALDO NONATO - ATAIRSON COELHO ROSA E MARIA DE FATIMA GONÇALVES ROSA (CASAL) - CLAUDIO DE PAULA E CLOTILDE SFORCINO DE PAULA (CASAL) - GERALDO PEREIRA DO AMARAL E IVONETE FERNANDES DO AMARAL (CASAL) - ISABEL AGUIAR NUNES - MARCILIO VIEIRA E DORACI DEL VECCHIO VIEIRA (CASAL) - MARIA JULIA VIEIRA - NORMA GOMES DA COSTA - PEDRO FAUSTINO NUNES - RUBENS JOSÉ TERCIOOTTI - THEREZINHA MACCARE PELEGRINE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS, INDÚSTRIAS E EMPRESAS - BAR E LANCHES 312 (NELDECI ROCHA PRATES) - MECÂNICA PRIMO'S CAR (SIVONALDO JOSÉ DE LIMA) ENTIDADES - IGREJA EVANGELICA ASSEMBLEIA DE DEUS- MINISTÉRIO DE MADUREIRA (PASTOR JOSÉ SERGIO SANDALO) - PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA PROSPERIDADE (PADRE LUIS CARLOS FRANCISCO) - UNIÃO JABAQUARA FUTEBOL CLUBE (EDMAR PEDRO DA SILVA).</p>	
--	---	---

<p>ESCOLA MUNICIPAL DO ENSINO FUNDAMENTAL LEANDRO KLEIN</p> <hr/> <p>23 JUN-2018</p>	<p>Bairro Nova Gerty</p> <p>MUNÍCIPIES - ARLINDO BIZUTI - DARIO FERREIRA - GERALDINA DOS SANTOS SILVA - JOSE ELOY DE OLIVEIRA - JOSE JAYME E MARIA RAQUEL JAYME(CASAL) - JOSÉ RAMOS DOS SANTOS - MARIA NICE COELHO - ODECIO FAVERO E SUELI DALLA PASCHOA FAVERO (CASAL) - OSVALDO FRANCISCO DA CRUZ E MARIA IVONE PACINI DA CRUZ (CASAL) - OSVALDO SIMÕES LOURO - ROSA D'AMARO FRANCISCO - SALVADOR MARZANO NETTO - TABAJARA JOSE CASAL DEL REY - TOMOE NOZAKI - VAIR GOMES DE LIMA ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS, INDÚSTRIAS E EMPRESAS - AUTO ONIBUS E MOTO ESCOLA LEO LTDA ME (LEONILDO LEO MARTINEZ BACANELLI) - DISTRIBUIDORA DE BEBIDAS HS LTDA (HUMBERTO AMADO SUKADOLNIK) - HORTI-FRUTI J.F.K (JOÃO FIGUEIREDO E JACILEIDE FIGUEIREDO) - NATURAL COMÉRCIO DE POLPA DE FRUTAS E PRODUTOS ALIMENTÍCIOS LTDA (JORGE MACENA DE OLIVEIRA) - NO LIMIT'S CENTRO AUTOMOTIVO LTDA ME (DJALMA DAMAS DA SILVA) - ZÉ DA SHALAKO CALÇADOS (JOSÉ ANTONIO MONTILHA) ENTIDADE - IGREJA BATISTA VOZ DE CRISTO (CLAUDEMIR CANGANE).</p>	
--	---	--

VISITAS

<p>FPM</p> <hr/> <p>JAN-2018</p>	<p>Oscar Garbelotto</p> <p>O advogado Oscar Garbelotto visitou a Fundação Pró-Memória no dia 9 de janeiro. Um dos fundadores da instituição e seu primeiro presidente, Garbelotto foi recebido pelos funcionários e trouxe vasto material fotográfico e iconográfico, além, claro, de muitas histórias e passagens pelos seus mais de 50 anos de funções públicas em São Caetano do Sul.</p>	
<p>FPM</p> <hr/> <p>MAI-2018</p>	<p>Mário Dal'Mas</p> <p>No dia 14 de maio, a Fundação Pró-Memória recebeu a visita do líder autonomista Mário Dal'Mas. Na pauta, histórias sobre sua vida e seu papel importante na emancipação de São Caetano. Também participaram do encontro José Luiz Cabrino e Vitorio Dal'Mas, além de alguns integrantes da Fundação Pró-Memória.</p>	

EVENTO



Fala das Profundezas – Uma Leitura Encenada

Realizada nos dias 23 e 24 de junho, no Espaço Cultural Casa de Vidro, a leitura encenada teve como objetivo apresentar ao público a dramaturgia da peça inédita *Fala das Profundezas*, bem como compartilhar o processo de desenvolvimento desse texto com experimentações cênicas que deem perspectivas de sua montagem teatral. *Fala das Profundezas* tem autoria e direção de Gabriel Cândido. Nascido em São Caetano do Sul, foi contemplado, em 2017, pelo Proac de Incentivo à Criação e a Publicação de Dramaturgia da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo e é o novo trabalho do Núcleo Negro de Pesquisa e Criação (NNPC). Após a realização da leitura encenada, houve um bate-papo com o público sobre os temas apresentados e o seu processo de criação, além de roda de samba e lançamento do livro que apresenta o texto encenado. A atividade teve apoio da Fundação Pró-Memória e do Conselho da Comunidade Negra de São Caetano.

ESPAÇO CULTURAL CASA DE VIDRO

JUN-2018

PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS



Seminário Cultura no Grande ABC

No dia 6 de março, a Fundação Pró-Memória participou do lançamento da pesquisa Cultura no Grande ABC, realizado no Sesc Santo André. A estatística, produzida pela consultoria JLeiva Cultura & Esporte e realizada pelo instituto de pesquisa Datafolha, ouviu 1595 pessoas nas cidades do ABC com o intuito de aferir os hábitos culturais da população. São Caetano foi o município em que os habitantes mais têm acesso e utilizam as atividades culturais.

SESC SANTO ANDRÉ

MAR-2018



Projeto Audiovisual Educação Jovens e Adultos

A historiadora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Cristina Toledo de Carvalho, participou, na noite de 20 de março, de sabatina com a turma do ensino fundamental I da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal de Ensino (EME) Vicente Bastos, localizada no Bairro São José. A entrevista fez parte de um projeto audiovisual multisseriado desenvolvido pelas turmas da EJA sobre a questão étnico-racial e a história de São Caetano.

Tendo como base seu livro *Migrantes Amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)*, lançado pela Pró-Memória em 2015, Cristina conversou com os cerca de 10 alunos participantes sobre a influência dos nordestinos na construção e na história do município e também sobre demais fatos históricos como a fundação da cidade e questões culturais e sociais.

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO VICENTE BASTOS

MAR-2018

<p>PINACOTECA MUNICIPAL E SAGUÃO</p> <hr/> <p>MAI-2018</p>	<p>Semana de Saúde Mental</p> <p>A Fundação Pró-Memória, por meio da Pinacoteca Municipal, participou da Semana de Saúde Mental, organizada pela Secretaria Municipal de Saúde, com uma exposição, que ficou no saguão da Pinacoteca, de 14 de maio a 15 de junho, e uma roda de conversa, no dia 14 de maio, com base no projeto <i>Arte como Apoio Terapêutico</i>. A roda de conversa teve como tema <i>Arte como instrumento terapêutico no tratamento de usuários da rede de saúde mental</i>. Entre os convidados, a psicóloga Simone Martinez Barbero, do Centro de Triagem Neonatal e Estimulação Neurossensorial Dr. Tatuya Kawakami, e o supervisor do Caps Infantojuvenil Sé Amorzeira, Anderson de Oliveira Silva.</p>	
<p>USCS – CAMPUS BARCELONA</p> <hr/> <p>MAI-2018</p>	<p>13ª Universidade Aberta</p> <p>A Fundação Pró-Memória participou de mais uma edição do projeto <i>Universidade Aberta</i>, desenvolvido pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs). Realizado de 21 a 26 de maio, teve como tema: <i>De Casa Grande & Senzala à Declaração Universal dos Direitos Humanos na sociedade contemporânea</i>. Para estar de acordo com o tema do projeto, a Fundação Pró-Memória produziu e expôs um vídeo que abordou a questão da escravidão na história de São Caetano, além disso, os presentes tiveram oportunidade de interagir com o <i>Jogo da História de São Caetano</i>. A participação da instituição também se deu por meio da oficina <i>Vista essa camisa – Sou Humano</i>.</p>	
<p>BIBLIOTECA PAUL HARRIS</p> <hr/> <p>JUN-2018</p>	<p>Professor José de Souza Martins lança livro</p> <p>Em 9 de junho, o professor e sociólogo José de Souza Martins lançou a segunda edição de seu livro <i>Moleque de Fábrica – Uma arqueologia da Memória Social</i> (Ateliê Editorial, 2018). O evento, promovido em parceria com a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, foi realizado na Biblioteca Municipal Paul Harris. Na ocasião, Martins proferiu a palestra <i>A alienação na São Caetano operária – o lado oculto da memória</i>.</p>	

EXPOSIÇÕES

<p>ATELIÊ PEDAGÓGICO – ESPAÇO CULTURAL CASA DE VIDRO</p> <hr/> <p>NOV-2017 A MAR-2018</p>	<p>ENREDO - Caminhos da Linha, com Eduardo Nunes</p> <p>Nesta exposição, aberta em 18 de novembro de 2017, o desenrolar da linha gráfica nos surpreendeu a cada obra. O ilustrador Eduardo Nunes não se prende a um tema único, o desafio é transformar em linhas, rostos, objetos, monstros, animais e tudo que, de forma exuberante, estimula o olhar desavisado dos que olham e não enxergam o mundo. A visitação foi prorrogada até 1º de março de 2018.</p>	
---	---	---



Exposição da Escola de Artes Visuais da Fundação das Artes

Registrar a paisagem urbana por meio da linguagem da aquarela, tendo como objeto de observação os bairros de São Caetano foi o projeto realizado pelo grupo de arte sobre papel, em 2017. O exercício foi desenvolvido por alunos do ateliê de artes visuais durante o programa *Bairro a Bairro*. A exposição ficou em cartaz durante todo o mês de janeiro de 2018.

HALL DO COMPLEXO EDUCACIONAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
JAN-2018



Estudos - Colette Pujol

Colette Pujol (1913-1999), importante artista brasileira, dedicou-se tanto à pesquisa como à arte-educação. Nesta exposição, o visitante pôde conhecer um pouco do processo criativo e artístico tanto da artista como da professora. O acervo exposto pertence à Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul e foi formado a partir de doações do Espaço Colette Pujol, entre os anos de 2005 e 2017. A exposição ficou em cartaz na Pinacoteca de 8 de fevereiro a 13 de abril.

PINACOTECA MUNICIPAL
FEV-2018
A
ABR-2018



3D

Em parceria com o Escritório de Arte, esta mostra reuniu uma coletiva de oito artistas que trouxeram aspectos poéticos e sutis, brincando com os materiais, formas, espaço e a imaginação. A exposição ficou em cartaz na Pinacoteca de 8 de fevereiro a 13 de abril.

PINACOTECA MUNICIPAL
FEV-2018
A
ABR-2018



Objetos no tempo

Mostra voltada ao público infanto-juvenil, teve como objetivo mostrar a evolução dos objetos eletrônicos, ou não, e criar um ambiente lúdico e interativo. Ficou em cartaz no Museu Histórico Municipal de 1º de fevereiro a 29 de março.

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
FEV- 2018
A
MAR-2018



Humanus – Luiz Pasqualini versus Antropologia

A Fundação Pró-Memória apresentou o jovem artista sul-são-caetanense, Luiz Pasqualini. Nesta mostra, foram reunidas 22 de suas obras, em óleo sobre tela, que retratam, de maneira realista, rostos de amigos, familiares ou pessoas que ele achou interessantes. Em 2017, Pasqualini foi premiado em seis salões de arte no interior e litoral de São Paulo. A visitação aconteceu de 17 de março a 19 de maio.

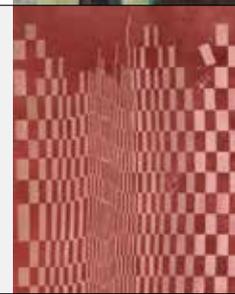
ATELIÊ PEDAGÓGICO – ESPAÇO CULTURAL CASA DE VIDRO
MAR-2018
A MAI-2018

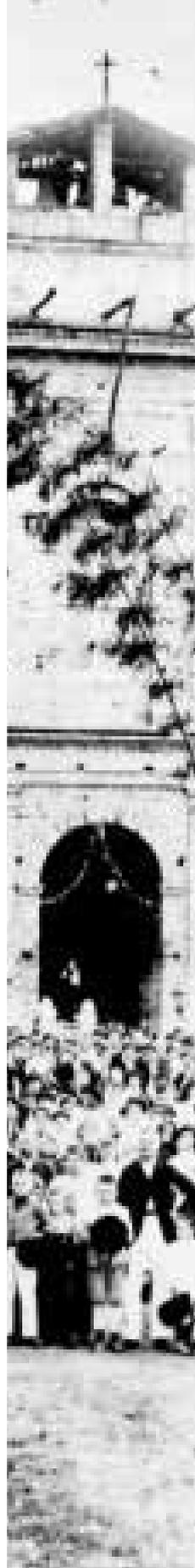
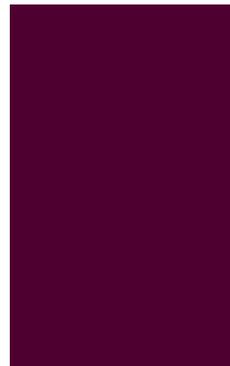
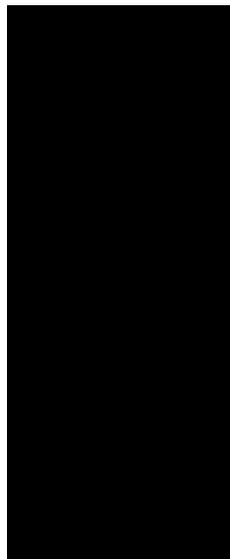
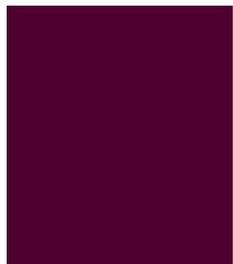


São Caetano do Esporte

A exposição retratou o esporte de São Caetano desde os primórdios do século 20, passando pelas grandes conquistas estaduais e nacionais e as atividades esportivas municipais. A mostra ficou em cartaz de 11 de abril a 27 de julho.

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
ABR-2018
A
JUL-2018

<p>PINACOTECA MUNICIPAL</p> <hr/> <p>ABR-2018 A JUL-2018</p>	<p>Os primeiros 50 anos - Exposição comemorativa da Escola de Artes Visuais da Fundação das Artes</p> <p>Em parceria com a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, a exposição, realizada na Pinacoteca Municipal, apresentou a produção artística que permeou a Escola de Artes Visuais da Fundação das Artes desde sua criação. Visitação de 26 de abril a 13 de julho.</p>	
<p>SAGUÃO DA PINACOTECA</p> <hr/> <p>MAI-2018 A JUN-2018</p>	<p>Arte como apoio terapêutico</p> <p>Fruto do programa educativo <i>Arte como Apoio Terapêutico</i>, apresentou objetos produzidos em visitas à Pinacoteca Municipal pelos pacientes do Centro de Apoio Psicossocial (Caps). A exposição ficou em cartaz de 14 de maio a 15 de junho.</p>	
<p>ESPAÇO CULTURAL CASA DE VIDRO</p> <hr/> <p>MAI-2018 A JUN-2018</p>	<p>Elifas Andreato – A Arte Negra na Cultura Brasileira</p> <p>A exposição, que tem apoio da Secretaria de Estado da Cultura, trouxe obras que representam o papel do negro na sociedade por meio da arte e da cultura e celebra os 130 anos da abolição da escravatura no país. Além de <i>Menino e Bandeira</i>, uma de suas ilustrações mais icônicas. A exposição ficou em cartaz de 25 de maio a 10 de junho.</p>	
<p>ESPAÇO DO FORNO</p> <hr/> <p>JUN-2018 A JUL-2018</p>	<p>Brinquedos e brincadeiras</p> <p>A Fundação Pró-Memória, em parceria com a Escola Villare, apresentou, de 12 de junho a 13 de julho, a exposição, no Espaço do Forno. Com base nos importantes conceitos de memória, história e cultura, os alunos realizaram um percurso de pesquisa e investigação sobre os brinquedos e brincadeiras da infância de seus pais.</p>	
<p>PINACOTECA MUNICIPAL</p> <hr/> <p>JUL2018 A OUT-2018</p>	<p>Mutações</p> <p>A Pinacoteca Municipal realizou a abertura, no dia 26 de julho, da exposição <i>Mutações</i>, uma coletiva de nove artistas, com expressões e técnicas que estimularam a reflexão subjetiva sobre a obra de arte, evidenciando como o contemporâneo rompe com alguns aspectos da arte acadêmica e moderna. A exposição fica em cartaz até 11 de outubro.</p>	
<p>ESPAÇO DO FORNO</p> <hr/>	<p>Cerâmica São Caetano: a história de um patrimônio da cidade</p> <p>Depois de revitalizado no início de 2018, o Espaço do Forno recebeu nova exposição no fim do primeiro semestre desse ano. A mostra apresenta uma cronologia da indústria, destacando aspectos que caracterizaram a atuação da Cerâmica São Caetano.</p>	
<p>ESPAÇO CULTURAL CASA DE VIDRO</p> <hr/> <p>JUL-2018</p>	<p>Vivências</p> <p>No dia 14 de julho, a Fundação Pró-Memória realizou a abertura da exposição <i>Vivências</i>, que reuniu obras dos artistas Fabrício Urbaneja, Henrique Camargo, João Alberto Tessarini e José Ignácio Mendes. A mostra teve como tema a anatomia de um urbanismo com cabeça, tronco e membros.</p>	





**Fundação
Pró-Memória
de São
Caetano
do Sul**

Avenida Dr. Augusto
de Toledo, nº 255

(11) 4223-4780
De segunda a sexta-feira,
das 8h às 18h



**Pinacoteca
Municipal**

Avenida Dr. Augusto de
Toledo, nº 255

(11) 4223-4780
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h,
e sábado, das 9h às 13h



**Museu
Histórico
Municipal**

Rua Maximiliano
Lorenzini, nº 122

(11) 4229-1988
De terça a sexta-feira,
das 8h às 17h,
e sábado, das 9h às 13h



**Centro de
Documentação
Histórica**

Avenida Dr. Augusto de
Toledo, nº 255

(11) 4223-4780
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h



**Espaço Cultural
Casa de Vidro –
Ateliê
Pedagógico**

Praça do Professor
(altura da Av. Goiás,
nº 1.111)

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 16h

(Possibilidade de agendamento
em horários alternativos)



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



PREFEITURA DE
São Caetano do Sul